



MARIA HELENA ANDRÉS

FAMÍLIA

Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs Memórias e viagens www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br

e Minha vida de artista www.mariahelenaandres.blogspot.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo de sua autobiografia, Maria Helena recorda histórias de seus pais, avós e antepassados, dos irmãos e primos, das casas em que passou a infância, da escola onde descobriu sua vocação para as artes. Relembra seu encontro e casamento com Luiz Andrés e as viagens à fazenda em Entre Rios de Minas.

As memórias pessoais e familiares dos 46 anos que se passaram entre 1961 - sua primeira viagem internacional aos Estados Unidos, até o ano de 2007- sua mais recente viagem à Índia - estão relatadas nos capítulos de sua autobiografia que tratam das viagens para os Estados Unidos, Europa, América Latina, o Oriente e a Índia.

Em alguns episódios dessa história familiar encontram-se menções à sua vida artística e suas viagens, já que esses aspectos são interligados. Em sua história mais recente, a partir de 2010, este capítulo registra eventos marcantes, tais como casamentos de netos, aniversários, migrações na família e festas.

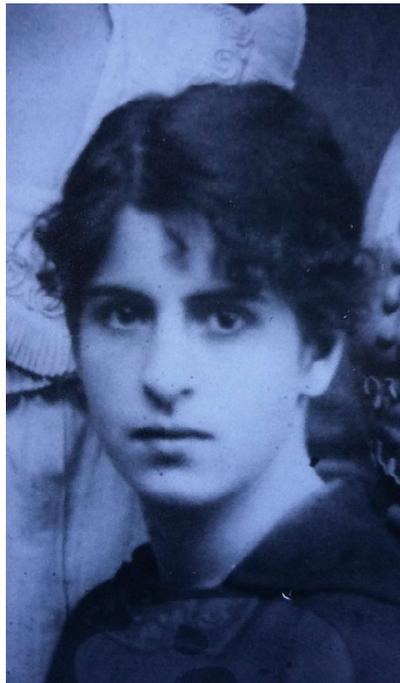
Maurício Andrés

SUMÁRIO

1. MEMÓRIAS DO RIO	6
2. MINHA AVÓ RITINHA	8
3. ALGUMAS HISTÓRIAS DO SERRO	10
4. SERRO I	12
5. SERRO II	15
6. MEMÓRIAS DE VASSOURAS	19
7. RETRATO DOS ANTEPASSADOS	21
8. MONTANHAS E MEMÓRIAS	25
9. HISTÓRIAS DE UMA CASA	27
10. ACIDENTE I	29
11. MINHA INFÂNCIA	30
12. FRAGMENTOS DE UM PASSADO FELIZ	33
13. EULER DE SALLES COELHO E O SILÊNCIO DA MEDITAÇÃO	35
14. MEMÓRIAS DO GOLPE DE 30	38
15. TIO PETRÔNIO	39
16. TIO ZIRO	42
17. MEU ENCONTRO COM SANTOS DUMONT	43
18. MEMÓRIAS DO COLÉGIO SACRÉ COEUR DE MARIE	45
19. O CASTELINHO	47
20. FESTAS, NOIVADOS E CASAMENTOS NA DÉCADA DE 40	49
21. SOBRE LUIZ ANDRÉS I	51
22. SOBRE LUIZ ANDRÉS II	54
23. ACIDENTE II	58
24. VIAGENS DE TREM	60

25. MINHA PRIMEIRA VIAGEM À FAZENDA DA BARRINHA	63
26. UMA CARTA PARA ALICE	65
27. HISTÓRICO DA LUIZIÂNIA	67
28. FAMÍLIA DE ARTISTAS	70
29. MOÇA FANTASMA E VACA GRIPADA	72
30. UMA VIAGEM À EUROPA, COMEMORANDO OS 80 ANOS DE NAIR	74
31. AS PRIMAS	77
32. CASAMENTO DE CHICA E MARCELO	78
33. CASAMENTO DE JOAQUIM PEDRO E FERNANDA I	79
34. CASAMENTO DE JOAQUIM PEDRO E FERNANDA II	81
35. HOMENAGEM A ZAUHRY BARROSO SANTA ROSA	83
36. CASAMENTO DE TERESA E ALBERTO	85
37. CASAMENTO DE ALICE E PAULO	88
38. CONVERSA EM FRENTE AO FOGO	90
39. ANIVERSÁRIO E VIAGENS	92
40. PONTO DE MUTAÇÃO	94
41. ANIVERSÁRIO DE JOAQUIM PEDRO E LUIZA	96
42. CARNAVAL	98
43. CARNAVAL EM BH, ONTEM E HOJE	100
44. SURPRESAS DE UM ANIVERSÁRIO	102
45. CARTAS DE MINHA MÃE NAIR I	104
46. 70 ANOS DE CASADA	106
47. BISNETOS ARTISTAS	111
48. INTERCÂMBIO FAMILIAR	116
49. OS "SEM CARRO"	119

50. UMA VIAGEM AO RIO	122
51. TRANSFORMAÇÕES	124
52. DAHORTA, UM AMOR À TERRA	125
53. SARAUS, ONTEM E HOJE	129
54. ANIVERSÁRIO NA QUARENTENA	131
55. MEMÓRIAS DA QUARENTENA	135
56. GRADES LIBERTADORAS	136
57. PANEAS NA JANELA	137
58. CAOS CRIATIVO	138
59. REDES SOCIAIS	140
60. MÚSICA NA QUARENTENA	144
61. PÁSSAROS E SONHOS	145
62. NUVENS DOURADAS	145
63. DE FRENTE PARA AS MONTANHAS	146
64. ANDRÉ SALLES COELHO	148
65. CENTENÁRIO DE LOURDES FIGUEIREDO	149
66. 99 ANOS	153
67. LUGAR SAGRADO DE ARTE	155
68. NOSSOS DESCENDENTES	159
69. FILAS DO DIA A DIA	170



Fotos: arquivo da autora

Papai era advogado e político. Das memórias de infância ficaram as reuniões de família em torno de uma mesa enorme na sala de jantar. Durante as campanhas políticas chegavam à nossa casa os tios avós da família Coelho, vindos de Virginópolis, Serro e Guanhães. As crianças ajudavam colando selos nas cartas, que podiam se transformar em votos.

Casa de político é uma casa movimentada, um entre e sai sem fim. Papai foi presidente da Câmara dos Deputados, ia às festas do Palácio levando mamãe com roupas maravilhosas que mais tarde se transformavam em vestimentas de fadas e rainhas nos teatrinhos das crianças.

Na década de 30 mudamos para o Rio de Janeiro, quando papai foi eleito deputado federal. Éramos quatro crianças naquela época, e os três mais velhos teriam de frequentar escolas. Fomos colocados num grupo escolar perto da casa em que morávamos em Botafogo. As professoras tinham o maior carinho conosco, mas os colegas nos criticavam o tempo todo. Eu chorava para não ir à aula,

me sentia discriminada e a saída para conseguir escapar daquele grupo foi assustar papai dizendo que um colega ao meu lado cuspiu sangue. Na dúvida se seria tuberculose ou hemorragia dentária, conseguimos sair daquela escola e ir para outra, particular.

Lembro-me das manhãs de sol em Copacabana, quando fazíamos castelos de areia na praia com outras crianças. Íamos acompanhadas de um tio que nos deixava fazendo castelos e ia nadar no mar. Um dia, o tio quase afogou, foi transportado pelos banhistas e levado para o posto até se recuperar. As outras crianças discutiam se era o nosso tio ou o tio delas que estava sendo transportado. Naquele dia demoramos a chegar em casa.

Meu avô sofria do coração e ficava dentro do carro, lendo jornal. Precisava respirar o ar do mar, pois naquele tempo ainda não tinham descoberto que os velhos deviam caminhar. Eles passeavam de carro, mas não andavam.

Lembro-me do susto que passei em meu avô e do castigo que recebi depois. Na volta para casa, atravessei correndo a avenida Atlântica e cheguei triunfante até o carro. Nunca me esquecerei do grito do meu avô, ao ver um ônibus freando bem na minha frente. Lembro-me do susto, da freada do ônibus e do castigo de ficar quinze dias sem ir à praia. Para retornar, tive de pedir desculpas ao avô, prometendo que nunca mais correria sozinha, à frente das outras crianças.

Todas as manhãs nos levantávamos cedo para tomar leite fresquinho ordenhado num estábulo situado no final da rua Visconde Silva onde morávamos. Imagina só, um curral de vacas leiteiras em pleno Botafogo!

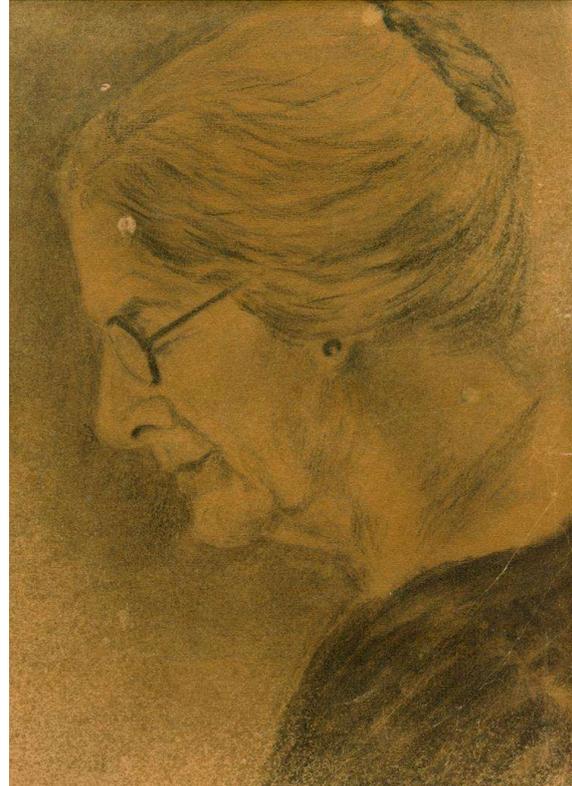
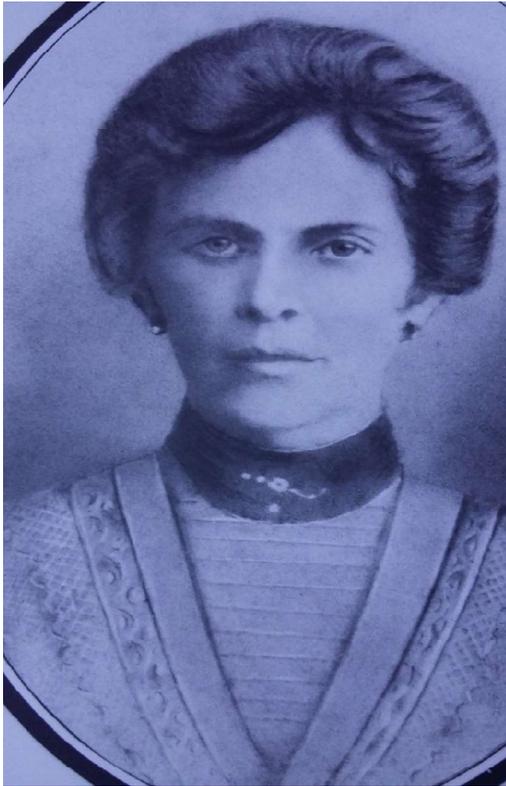
A casa dava para a rua e, quando nossos pais saíam, ficávamos na janela fazendo “concurso de cuspe”. A aposta era ver qual cuspe chegava mais rápido na calçada. Tivemos que suspender o concurso quando um cuspe atingiu a careca de um pedestre. O homem queria entrar na casa para nos dar uma surra! Escondemos debaixo da cama, enquanto Sebastiana, a empregada portuguesa nos defendia no portão: “São crianças, são crianças...”

Todas as tardes mamãe saía com tia Lilita para lanchar na Confeitaria Colombo, no centro do Rio. As crianças que tivessem melhor procedimento poderiam acompanhá-las. Até hoje me lembro dos deliciosos doces da Colombo.

Durante a Revolução de 30, a família saiu às escondidas para a casa do meu avô, onde teríamos uma proteção maior, desde que papai era contra o regime de Getúlio e estávamos ameaçados. Getúlio fechou o Congresso e tivemos que voltar para Belo Horizonte.

29 de outubro de 2010

MINHA AVÓ RITINHA



Fotos: arquivo pessoal

Achei este retrato dentro de uma pasta e me lembrei do início da minha carreira artística.

“Você foi uma mulher forte, guerreira, decidida, muito à frente de seu tempo. Era respeitada por todos como o centro da família, aquela que tomava decisões sem medo de perder o prestígio.”

Lembro-me de papai chegando ao Rio para me levar de volta para Belo Horizonte.

“Onde já se viu uma adolescente mineira desenhando modelo nu no Rio de Janeiro?”

Ele estava decidido a me trazer de volta para Minas e parar meus estudos de Belas Artes, mas foi a vó Ritinha, sua mãe, que me defendeu.

“Você não vai interromper os estudos da menina. Eu, pessoalmente não sei por que precisa desenhar modelos nus, mas já que é necessário, ela vai continuar aqui comigo. Deixa por minha conta, eu escondo os desenhos, ninguém vai ver.”

Assim, com a autoridade de minha avó, continuei no Rio, estudando com Carlos Chambelland. Meu professor era acadêmico, me estimulava a fazer retratos. Pinte e desenei retratos de várias pessoas da família, das empregadas de minha casa, dos mendigos de rua, das crianças.

O nu artístico, muito usado no academismo, era importante para o estudo do corpo humano em sua proporção. Dediquei-me por muito tempo aos retratos em pastel e carvão, para depois, na

Escola Guignard, trocar o carvão pelo lápis duro.

Vovó Ritinha jogava baralho com os irmãos, sua casa era movimentada. Eu não gostava de jogar e ficava num cantinho desenhando os parentes.

“Só falta falar”, diziam.

Fazendo retratos e com o apoio da vó e dos tios, eu continuava frequentando aulas no Rio.

A família Salles, de onde viera vovó Ritinha, era uma família que se dedicava às letras. Os Salles sempre gostaram de arte e Maria Letícia foi minha incentivadora no Rio. Os descendentes da família Salles continuam se dedicando às artes e às letras. Vários publicaram livros e escreveram em jornais. O livro de tio Joaquim, “Se não me falha a memória”, merece ser lido, pois informa muito sobre o Serro.

Os Salles tinham também tendências políticas, meu pai foi deputado e seu irmão Alírio foi ministro do trabalho.

Relembrando os tempos de vovó Ritinha, vejo meu tio avô Efigênio de Salles (tio Ziro) chegando a Belo Horizonte como governador do Amazonas. A casa se enchia de políticos e minha avó Ritinha servia cafezinhos e biscoitos de milho (naquele tempo ainda não existia pão de queijo). Tio Ziro trazia presentes para as sobrinhas, abria as malas e colocava os brinquedos, numa estante para dá-los no momento adequado. Eu ficava olhando a estante, louca para ver de perto a minha boneca, e nada do tio Ziro parar de conversar na sala com os políticos. Na minha impaciência de criança de seis anos, não resisti à tentação de ver de perto aquela boneca, cabelos escuros, olhos azuis. O quarto era estreito e a estante muito alta. Comecei a subir devagarinho, sem ninguém ver. Alcancei o primeiro degrau, o segundo, e não cheguei ao terceiro. A estante caiu em cima de mim com o maior estrondo. Só me lembro do barulho, da poeira e da minha boneca dentro de uma caixa de papelão. Retiraram-me de lá sob as tábuas e eu me salvei abraçada à boneca. O armário era altíssimo e bateu na parede fazendo uma barraca de proteção em cima de mim. Fui levada para o quintal por minha tia Lilita. A vovó ficou por conta de ajudar o tio governador que levara o maior susto e estava sendo atendido pelos políticos. Assim são as lembranças de minha infância em BH e da minha adolescência no Rio, contando sempre com a presença da vó Ritinha como mediadora de conflitos.

13 de abril de 2012

ALGUMAS HISTÓRIAS DO SERRO



Fotos: internet

Tia Muciola era líder das crianças. Tinha o dom de falar para todos nós de forma criativa. Professora do Jardim de Infância Bueno Brandão, aprendera técnicas variadas de artesanato familiar e jogos infantis com teatrinhos ensaiados para as festas de aniversário.

Ali os convidados também teriam de assistir aos teatros. Lembro-me de uma dessas festas, estávamos todos vestidos de fantasias juninas, chapéu de palha, saia rodada, os meninos de bigode e de barba. Íamos começar uma quadrilha, quando o telefone tocou, anunciando a morte de uma tia no Rio de Janeiro. Tia Muciola não falou nada. Desligou o telefone e deixou a criançada se divertir. Só no final da festa anunciou a morte de nossa tia avó que morava no Rio de Janeiro.

Essa tia avó era uma pessoa alegre, deve ter ficado muito feliz pelo fato de seus sobrinhos terem comemorado com alegria o momento de sua morte.

Na Índia as mortes são comemoradas com festas para que a alma possa se libertar do corpo sem apegos e com muita alegria. Lembro-me de um convite que recebi quando estava hospedada numa comunidade em Chennai, sul da Índia. Aceitei o convite e fui ao almoço onde estavam presentes todos os hóspedes da comunidade. À entrada perguntei se teria de pagar alguma coisa.

“Absolutamente, a senhora é convidada, minha irmã guardou dinheiro para que fizéssemos uma comemoração no dia de sua morte!”

Lembro-me de tia Chiquinha, irmã de minha avó Ritinha. Não se casou, morou a vida inteira com vovó. Há fatos interessantes a seu respeito.

Perguntaram-lhe um dia:

“Qual é o seu estado civil?”

“Donzela velha”, respondeu ela.

Tia Chiquinha morou no Serro e, quando jovem teve um namorado. Naquele tempo os namorados não podiam ficar juntos e o namoro era de longe, um olhando para o outro do alto de uma janela. O namorado morava em frente, tia Chiquinha era alegre, gostava de conversar com outras pessoas. À noite ela e o namorado combinaram de cada um acender um cigarro e ficarem namorando com aquelas duas luzinhas acesas. Um de lá, o outro de cá, para manter o namoro.

Tia Chiquinha, não aguentando aquele namoro monótono, teve a ideia de colocar uma empregada fumando no seu lugar e foi para a sala conversar, contar piadas ou jogar buraco. O namoro seria mantido, para assegurar um possível casamento e ela não ficaria parada na janela.

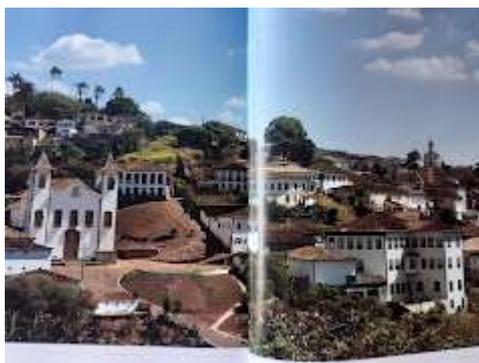
Alguns dias depois, o namorado, desconfiado, fez o mesmo. Colocou um empregado fumando no seu lugar e foi ver o que estava acontecendo do outro lado da rua.

Nem é preciso dizer que ele rompeu o namoro naquele mesmo dia e a minha tia avó ficou solteira até o fim de sua vida.

A casa de minha avó estava sempre cheia de gente, basta dizer que vovó assumiu a guarda de 9 irmãos e depois teve mais 9 filhos. Viviam todos juntos como as “joint families” da Índia. Tios, primos, tios avós, agregados, tudo gerenciado por meu avô que era juiz de direito no Serro.

Meu avô se apaixonou por minha avó quando ela tinha 19 anos, órfã de pai e mãe. Assumiu a guarda de seus 9 irmãos para poder casar-se com ela. Todos os irmãos foram criados por ela, já que ela era a dona da casa. Tia Chiquinha ficou até morrer sob a sua dependência. Isso, na nossa visão atual parece inacreditável, mas antigamente era muito comum.

26 de janeiro de 2011



Os nossos antepassados

Nasceram

Nestas paragens.

Subiam estas ladeiras,

Rezavam nestas igrejas.

Ali cresceram poetas,

Jornalistas, pensadores.

Do alto destas montanhas

Brincando nestas ladeiras,

Desceu muita gente boa

Para a corte

Do Brasil.



O Serro é sempre lembrado
Nos grupos familiares,
E as estórias do Serro
Ressurgem como lembranças
De um passado muito rico,
De uma terra abençoada.
São estórias de crianças
Que depois das tempestades
Apanhavam as pedrinhas
Que desciam nas enxurradas,
A fim de ali encontrar pontos de ouro.



Era uma festa o garimpo,

Feito de forma natural.

E as pedras eram vendidas

No mercado da cidade.

Os queijos de Minas

Ficaram famosos

Pelo mundo inteiro.

Suas fôrmas, verdadeiras esculturas.



Euler Andrés, um

Descendente do Serro

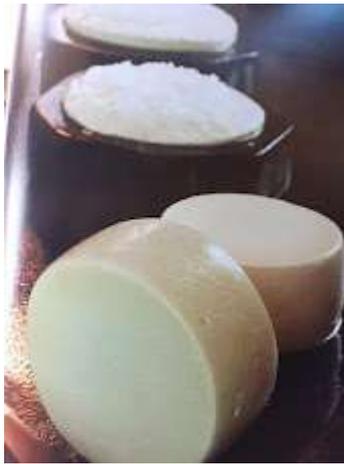
Produz queijos artesanais,

De forma completamente

Orgânica,

Em sua pequena fazenda

Em Entre Rios de Minas.



Fotos: José Israel Abrantes

SERRO II

Até hoje ainda se fala
De Sá Maria Nonega,
Aquela pobre coitada
Que ficou toda vestida
De noiva, esperando
O seu parceiro,
O Rei do Congado.



Sá Maria se enfeitou
E esperou.
Até que viu
Lá no alto a procissão
Descendo a ladeira

Com outra Rainha...



É muito triste esta estória, mas até
Hoje, quando alguém
É convidado e em
Seguida rejeitado,
Sá Maria é lembrada.



Outra estória divertida
É a da tia Chiquinha,
Que não tinha paciência
De namorar de longe
Pela janela.
O combinado era
O moço da frente,
Seu pretendente,

Acender um cigarro
E ficar fumando da janela.
A namorada acendia
Outro cigarro de palha
E outra luzinha aparecia,
da janela em frente,
no escuro da noite.



Mas tia Chiquinha
Gostava de conversar
Com os primos,
Reunidos na sala.
Então, teve a bela
Ideia de arranjar
Uma empregada,
E colocá-la fumando
Da janela, em seu lugar.
Porém, as risadas
Atravessaram
A rua e chegaram aos ouvidos
Do pretendente.

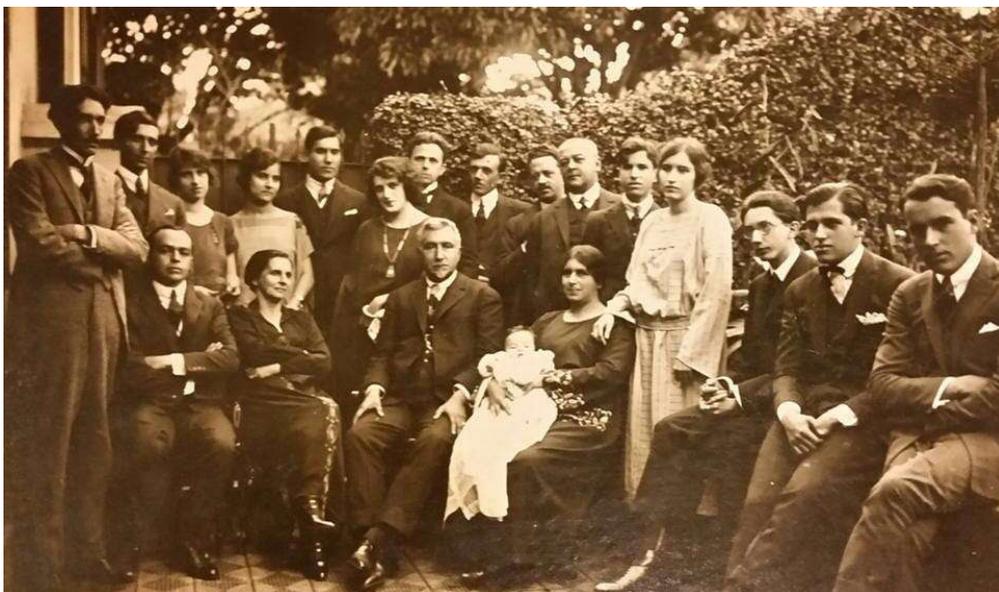
A alegria era grande
Na casa de Chiquinha.
Então o pretendente
Desconfiou que estava
Sendo enganado,
E colocou alguém
Fumando em seu lugar.
Queria também participar
Daquela reunião festiva.
Moral da estória:
Desistiu do noivado
E tia Chiquinha
Ficou solteira,
Ficou para tia...



*Fotos De José Israel Abrantes

27 de dezembro de 2021

MEMÓRIAS DE VASSOURAS



Carmem, mãe de Nair que é a terceira à esquerda, de pé, ao lado de Euler.

Fotos: internet e arquivo pessoal

Mamãe Nair nasceu no Rio de Janeiro, na Rua do Bispo, na Tijuca. Ali, naquele casarão de muitas janelas, morou meu bisavô João Paulo e dali saíram muitos casamentos, nascimentos e mortes, todo um ciclo de vida que se prolongaria para outros recantos do país, outras cidades, onde as filhas viveriam depois de casadas. A história de minha mãe se escreveu numa série de mudanças devido à doença de meu avô Eduardo Eugenio, juiz de direito, pernambucano de nascimento, casado com minha avó Carmem, moça bonita, criada no Rio de Janeiro. Ali os dois se encontraram e o pernambucano conquistou minha avó com seu ar galante. Vinha de navio visitar a noiva e, já depois de casado, com três filhos pequenos, viajou para Recife afim de apresentar a família às tias de lá. Tia Constança, solteira e rica, morando no bairro de Madalena, Tia Izabel, artista plástica e freira, reclusa num mosteiro da cidade e Tio Arthur, padrinho de mamãe. Vovó teve a sua quarta filha, Tia Lilia, ali na cidade de Recife. Mamãe sempre se lembrava do bairro Madalena, da casa de seus avós e da sua tia pintora.

“Você deve ter puxado essa tia”, me dizia ela. Eu ficava olhando para o quadro da tia e pensando: “Realmente, aquela freira sabia copiar muito bem. Copiava a óleo obras de artistas célebres”. Naquele tempo as freiras pintavam nos mosteiros e isto de certo modo era forma de meditação. Herdei dessa tia a necessidade de ficar em silêncio e reproduzir também os meus mitos da adolescência – as artistas de cinema que até hoje conservo dentro de uma pasta. Mamãe não era artista, mas bem que gostava de me ver pintando...

Voltemos à infância de minha mãe, agora no Rio de Janeiro. Um dia as professoras de sua escola mandaram chamar as duas, Nair e Leonor: “Seu pai morreu”. Aquele fato pesou forte sobre as duas crianças. Tiveram de assumir publicamente a morte do pai, vestidas de preto da cabeça aos pés. Naquele tempo, as crianças usavam luto, as meninas vestidas de preto, os meninos com uma faixa preta no braço. Era a constatação pública de que estavam órfãos. Meu bisavô João Paulo acolheu a filha Carmem de volta em seu casarão. Mais tarde, a convite da prima Eufrásia Teixeira Leite, a família se deslocou do Rio para os arredores da cidade, onde estavam situadas as chácaras dos barões do café. Ali estava localizada a chácara do Barão do Amparo, para onde a jovem viúva Carmem, “vovó neném”, de 28 anos, se transferiu com seus 6 filhos e sua mãe Lucília Eugênia Teixeira Leite. Sempre os mais velhos acolhendo os mais jovens em suas desventuras.

Meu avô Eduardo Eugenio morrera depois de um longo tratamento na Suíça.

Depois de sua morte, as mudanças continuaram na vida daquela família. A transferência da jovem Carmem com seus seis filhos para a região de Vassouras, próximo ao Rio de Janeiro, foi um acontecimento feliz para a criançada. Ali elas poderiam correr entre as árvores, subir nas mangueiras e jabuticabeiras, com a liberdade necessária a uma infância saudável, nadar nos riachos e cachoeiras,

brincar de esconde-esconde atrás das árvores. Toda esta alegria era disciplinada na casa grande do Barão do Amparo, onde teriam de tomar cuidado para não quebrar os objetos de luxo, os cristais e porcelanas vindas da Europa.

Visitavam outras chácaras, inclusive a famosa chácara da Hera, da prima Eufrásia Teixeira Leite, que morava em Paris. Eufrásia era rica, filha do Barão do café Joaquim Teixeira Leite e amante de Joaquim Nabuco. Naquela época era considerada rebelde, mas hoje em dia sua história é contada como a de uma líder abolicionista, com atitudes pioneiras e transgressoras, muito à frente de seu tempo. No Museu Imperial de Petrópolis, o retrato de Eufrásia, uma jovem de grande beleza, impressiona os visitantes. Bandos de crianças passam em sua frente. “Esta é nossa prima, Baronesa de Vassouras”, dizia Lourdes, minha irmã, instruindo os netos. Em seguida escuta o comentário das crianças. Um menino indaga ao outro: “O que fazia essa baronesa?”. Ao que o outro responde: “Não sei, devia ser a faxineira, baronesa de vassouras”. Enfim, é assim que as crianças derrubam os mitos e simplificam a vida na sua inocência.

Voltemos à cidade de Vassouras, onde Eufrásia acolheu a prima Carmem e sua família. Essa generosidade concorreu para os momentos de alegria que superaram a perda do pai. Eufrásia, que tinha grande tino para negócios, triplicou a fortuna do pai, deixando em seu testamento parte de seus bens para os desamparados e instituições de caridade. Preservou também a chácara de Hera, que hoje é um museu, aberto à visita do público, onde está registrada a história da família, naquele momento ímpar da abolição da escravatura no Brasil. Duas figuras marcantes, Eufrásia Teixeira Leite e Joaquim Nabuco, continuam presentes na memória do povo brasileiro.

23 de fevereiro de 2011

RETRATO DOS ANTEPASSADOS



Encontrei nos meus arquivos esta foto e, através dela, fui me lembrando das histórias da família.

Na foto, todos estão enfileirados em torno de uma criança com rendas e babados, posando para o fotógrafo.

Vieram para o batizado do filho de tia Lolô e Tio Manuelzinho.

Em baixo, tio Manoelzinho e tia Margarida, seguidos pelos padrinhos, tio Rafael e vovó Carmem, que todos usamos chamar de vovó Neném.

Tio Rafael foi meu padrinho, dois anos antes. Nesta foto não sou eu, é o filho de tia Lolô que morreu com dois anos de idade.

No momento dessa foto só vejo alegria, serenidade. O grupo posou no quintal da vovó Neném, com uma jabuticabeira atrás de todos dando frutos.

Em cima, em pé, Euler e Nair, Clóris e Geminiano, Lucila e Walfrido, seguidos por pessoas que não conheço.

Em pé a figura da tia Lolô, muito linda e imponente, segurando o ombro de sua mãe e cercada dos jovens da família, que reconheço à direita como Afonso e tio Eduardo, nomes escolhidos entre santos e reis.

Todos posaram e se foram, só eu não apareço na foto porque fiquei para semente.

Todas essas pessoas que estão na foto, já passaram para outro plano. Convido os seus descendentes e demais pessoas que lerem esta postagem a rezarem por eles.

Abaixo estão as pessoas identificadas, na ordem da postagem:



Tio Rafael, Vovó Carmem e o pequeno Fernando



Do outro lado, embaixo: Afonso Magalhães e Tio Eduardo

As demais pessoas não foram identificadas.



Em outra foto, a vovó Carmem

12 de junho de 2021

MONTANHAS E MEMÓRIAS

Enquanto contemplo as montanhas que se estendem a perder de vista nesta região privilegiada de Minas Gerais, fico lembrando de outras montanhas que se assemelham na grande paisagem da Terra.

Aqui, as montanhas estão sendo devastadas pelas mineradoras; lá longe, nos Himalaias elas são cultivadas; nos Alpes Suíços elas se cobrem de neve. As montanhas eram procuradas pelos antigos como lugares apropriados para curas de doenças dos pulmões.

Fico pensando no meu avô, recolhido num sanatório no alto dos Alpes Suíços, contemplando a neve que cobria as montanhas. Os sanatórios da Suíça eram famosos e por ali passaram celebridades tais como Manoel Bandeira e Lenin. Sobre Lenin, corre na família a história de Américo,

nosso primo que o conheceu quando juntos descansavam num sanatório. Ficaram amigos, tiraram fotos juntos.

Anos mais tarde a revolução russa explodia em Manchetes por toda Europa e os retratos de Lenin apareciam em todos os periódicos. Américo estava num bar junto com amigos, quando viu o retrato de Lenin publicado em evidência como líder revolucionário.

“Este homem é meu amigo”, exclamou Américo, “eu o conheci na Suíça”. Os amigos não acreditavam, mas Américo foi buscar a foto em que os dois apareciam juntos.

Nos sanatórios as pessoas se encontravam e faziam boas amizades.

Naquele tempo as curas eram feitas aproveitando o clima e o ar não poluído das montanhas. Banho frio de manhã, boa alimentação e repouso. Alguns saravam definitivamente, outros se preparavam para a morte. Manoel Bandeira viveu até os 70 anos, Lenin liderou a Revolução Russa. Meu avô não teve a mesma sorte. Morreu aos 35 anos deixando no Brasil sua esposa e seus 6 filhos.

Minha avó foi amparada pelos familiares. Morou em Vassouras, com a criançada, depois veio para Belo Horizonte, lugar famoso por um bom clima. Sua preocupação era criar os filhos com saúde, no alto das montanhas e Belo Horizonte oferecia não somente o clima, como também promessas de melhor futuro. Era a nova capital, surgindo com entusiasmo do antigo Curral Del Rey.

O traçado da cidade obedecia a uma ordem onde os nomes indígenas se integravam aos nomes dos estados brasileiros. Minha avó escolheu a rua da Bahia, próximo ao Parque Municipal, sempre pensando nos filhos e na oportunidade de as crianças brincarem à sombra das árvores. Mais tarde transferiu-se para a rua Ceará onde viveu até morrer aos 54 anos.

Daquela casa saíram três casamentos e muitos aniversários. Como toda mãe de família de antigamente minha avó tinha medo das filhas ficarem solteiras.

Lembro-me da casa, da varanda e do quintal com um grande pé de jaboticaba que fazia a alegria das crianças.

25 de janeiro de 2016



Fotos: Luiz Salles Coelho

Aquela casa na Av. Afonso Pena tinha portas e janelas altíssimas. No mês de agosto os ventos sopravam por todos os lados e papai, sempre com medo de doença, calafetava com lençóis as janelas para o vento não perturbar o sono dos filhos. Mesmo assim ele soprava em cima do telhado e entrava no quarto por pequenos orifícios junto ao forro da casa. Eu imaginava aqueles furos como a passagem de gênios e fadas.

As histórias infantis são sempre povoadas de malfeitores que amedrontam as crianças. Todas têm uma bruxa, uma feiticeira, uma madrasta.

A luta entre o bem e o mal, a bela e a fera, sempre está povoando o universo das crianças. Naquele quarto de teto altíssimo tive todas as doenças de infância. Lembro-me de Matilde, uma negra que nos embalava cantando canções do tempo dos escravos. Os escravos já tinham sido libertados há muito tempo, mas suas canções dolentes, tristes continuavam fazendo as crianças dormirem:

“Kubaba Kangere Nego d’Angola num tem Querê”.

Esse “num tem querê” significava uma falta de liberdade que se aprofundava nas memórias de um passado negro e injusto.

Nas lembranças mais remotas daquela casa ressurgem sempre os livros de papai. Tínhamos de passar por um piso de ladrilhos coloridos para penetrar naquele santuário onde o pai ficava sempre estudando, sentado numa cadeira giratória. Um dia não resisti. Perguntei:

“Papai, por que você não escreve livros infantis?”

Papai não me deu resposta satisfatória e eu continuei sonhando com os livros infantis. Ele nos incentivava às leituras, era preciso ler e ler muito para algum dia escrever um pouco.

As histórias de mil e uma noites me fascinavam. Elas me faziam realizar sonhos de um dia conhecer o outro lado do mundo.

As crianças de antigamente brincavam na rua. Brincávamos de roda, de esconde-esconde e escorregávamos pela ladeira em carrinhos de rolimã feitos por nós mesmos.

Meu irmão Paulo desde cedo revelara uma forte criatividade para inventar coisas, desde rádio Galena feito em casa, até caleidoscópios com vidrinhos coloridos encontrados na rua, no meio do calçamento.

Eu pensava comigo mesma:

“Vidrinhos coloridos a gente encontra na rua em BH, mas pedras de ouro só mesmo no Serro onde papai nasceu. Ali ele, quando criança, ia catar pedrinhas de ouro que desciam nas enxurradas após as chuvas.”

As histórias das pedras preciosas descendo o morro me fascinavam.

As Minas Gerais tinham um tesouro escondido por debaixo da terra...

Esse tesouro despertava a ambição dos bandeirantes, dos portugueses e dos ingleses.

Papai era advogado da Metalúrgica Santo Antonio de Américo Gianetti e um dia nos levou para ver a fundição em Rio Acima onde eram feitas painéis de ferro. O que me deixava impressionada era ver a descida do ferro incandescente como um rio de fogo.

A casa tinha um pátio onde praticávamos esportes e apresentávamos cenas inventadas de circo e teatro. Um dia Lulude desfilou como equilibrista sob o olhar apavorado de tia Mucíola. Nas apresentações de teatro, o talento de Neda como declamadora chamava a atenção de todos.

A arte de declamação prolongou-se na família e anos mais tarde, Terezinha, filha de Guilhermina e Paulo também declamava, com muita emoção, versos de nossos grandes poetas.

Atualmente os saraus familiares oferecem voz e poesia, uma síntese de canto, música e poemas, interpretados por Luciano, Ivana e Evaldo.

Naquele pátio da Avenida Afonso Pena aconteciam apresentações espontâneas que

envolviam todas as crianças da família. Clóris e tia Muciola lideravam a turma, criando textos muitas vezes cheios de humor. Lembro-me de ter interpretado personagens que criticavam os adultos da família. Um dia decidi criticar também a própria Clóris, que organizava os eventos. Desenhei o seu perfil com uma tesoura na mão cortando a casaca de um homem. Escrevi embaixo:

“Poetisa mui querida

Escritora de mão cheia

Eis min’arte preferida

Cortar a casaca alheia”

Tia Maria Silvia participava dos eventos como a mais nova de todas as tias. Ela tocava violão e cantava nas festas de aniversário. Anos mais tarde, foi tia Maria Silvia que me apresentou ao professor Carlos Chambelland, para que eu iniciasse meu curso de Belas Artes no Rio.

8 de dezembro de 2010.

ACIDENTE I

Meu primeiro acidente, do qual escapei com vida, foi aos 5 anos de idade, em casa do meu avô paterno, na rua Piauí com Cláudio Manoel. Ali se reuniam as pessoas importantes da família, uma quantidade de homens de terno e colete. Conversavam na sala em torno de uma mesa enorme, enquanto minha avó servia cafezinhos com biscoitos e bolinhos. Meu tio avô era governador do Amazonas, naquele tempo governador era chamado de presidente.

No dia do meu acidente, havia um vozerio na sala, meu tio acabava de chegar do norte do país, trazendo brinquedos lindos para os sobrinhos, bonecas, carrinhos e uma série de maravilhas guardadas com o maior cuidado em cima de um armário.

Na minha "pequenês" de 5 anos, eu só podia ver a perna e o sapatinho de uma boneca que ele trouxera do Amazonas. Fiquei olhando o sapatinho da boneca, a roupinha cheia de babados, aquilo

era uma tentação!

Ver a boneca de baixo para cima, sem poder segurá-la em minhas mãos, era muito para a minha impaciência. Resolvi então me aventurar a subir pelas 5 prateleiras vazias. Por que mamãe não colocou a boneca na primeira prateleira? O quarto era estreito e comprido, o armário estava quase vazio, segurei com a maior coragem a prateleira de baixo, tentei alcançar a segunda prateleira.

Depois, não vi nada, apenas um barulho ensurdecedor, muita poeira e muita paulada nas costas. As prateleiras foram despencando em cima de mim e se escorando na parede em frente, eu lá embaixo, encolhida.

O armário caiu também com estrondo e esbarrou na parede da frente do quarto, levantando muita poeira. Foi difícil sair daquele esconderijo.

Só sei que os políticos vieram todos me ajudar a sair dos escombros. Toda suja, empoeirada e chorando.

Fui levada para o jardim em frente, onde tinha um laguinho com peixes. Minha tia me deu água com açúcar e me passou o maior pito. “Você nasceu de novo, podia ter morrido”.

Enquanto eu ganhava os conselhos de tia Lilita, outra turma ia socorrer o presidente do Amazonas, que quase teve um enfarte de tanto susto.

22 de janeiro de 2018

MINHA INFÂNCIA





Fotos de arquivo e da internet

Da janela eu podia ver a rua. Morava na Avenida Afonso Pena, numa ladeira com alamedas de fícus bem no centro da rua. Nossa casa tinha árvores atrás, na rua Santa Rita Durão. As árvores da rua serviam para as crianças brincarem, quase sempre meninos pobres jogando pedrinhas.

Quase não saíamos de casa, papai tinha medo dos carros que passavam subindo a avenida. Brincávamos no quintal subindo nas mangueiras que foram plantadas para também dar sombra e aconchego à família. As mangueiras eram a nossa liberdade de subir e descer, dar saltos de galho em galho como Tarzan e Jane e ver de dentro do quintal os meninos brincando lá fora de carrinho de rolimã.

Eram crianças pobres, mas se divertiam descendo ladeira abaixo naqueles carrinhos feitos com tábuas velhas e rodinhas de metal. Hoje as rodinhas fazem parte do nosso dia a dia, crianças usam malas com rodinhas para irem à escola, adultos conduzem toda a bagagem em cima de rodinhas, nos aeroportos só se vêem rodinhas e mais rodinhas. Realmente a roda foi a grande invenção. Há rodas de trem, rodas de máquinas, rodas de carros, rodas de avião.

Naquele momento as rodinhas desciam a ladeira fazendo barulho, depois subiam carregadas nos braços dos meninos.

“Ser menino leva vantagens”, pensava eu.

Papai nos prendia porque éramos meninas.

“Meninas, mas meninas dos meus olhos”, dizia ele.

Com essas limitações aprendemos a nos divertir dentro de casa ou no quintal, chupando manga, jabuticaba, romã, brincando de circo, teatro, marionetes. Fazíamos versinhos como os desafios nordestinos, caçoando dos mais velhos. Era, de certo modo, a nossa desconstrução de todo aquele aparato para nos prender.

Fazíamos teatro de sombras, esticando um lençol velho no porão e usando uma vela para dar

movimento às figuras. Aquilo era também uma forma criativa de conquistar um poder sobre a autoridade repressiva dos mais velhos.

Tínhamos licença de brincar na rua Santa Rita Durão, do outro lado da casa, para brincar de roda com os primos que moravam em frente. Ali podíamos pesquisar no calçamento de pedras, pedacinhos de vidro colorido, que seriam mais tarde, transformados em caleidoscópios, feitos por meu irmão Paulo.

15 ANOS

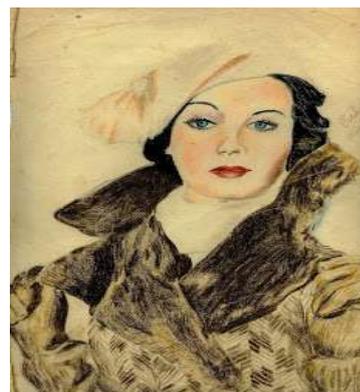
Um temporal caiu sobre Belo Horizonte, justamente no dia do meu aniversário. Passei minha festa de 15 anos olhando pela janela, a chuva caindo lá fora. Gotas de água escorriam pela vidraça, pareciam lágrimas.

Eu havia convidado algumas amigas do colégio Sacré Coeur, mas com a chuva, ninguém compareceu. A enxurrada descia cobrindo o meio fio, nuvens pretas no céu anunciavam mais chuva. Na sala uma mesa de doces mostrava as aptidões culinárias de Dona Nair, minha mãe. Ela sabia fazer doces maravilhosos, cajuzinhos, doce de coco, amor em pedaços, coió.

Os doces amenizaram a minha tristeza, guardamos alguns para levar no dia seguinte para o colégio. Este foi o meu aniversário de 15 anos: sem música, sem valsa, sem festa. A chuva levou meu aniversário.

20 de fevereiro de 2017

FRAGMENTOS DE UM PASSADO FELIZ





*Fotos de arquivo

Sempre gostei de escrever. Quando criança, anotava os fatos em diário, relatando os acontecimentos principais de minha vida. Na adolescência o não verbal assumiu a liderança, quando se manifestou em mim a necessidade de desenhar.

Meus primeiros desenhos datam de 1936, quando eu tinha 14 anos. Copiava das revistas artistas de cinema e esses desenhos foram guardados por minha mãe e até hoje fazem parte do meu acervo particular. Eu gostava de brincar com as palavras e desenhava também as caricaturas de todos os parentes.

Clóris, mulher do primo Geminiano Góes, era sempre muito presente e muito amiga da família. Escrevia versos e textos poéticos. Com ela devo ter aprendido a fazer versos e paródias de músicas carnavalescas. Tudo nos era oferecido como brincadeira.

Me lembro perfeitamente quando, aos 14 anos, Clóris preparou uma festa para a família reunida. Eu teria de subir num banco e desenhar a caricatura de cada um. Ela fazia os versos adequados. Todos ganharam versos e desenhos. Ao final desenhei a própria Clóris com uma tesoura na mão e um personagem de casaca tentando escapar da tesoura. E escrevi para ela o verso abaixo:

“Poetisa mui querida, escritora de mão cheia, eis sua arte preferida: cortar a casaca alheia...”

Com esta trova a própria Clóris foi premiada!

Havia naquela época uma interatividade muito grande entre as crianças, os adolescentes e os adultos. Eles sempre estavam presentes, nos incentivando nos jogos criativos.

Às vezes, havia um que nos dava gozeira, mas a forma de me defender era também gozando o “bullying”.

Criava sonetos humorísticos e paródias de músicas carnavalescas. Desenho, pintura e palavra escrita conjugavam-se harmoniosamente.

Abaixo estão algumas paródias:

Para tio Freitas, gozador e careca:

“Tio Freitas tem por mira caçoar do meu bigode;

Mas bigode a gente tira e a careca não se pode.”

Com este pequeno versinho, acabei com a gozeira do tio.

Encontrei nas trovinhas a forma de superar a raiva dos “bullying”. Naquela época não havia este nome americano, mas a emoção negativa rolava dos dois lados, um querendo acabar com o outro e este se defendendo. Ao invés de chorar e me enraivecer, eu desenhava a caricatura da pessoa e fazia trovinhas à moda do Nordeste. Com isto eu vencia o duelo e me acalmava.

Para toda a família, escrevi esta paródia da música carnavalesca intitulada “Nós, os carecas”:

“Nós, os narigudos

Não temos medo de ficar na mão.

Um ano é a careca, outro ano o bigode.

Mas fazer fiasco o meu nariz não pode.

E o cordão dos narigudos não é sopa não.

O meu nariz cresceu, por isso zombam de mim,

Mas a família inteira tem nariz grande assim.

Podem olhar, verificar, não é mentira!

Com nariz grande muito melhor se respira.”

Lembro que fizemos um cordão de carnaval na casa de D. Ester de Lima, avó de Vera Lúcia, minha prima, filha do tio Gerson. Saímos todos fantasiados e com nariz postiço. Na frente, conduzindo o cordão carnavalesco, ia a tia Letícia com seu nariz natural...

No momento estou na minha fase de colagens. Reúno papéis coloridos e vou cortando quadradinhos de diversos tamanhos. É a forma de substituir a tinta para não ter problemas de alergias. Fiz uma trova para esta minha fase recente:

“Enquanto Deus não me chama para entrar no céu,

Vou ficando por aqui, picando papel.”

O lúdico é importantíssimo para a transformação de energias negativas em positivas. O bom humor pode até prolongar a vida da gente.

10 de abril de 2017

EULER DE SALLES COELHO E O SILÊNCIO DA MEDITAÇÃO

Vejo as fotos da Matriz da Boa Viagem completamente restaurada, uma imagem do que ela foi no passado para todos nós e vou revivendo também o meu passado naquela igreja.

As memórias me trazem de volta a figura profundamente religiosa do meu pai, Euler de Salles Coelho, assíduo frequentador da Boa Viagem e adorador do Santíssimo Sacramento. Papai tinha dia e hora para sua meditação junto ao Santíssimo Sacramento, ali ficava em oração, pedindo pelos filhos e por todo o Brasil.

Algumas vezes eu o acompanhava e aquele ambiente de paz e silêncio me fazia muito bem.

Todas as formas de meditação nos conduzem para o encontro com o terreno, com aquilo que não se perde no tempo.

Papai havia deixado a política, sua busca interior procurou refúgio naquela meditação silenciosa que fazia todas as semanas na igreja da Boa Viagem.

Hoje vejo a igreja, resplandecente nas fotos divulgadas pela internet e fico pensando no meu pai e na sua profunda ligação com a Igreja Católica.

Esta inclinação para os aspectos transcendentais da existência, ele conseguiu transmitir para todos nós, e o seu exemplo foi marcante sem exigir que nenhum o seguisse.

Agora, a beleza da igreja que ele frequentava nos traz de volta a figura do pai e momentos de paz e recolhimento.

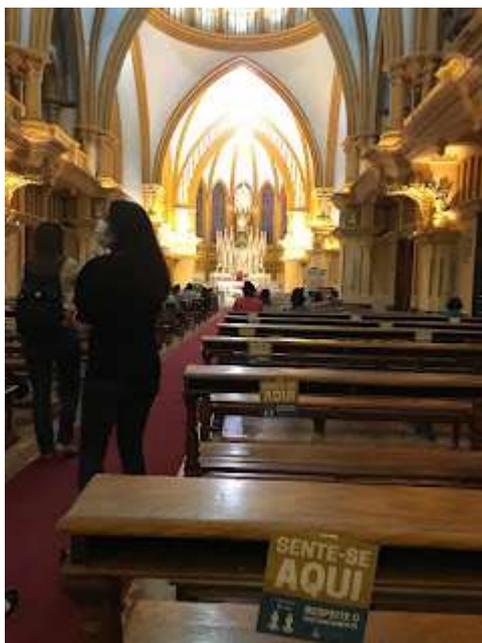
Papai também se envolvia em outros aspectos mais participativos da religião católica, frequentava a Irmandade do Carmo e desfilava nas procissões vestido com o hábito marrom dos Carmelitas.

Um episódio interessante ocorreu quando ele desfilava pelas ruas, acompanhando a procissão.

De repente uma moça rompeu a procissão para pedir a benção ao padre.

Olhou para cima e exclamou admirada: “É o Dr. Euler!”

A moça era a empregada da nossa casa.



Fotos: Arquivo e Internet

19 de dezembro de 2020

MEMÓRIAS DO GOLPE DE 30



Fotos: Arquivo Pessoal e Internet

Ainda me recordo como se fosse hoje, do Golpe de Estado promovido por Getúlio Vargas na década de 1930.

Eu era uma menina de 8 anos, papai era político muito conceituado (naquela época os políticos eram muito respeitados). Papai, Euler de Salles Coelho fora presidente da Câmara em BH, eleito depois para o Rio de Janeiro como deputado federal.

Para uma criança de 8 anos, os lances da política começavam sempre na ressonância que os eventos externos traziam para a família.

Estávamos já radicados no Rio, morando em Botafogo e frequentávamos uma escola particular. Lances de política, mudanças, ideias contrárias nos chegavam aos ouvidos e repercutiam nas mudanças radicais que sofriamos. Naquela época não havia televisão, computador, celular, facebook ou WhatsApp.

As mudanças aconteciam, as notícias nos chegavam na emoção das vozes:

“Getúlio fechou o Congresso!”

“O túnel de Copacabana está bloqueado!”

“Há tropas nas ruas!”

“Belo Horizonte está sitiada!”

Papai teria de nos levar para a casa de nosso avô, pois ele, como deputado da oposição estava visado. Saímos de casa a pé, carregando alguns pertences. Sempre havia a proteção da família e, no caso, a casa do avô, na mesma rua, era a nossa proteção.

Com o fechamento do Congresso regressamos a Belo Horizonte, seguindo o drama de um pai desempregado com 4 filhos pequenos. Foi nesta ocasião que o industrial Américo Renée Gianetti convidou papai para ser o advogado da Metalúrgica Santo Antônio.

Voltamos às nossas origens de Belo Horizonte e ao Grupo Barão do Rio Branco.

Os parentes que ficaram em BH nos contaram também histórias de estarrecer. Tio Petrônio era dono de uma casa na rua Santa Rita Durão, com paredes largas à prova de balas. Ali ele abrigou a família inteira, tios e primos no porão da casa. As balas passavam na parte de cima, quebravam as vidraças. As mães e as crianças se refugiavam no porão.

Sempre as crianças sofrendo pelas atitudes dos mais velhos, pensava eu. Mas ficar todo mundo junto era também uma aventura a ser contada na história da família.

13 de janeiro de 2020

TIO PETRÔNIO



Fotos: Arquivo Pessoal e Internet

Lembro-me de Tio Petrônio como um grande incentivador do lúdico nas crianças. Levava os sobrinhos para o parque de diversões e os colocava nas rodas gigantes, montanhas russas, trens fantasmas, carrinhos que se entrecrocavam aos gritos da criançada. Ele queria que os filhos se juntassem aos primos naquele desafio de emoções que um parque proporciona. Nos intervalos, comprava pipoca para a criançada. Seus filhos, apesar de mais novos, eram nossos companheiros dentro daquela alegria de enfrentar o inesperado. Aquilo, de certo modo, era também um preparo para enfrentarmos os choques da vida.

Quando chegava em casa eu ficava pensando: *Que bom ter um padrinho assim tão legal, que nos leva para as diversões consideradas perigosas.* A queda no abismo da montanha russa até hoje me ecoa como uma única massa sonora, um grito só. Atravessar este abismo é um choque que às vezes teremos de enfrentar na vida, o importante é não ter medo. Com esse treinamento perdíamos o medo.

Das memórias mais antigas de tio Petrônio, guardei reflexões sobre suas aventuras na construção de estradas, chegando em casa exausto e coberto de poeira. Às vezes eu o via chegar cansado e pensava comigo mesma: *Engenharia é uma profissão muito cansativa, diferente das outras profissões, em que as pessoas ficam sentadas. O construtor de estradas tem de enfrentar cobras, onças, dormir em*

barracas, conquistar o sertão. Aquilo também era um desafio, e bem que ele merecia brincar com as crianças nos parques de diversão.

Tio Petrônio foi pioneiro das caminhadas. Caminhava diariamente do Leme até o Leblon, tirando o chapéu para todos os amigos e transeuntes.

Ele conseguiu, através de muito esforço, o seu direito de viver confortavelmente no alto do seu apartamento em Copacabana. Construiu vários prédios e tornou-se piloto de barcos e aviões.

Continuou como sempre foi, uma pessoa generosa, distribuindo o lúdico para os amigos. Convidava os jovens mais aventureiros a voar no seu teco-teco. Fazíamos fila para ter o privilégio de voar, atravessar a baía da Guanabara e sobrevoar as montanhas do Rio. Ali também ele nos proporcionava uma lição de vida.

Estou vendo o Cristo de cabeça para baixo!

“Somos nós que estamos de cabeça para baixo!”

Assim, ele nos dava coragem para enfrentar as dificuldades. Confesso que aprendi muito com este tio destemido e corajoso, um verdadeiro mestre!

Com este treinamento, feito na juventude, eu me preparei para enfrentar o que a vida me proporcionou.

25 de março de 2020

TIO ZIRO

Tio Ziro ou Ephigenio de Salles, governador do Amazonas, era uma figura muito importante no Brasil. Hoje Manaus tem uma grande avenida com o seu nome.

Quando chegava a Minas Gerais, sua terra natal, era recebido com aparato digno de um príncipe da corte. Acompanhavam-no batedores, música e um séquito de cavaleiros uniformizados.

Para as crianças era uma festa ver aquele homem de cabelos brancos ser tão homenageado!

E, para cúmulo do privilégio, ele era meu tio!

Descia na casa de minha avó cercado de políticos e ficava horas conversando com eles na sala.

Enquanto isso as crianças esperavam, lá dentro da casa, pelos presentes que ele trazia de Manaus. Tio Ziro gostava de crianças, tinha um carinho muito grande pelas sobrinhas, filhas do Euler, meu pai, também político.

Eu me sentia muito importante por ser sua sobrinha Lena, como todos me chamavam.

Tio Ziro anunciava, antecipadamente, o presente que me daria: uma boneca, daquelas que choram, abrem e fecham os olhos, uma lindeza!

Quando ele chegou na casa de minha avó Ritinha, sua irmã, eu estava ali esperando o tio querido que me daria de presente uma boneca.

Esperei muito tempo aguardando impaciente o momento de ter a boneca em minhas mãos, mas os políticos conversavam sem trégua.

Eu pensava comigo mesma, por que falam tanto?

A boneca estava dentro de uma caixa, em cima de um armário cheio de prateleiras. Eu olhava para cima, louca para que aquela conversa terminasse lá na sala, e nada!

Resolvi então me antecipar e subir no armário. Comecei a subir, já estava na segunda prateleira quando escutei um barulho forte, o armário caiu em cima de mim, com uma poeirada sem fim, barulho de tábuas se chocando.

O quarto era muito estreito, o armário bateu na parede em frente, e eu fiquei encolhida sob as tábuas.

Fui retirada de lá por um grupo de pessoas desconhecidas. Meu tio ficou na sala, acudido por outros políticos.

Saí debaixo do armário coberta de poeira, mas segurando a caixa da minha querida boneca.

Tia Lilita me levou para o fundo do quintal para me passar pito e tio Ziro, muito bondosamente me perdoou.

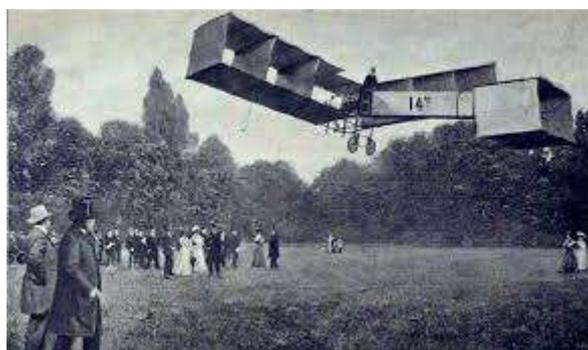
Quando ele me abraçou, eu o vi como um santo.

A imagem de tio Ziro, como amigo das crianças, foi importante para mim, quanto a sua chegada a Belo Horizonte cercado de cavaleiros uniformizados.

Tio Ziro era uma pessoa muito linda!

28 de junho de 2020

MEU ENCONTRO COM SANTOS DUMONT



Fotos: Internet

Meu pai, Euler de Salles Coelho, era político, foi presidente da Câmara dos Deputados e mais tarde deputado federal.

Foi então que nos mudamos para o Rio de Janeiro.

Por ser político, tinha muita ligação com Tio Ziro. Quando tio Ziro morou em Belo Horizonte, sua casa era a um quarteirão de distância da nossa casa.

Meu pai tinha assuntos intermináveis com tio Ziro. Os políticos de antigamente eram honestos e respeitados.

Quando nos mudamos para o Rio, residimos em Botafogo, perto da casa do meu avô.

Um belo dia papai nos convidou:

“Vou levar vocês duas (eu e Lourdes) para conhecerem Santos Dumont, o pai da aviação. Santos Dumont era mineiro, nasceu numa fazenda de café, na zona da mata, hoje cidade de Santos Dumont.

Seu sonho, desde criança, era inventar um aparelho que permitisse ao homem voar, controlando seu próprio curso.

Passou a adolescência lendo Júlio Verne, estudando os pássaros e observando seus voo.

Santos Dumont deixou o Brasil em 1892 e se radicou em Paris, onde desenvolveu seu talento e construiu seus balões e aeronaves. E foi lá que ele conquistou a glória de sobrevoar a cidade, aos olhos atentos dos parisienses.

Santos Dumont estava presente numa festa em casa do tio Ziro e fomos convidadas para a festa.

Ele morava numa casa enorme que tinha no quintal um bosque onde as crianças não podiam entrar. Vestimos, eu e Lourdes, as melhores roupas, cheias de babados e rendas e com laços de fita na cabeça.

Ficamos juntas das outras crianças até que fomos chamadas para a sala onde estava o pai da aviação.

E lá estava ele, sentado e cercado de admiradores.

Era um homem magrinho, olhar bondoso e sonhador.

Parecia estar olhando sempre para o futuro.

“Estas meninas são minhas sobrinhas, filhas do Euler”, disse tio Ziro nos apresentando.

Santos Dumont nos abraçou e nós ficamos ali paradas, imaginando aquele homem magrinho voando naqueles 14 Bis de antigamente, um fato heroico para todos os brasileiros.

Sair do Brasil e voar em torno da Torre Eiffel em Paris, não era para qualquer um!

Valeu a pena aceitar o convite do tio Ziro e tia Alice para conhecer o pai da aviação!

Confesso que tinha muita vontade de voar também!

6 de julho de 2020

MEMÓRIAS DO COLÉGIO SACRÉ COEUR DE MARIE

Na década de 30 ingressei no Colégio “Sacré Coeur de Marie”, situado em Belo Horizonte (Rua do Chumbo, atualmente Rua Professor Estevão Pinto). Construído em arquitetura Art Decô, o colégio possuía escadarias, corredores e pátios enormes que abrigavam centenas de jovens da sociedade belorizontina. Naquela época a língua francesa era ensinada e durante as aulas teríamos de chamar a diretora de Notre Mère e as professoras de Madame (soube depois que o colégio teve origem na França). Alguns nomes ainda guardo na memória. Madame Crucifixo, Madame Bom Pastor, Mère Fintom. Aquelas freiras, vestidas com hábitos escuros, nos davam uma formação católica e nos preparavam para sermos professoras. Sairíamos de lá como normalistas. Fui matriculada junto com minha irmã Lourdes. Meus pais achavam que as duas na mesma classe

poderiam estudar nos mesmos livros e isto facilitaria os trabalhos familiares. Juntas nos aprontávamos para o colégio, vestindo uniforme azul marinho, gravata, blusa branca, uma enorme capa para os dias de frio e um chapéu de aba larga, também azul. Visto de longe, em conjunto, aquele bando de meninas parecia fantasiado como os três mosqueteiros. Descíamos a Avenida Afonso Pena para tomar o bonde especial num abrigo situado na confluência da Avenida Afonso Pena com a Getúlio Vargas (naquela época Avenida Paraúna). Nos dias de chuva ficávamos observando os achados e perdidos da praça – carteiras de estudante, fotos. Um dia encontrei meu retrato preso por detrás de vidros e foi difícil retirá-lo. Junto dele estava escrito: Quem é a dona deste olhar sublime? Belo Horizonte, naquela época, tinha o bonde como principal transporte. Os bondes deslizavam sobre trilhos paralelos, se entrecruzavam, subiam para a Serra e o Cruzeiro, desciam a Rua da Bahia, atravessavam as avenidas. Na Praça da Savassi também tinha um ponto de parada, um abrigo onde várias linhas se encontravam. Andar de bonde era uma diversão e eu gostava de me sentar de frente para os bancos e observar a cara dos passageiros. Alguns dormiam durante o trajeto. Naquela época eu gostava de desenhar retratos de pessoas, de preferência idosas, com características mais acentuadas. Era impossível desenhar no bonde, mas eu me divertia lendo os anúncios: “Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem a seu lado, e, no entanto, acredite, quase morreu de bronquite, salvou-o o Rum Creosotado” ... Esse Rum Creosotado foi lembrança marcante dos tempos do bonde. Lygia Clark foi minha colega de carteira nos primeiros dois anos de curso e enquanto eu desenhava artistas de cinema ela desenhava garotas de Alceu Pena. Desenhávamos sem parar em qualquer papel que aparecesse. Como ex-aluna, guardo do Colégio uma boa lembrança. Havia na época uma vontade de estar à frente do tempo e aplicar métodos novos no ensino da arte. As educadoras resolveram introduzir o desenho livre, fora dos cansativos ornatos e frisos. Chamaram uma aluna para servir de modelo para a turma. A menina subiu no estrado, sentou-se numa cadeira, vestida com o uniforme do colégio. Fizemos croquis do natural, como nas Escolas de Belas Artes. No dia seguinte a irmã encarregada de arte me chamou em público. – Quem é Maria Helena de Salles Coelho? Levei o maior susto e, no primeiro momento, imaginei que ela ia me repreender por qualquer coisa. Fiz um exame de consciência. A Irmã estava falando que ia chamar meus pais e conversar com eles. Afinal, o que foi que eu fiz? A voz da Irmã me conduziu de surpresa em surpresa e subiu do negativo para o positivo. – Vou conversar com seus pais, você é uma artista! Fiquei sem saber o que falar e as colegas em coro responderam: artista de cinema? – Não, artista plástica, desenhista, disse a freira. Madame Finton era uma inglesa gorda, nossa professora de desenho e devo a ela a primeira iniciação de minha carreira artística. O incentivo às artes nos foi proporcionado também na formação musical. Reuníamos no grande pátio interno,

cercado de arvores frondosas, e ali junto à natureza, as alunas cantavam sob a regência de D. Angélica Garcia, o canto Gregoriano que seria cantado durante a missa. Aprendi a gostar do canto Gregoriano no Colégio Sacré Coeur. D. Angélica era professora de canto orfeônico e nos introduziu também à música de Villa Lobos. Cantando penetramos junto com este grande músico na magia da floresta brasileira. Do lado de fora, em cima do muro, várias cabeças formavam uma plateia. Eram os adolescentes da época, admiradores das cantoras. Entre eles estava o jovem Celso Renato que mais tarde se tornou um dos mais famosos pintores de Minas.

9 de fevereiro de 2011

O CASTELINHO



Fotos: Luiz de Salles Coelho

Na década de 20, a Avenida Afonso Pena já cortava a cidade de Belo Horizonte de Norte a Sul, e foi ali que meu pai, o então advogado e político Euler de Salles Coelho, escolheu um terreno em forma de triângulo, com o vértice apontando para a Serra do Curral. Construiu uma casa de dois

pavimentos, janelas abertas para a avenida, portas altíssimas, varanda e uma imponente escadaria onde os filhos mais tarde escorregavam pelo corrimão.

Seus primeiros filhos ali nasceram. A parteira Deolinda chegava misteriosa, e, aos olhos assustados das crianças, mais um recém-nascido gritava de madrugada.

O terreno em forma de triângulo não era grande, mas, devido a sua localização entre duas ruas, proporcionava novas construções. Duas novas casas foram construídas e o Castelinho, no vértice do triângulo, em estilo colonial mexicano, serviu de moradia para a minha família na década de 40.

O Castelinho desde o começo teve uma história feliz. Ali meu pai tinha um grande escritório com livros até o teto, e eu podia também ter o meu primeiro ateliê de pintura. Colocando o cavalete na varanda eu pintava a derrubada das árvores da Avenida Afonso Pena, o contorno majestoso da Serra do Curral e a paisagem de Belo Horizonte, naquela época ainda com poucos edifícios.

O Castelinho possuía pequenas varandas em estilo mexicano e um vitral dando para o poente, representando um veleiro em alto mar. Quando descia a escada eu sempre parava para contemplar os reflexos coloridos do vitral.

Hoje o Castelinho não existe mais, mas o vitral está comigo no Retiro das Pedras, dominando a paisagem. De dentro de casa posso ver o mar continuando nas montanhas.

As coisas não acontecem por acaso. A minha série de barcos, e, mais tarde o meu interesse em descobrir o caminho das Índias talvez tivesse o seu início neste vitral, representando a aventura dos navegantes.

Iniciei a minha vocação artística junto a meus pais, na casa da Av. Afonso Pena. Artistas e críticos ali frequentavam. O próprio mestre Guignard vinha me visitar quando descia a Avenida em direção ao parque.

Quatro casamentos aconteceram naquela casa: o meu, da minha prima Lulude e o das minhas irmãs, Lourdes e Maria Regina.

Em julho de 1947, casei-me ali com o Luiz. Uma festa simples comemorou o evento. Ocupávamos o porão da casa, onde nasceu, um ano depois Marília, minha filha mais velha. Nessa ocasião o Castelinho celebrava o casamento de minha irmã, Lourdes, com o jornalista Wilson de Figueiredo e, muitos anos depois o casamento de Maria Regina e Azulino.

Os noivados eram celebrados com festa e foguetes. Os casamentos das moças traziam a sociedade e a família para eventos felizes, regados a vinhos e champanhe.

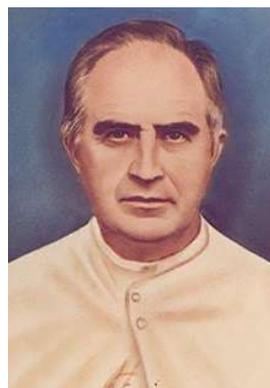
Sempre morei naquela redondeza e meus filhos foram criados ali.

Eram três casas acolhedoras, onde pais e filhos, netos e bisnetos encontraram abrigo. Isto

porque D. Nair, mãe de 7 filhos e avó de muitos netos gostava de se ver cercada pela família. Adorava festas de aniversário, cantava e dançava junto com os jovens e as crianças. As casas assistiram a todos esses eventos e sua memória será guardada com gratidão por todos que ali puderam conviver.

15 de novembro de 2010.

FESTAS, NOIVADOS E CASAMENTOS NA DÉCADA DE 40



Fotos: Arquivo Maria Helena Andrés e Internet

Morávamos numa casa estilo mexicano em forma de castelo, na Avenida Afonso Pena, que chamávamos de Castelinho.

Lembro-me de Frei Eustáquio benzendo o nosso Castelinho na Avenida Afonso Pena, a vizinhança toda correndo para ver a benção do Frei Eustáquio, o santo da época!

Quando fiquei noiva de Luiz, comecei a receber visitas. Numa dessas visitas, gente de muita cerimônia, Antônio Eugênio entrou na sala, olhou para todos e comentou: “Vocês estão demorando, hein? Nós temos de ir ao Parque Municipal...”

No noivado de Lourdes, outro fato aconteceu. Naquela época os pais do noivo pediam as

moças em casamento. Wilson pediu a seu amigo, o professor Orlando Carvalho para fazer o pedido. O professor chegou, conversou, conversou e nada do pedido. Já tinha passado 1 hora e nada, nós todos olhávamos atrás da porta e o pedido não saía. Havia assunto demais. Foi quando o meu irmão Luiz, com 11 anos de idade, começou a soltar foguetes na sacada do castelinho, anunciando o noivado e as empregadas entraram na sala servindo salgadinhos. Então o Dr. Orlando precipitou o pedido e o noivado aconteceu debaixo de comes e bebes e muita alegria.

Os noivados duravam dois anos, pois tínhamos de fazer o enxoval - as bordadeiras faziam pontos de cruz e pontos de sombra em lençóis de linho e percal. Guardávamos tudo dentro de um baú antigo.

Nossas festas de casamento prolongavam-se por um mês inteiro, os tios e primos vinham do Rio e meus pais, muito hospitaleiros, cediam o próprio quarto para que eles ficassem com as crianças. Meu casamento foi um pretexto para que os tios viessem de férias para Belo Horizonte. Resolveram nos visitar na fazenda Florestal do SESC, próximo a Belo Horizonte, onde estávamos hospedados logo após o casamento. Colocaram a família inteira dentro do carro para fazer uma surpresa aos noivos, e nos encontraram debaixo de uma árvore, Luiz estudando e eu desenhando. Minha vida de casada começou assim, Luiz estudando e eu pintando. Quando saímos para a nossa viagem de lua de mel, estranhei o peso da mala do Luiz. Perguntei curiosa: “O que é que você está levando aí, tão pesado?” Ele então respondeu: “São livros de medicina, para eu fazer um concurso no Rio de Janeiro”. Respondi: “Então espere um pouco, vou buscar minhas tintas.” Toda a nossa vida transcorreu na maior tranquilidade, cada um seguindo a sua vocação profissional.

Luiz gostava de preparar as telas, vestia avental de médico e não deixava ninguém preparar, tinha de ser ele.

Lembro-me de Isaura e Bárbara; as duas moravam na favela do Pindura Saia e eram empregadas de mamãe. Eram ótimas cozinheiras, falavam demais e bebiam mais ainda. Papai comprava sacos de arroz e feijão num empório na rua Espírito Santo. Fazia doações de parte da mercadoria para as famílias pobres, e as duas empregadas levavam uma boa parte para a favela. A Bárbara contava: “Quando vamos fazer nossa comidinha em nossa casa na favela, o povo corre para nos visitar. A casa enche de gente e temos de repartir com todos. Os vizinhos percebiam pelo cheiro: Estão fritando toucinho na casa da Bárbara...”

Eu tinha 18 anos e ganhei um prêmio no Rio com um retrato da Isaura, um desenho em pastel. Era meu primeiro prêmio e hoje não está comigo, dei-o para a própria Isaura. Lembro-me de um jornal do Rio que noticiou: “Tem caráter, fala, a portuguesa da Senhorita Maria Helena. ”

SOBRE LUIZ ANDRÉS I



Fotos: arquivo Luiz Andrés

As próximas postagens serão em homenagem ao meu marido Luiz Andrés, que completaria 90 anos no dia 3 de maio de 2011.

Conheci o Luiz na época da II Grande Guerra. Foi na década de 40, quando a situação na Europa repercutia em todo o mundo e chegava ao Brasil, com a convocação dos reservistas para atuarem na Itália.

Eu já namorava o Luiz quando ele foi convocado e aquela convocação derrubou os planos do nosso casamento. Até hoje me lembro do telegrama e do impacto sobre nosso romance: “Participo foste convocado, devendo comparecer São João Del Rey dia 8 de dezembro”. Aquele telegrama foi um tiro sobre nossos projetos de vida.

Fomos levá-lo na estação da Estrada de Ferro, de onde saiam todas as pessoas que viajavam na época. Foi uma choradeira daquelas. Aquilo era uma notícia muito importante e muito triste ao mesmo tempo. As amigas foram todas ao embarque e em coro cantaram “Adeus amor eu vou partir, ouço ao longe o clarim...” Aquele clarim ficou ressoando nos meus ouvidos por muito tempo. Despedida de convocado era acompanhada de música e também de muitas lágrimas.

Ficar sozinha no Brasil e imaginar a pessoa amada morrendo na guerra foi um episódio dramático para o nosso relacionamento. Comunicávamos por cartas, na época não havia e-mails ou Skype. Até hoje guardo as cartas que ele me escreveu do quartel onde se preparava para defender o Brasil. Mas Deus nos ajudou. Luiz pediu licença para seguir como médico, mas não foi necessário. Em agosto, com o término da guerra, os reservistas brasileiros voltaram para suas famílias.

O fim da guerra trouxe os soldados de volta. Ficamos noivos e pudemos dançar a valsa de formatura em 1945.

Nosso noivado foi um aprendizado de vida. Todas as semanas íamos para a fazenda, onde eu podia ter maior contato com a natureza e fazer meus desenhos e pinturas da vida rural de Minas.

Luiz sempre foi o maior fã da minha arte. Quando me conheceu eu já era artista, participava de Salões e frequentava a Escola Guignard. Ele me dava livros de Jacques Maritain e juntos íamos “As grandes amizades” de Raissa Maritain e os poemas de Fernando Pessoa, Paul Claudel e Rainer Maria Rilke.

Preparando o enxoval, como qualquer noiva da época, eu me preparava também para ser esposa e artista.

As irmãs do Luiz eram minhas amigas, liam também os filósofos católicos, participavam de encontros da Ação Católica e ao mesmo tempo me ajudavam na vida simples da fazenda que eu não conhecia, mas que começava a se desvendar para mim com todo o encanto do encontro com a terra. Na fazenda, eu convivia com D. Malisa, pessoa santa, de uma religiosidade própria e de uma paciência e alegria sem limites.

Guardo também uma lembrança muito acolhedora do Sr. Artur, meu sogro, o oposto da esposa, diplomático e formal.

Nosso casamento foi pela manhã na Igreja de Santana, na Serra, e para essa cerimônia compareceram amigos e familiares.

Meus tios Ênio e Juju vieram do Rio para a festa, fazendo sucesso na cidade com um Cadillac rabo de peixe. Naquele mesmo dia seguimos para nossa viagem de lua de mel. Eu já estava com as malas prontas, quando notei que o Luiz levava outra mala suplementar, pesadíssima. Perguntei o que ele carregava de tão pesado.

_ “São livros para estudar...”

_ “Então deixa eu pegar minha malinha de tintas!”

Assim foi nossa lua de mel, entremeada com a profissão. Cada um na sua, na melhor boa paz. Assim seguiu também a nossa vida de casados, cada um respeitando e admirando o outro.

Tenho guardado até hoje um caderno de desenhos da época, registrando cenas de uma

fazenda próxima a BH, onde ficamos nos primeiros dias e depois o “Largo do Boticário” e a Rua Pires de Almeida em Laranjeiras, apartamento cedido pelos tios do Rio para ficarmos durante um mês.

9 de maio de 2011.

SOBRE LUIZ ANDRÉS II



Fotos: arquivo da autora

Nos primeiros anos do nosso casamento Luiz estudava para concursos e enquanto ele estudava eu pintava. Esta determinação intelectual de se aprofundar nos estudos científicos da Medicina me estimulava também a me dedicar à minha arte totalmente, sem prejuízo da família. Os filhos foram chegando e trazendo alegria para todos. Luiz era um pai amoroso, cuidava das crianças à noite e ajudava nas mamadeiras. Nunca tivemos enfermeiras, cuidávamos sozinhos dos filhos. Para isto, abri mão dos efeitos secundários da arte, de participar de encontros sociais ou da “vida boêmia” própria do artista. Aprendi a ver que, para fazer uma arte de qualidade, o importante é o trabalho.

Eu via o Luiz trabalhando e se dedicando à medicina. Também como artista eu não via nenhum empecilho em ser dona de casa e mãe de família. A arte da medicina poderia ser exercida com as atividades familiares, assim como as belas artes se estendiam a todos da família. Arte estendida à vida, para nós, começou em casa, com nossa profissão perfeitamente integrada ao dia a dia, sem cobranças ou conflitos. Luiz adorava me ver pintar, preparava minhas telas. Esticava o pano no chassi com preguinhos, passava a tinta branca com pincel largo, esperava secar, passava outra demão. Não deixava ninguém preparar as telas, ele mesmo me entregava prontas para serem pintadas. Até hoje me lembro do Luiz vestido com avental branco de médico, preparando com carinho telas enormes para que eu pintasse. Meu ateliê na ocasião era na sede da fazenda da Barrinha e também em BH, na Rua Santa Rita Durão. As crianças brincavam perto, da janela eu podia

vê-las. Luiz fazia gosto na arte das crianças, trazia papéis que sobravam das radiografias, papéis pretos e cor de laranja. Ali as crianças desenhavam as galinhas do nosso galinheiro, cada galinha tinha um nome. Luiz não gostava que os filhos saíssem para a rua, as brincadeiras eram organizadas ali mesmo, ao nosso lado, com toda a liberdade criativa. Pintar os muros era uma festa, preparávamos as tintas e as crianças grafitavam 60 metros de quintal. Quando chegavam ao final dos 60 metros, o início daquele mural infantil já estava desgastado pelo tempo e pelas chuvas e já era hora de cair tudo para eles começarem outro painel. O ateliê de BH era frequentado por críticos de fora, que achavam engraçado ver tantas crianças pintando, o pai preparando telas e as lavadeiras vestidas com as telas que não davam certo por qualquer motivo.

Luiz organizou uma exposição das duas filhas mais velhas na Associação Médica. Elas eram adolescentes, uma com 13, outra com 15 anos. Na inauguração um médico comprou um quadro de cada uma, um sucesso no campo da arte. Ficamos contentes com este primeiro reconhecimento público. Depois soubemos que o médico era o próprio pai, pois anos mais tarde os quadros apareceram nas paredes de seu consultório. Luiz não me acompanhava nas minhas viagens para São Paulo durante as Bienais, mas acreditava que um artista devia se atualizar, não podia ficar parado em BH. Incentivava minhas viagens: “Você tem de conhecer os Estados Unidos, foi convidada...” Passei quatro meses fora, ele deu segurança para as crianças, ajudado por suas irmãs e mãe. Não deixava os filhos se queixarem de doenças: “Sua mãe não deve se preocupar durante a viagem”. Isto para mim foi importante, saber que a família estava bem e sem problemas. Luiz sempre supervisionando tudo e todos de forma amorosa.

Cuidava também de sua própria família, resolvendo problemas dos pais e dos irmãos. Na década de 50, o Roberto, irmão mais novo do Luiz e muito chegado a ele, foi clinicar no interior e chegou a BH doente dos pulmões. Luiz convidou-o para ficar de repouso em nossa casa. Armaram um verdadeiro hospital dentro de casa, vieram a mãe e as irmãs para ajudar e eu tive de ficar dois meses morando em Entre Rios com meu sogro, por causa das crianças. Esse deslocamento familiar causou surpresa na minha família, mas era necessário e foi feito. Aproveitei a oportunidade para desenhar os bozinhos, o carro de boi chegando, cenas do interior como mulheres fofocando na rua, uma mudança a cavalo, móveis antigos, salas do tempo do Brasil Colônia, um retrospecto hoje revivido em outros desenhos de linha contínua, transformados em esculturas.

SOBRE LUIZ ANDRÉS III



Fotos: arquivo pessoal

Tudo na vida tem sempre um lado de sombra e outro de luz. A generosidade do Luiz para com a família se estendia para um desapego, de não reivindicar qualquer coisa em benefício próprio, preferia sempre “ver o outro feliz”.

A dedicação, tanto à sua família de origem quanto à nossa família foi o suporte para uma realização profissional de grande fertilidade.

Em 1956, com 35 anos de idade, Luiz obteve o grau de catedrático na Escola de Medicina, sendo considerado o catedrático mais novo do Brasil.

Luiz levava susto com as minhas mudanças no campo das artes plásticas. Não dava palpites pessoais nos meus quadros, embora às vezes lhe parecessem estranhos.

Incentivava os filhos a seguirem seu próprio chamado interno sem querer dirigi-los. Nossa casa na Santa Rita Durão 432 era frequentada por alunos de desenho e adolescentes cheios de ideias novas. Tínhamos dentro de casa uma Escolinha de Arte onde as filhas davam aula, um laboratório fotográfico onde os filhos faziam fotos e revelavam ali mesmo, além de um estúdio de cinema.

Às vezes eu precisava cercar o Luiz no portão: “Não se assuste, tem um homem de preto, sentado no sofá com um revólver na mão, não é um ladrão, é um personagem do filme do Maurício.” Ou então: “A freira que sobe correndo a rua, fugindo de um homem suspeito, não fugiu do Colégio Sagrado Coração de Jesus em frente à nossa casa. É apenas outro filme...”

Os filhos menores faziam cidades inteiras, maquetes de fazendas, tudo isto na sala de visitas (era época de chuva).

Luiz adorava vê-los criando. Mais tarde, dois meses antes de sua morte, o Artur foi presenteado com um piano: “Tenho medo que você venha a sofrer privações, a carreira de músico é muito difícil, mas vou lhe dar um piano, porque a música é tão bela!” O Artur ganhou o piano e mais tarde a flauta. O pai o incentivou às vésperas de morrer.

Em 1970 cheguei com a informação sobre uma viagem em torno do mundo organizada por uma equipe de assistentes sociais. Era uma excursão com preços muito acessíveis com o objetivo de visitar a Expo-70 no Japão.

“É importante para a sua carreira, artista tem de conhecer o mundo, não pode ficar parada em Belo Horizonte.”

Viajei e conheci o mundo e devo ao incentivo de Luiz a possibilidade de ter uma visão holística da arte e da vida. Comecei a enxergar o oriente como um complemento do ocidente. Aquela viagem ao oriente me abriu a consciência para a unidade planetária e me deu o primeiro toque iniciático na Índia. Comecei a estudar os pensadores e místicos orientais, desde Ramakrishna até Lao Tsé e tornei-me vegetariana. O vegetarianismo foi difícil para ser compreendido e praticado por Luiz, se bem que não fizesse o menor obstáculo à nossa mudança de conduta. Fazíamos meditação em casa, praticávamos métodos terapêuticos orientais tais como o Do-in, Shiatzu e Yoga.

Luiz não praticava, mas também não fazia o menor obstáculo e a família continuava a seguir o seu próprio caminho, muitas vezes contrariando a medicina tradicional. O respeito ao outro não deixava que ele se opusesse ao nosso despertar holístico.

Escrevi o livro “Os caminhos da Arte” na década de 70, fazendo palestras e mostrando a relação que havia entre a sabedoria milenar do Oriente e a mentalidade científica do Ocidente – “Um casamento perfeito de opostos complementares”.

Na adolescência de meus filhos, todos passamos pela experiência dos anos de chumbo no Brasil, sofremos com as perseguições e os protestos estudantis.

O registro que eu tenho dessa época de violência e medo são os meus quadros da fase de guerra. Arte e vida são inseparáveis, e, na época, minha pintura se tornou violenta também, numa forma de denunciar as torturas e as prisões.

A década de 60 foi registrada nesses quadros em preto e branco.

Incentivado por seu primo e amigo Antônio Ribeiro, compramos em 1972 um lote no Retiro das Pedras, condomínio próximo a Belo Horizonte. Luiz aproveitou pouco a casa do Retiro, pois faleceu em 1977, apenas três anos após a construção da casa. Tenho certeza, no entanto, que ele estará sempre presente aqui.

26 de maio de 2011.

ACIDENTE II



Fotos: Internet

As coisas se repetem na vida, é bom que prestemos atenção nisto. São experiências com características semelhantes.

Foi em 1950, quando ganhei o prêmio de Isenção de Júri no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Estava com as malas prontas para a viagem, passagem de avião na bolsa, quando papai veio me ver. Descera a rua Santa Rita Durão bem cedo de manhã para me aconselhar a não ir de avião.

“Tive um sonho horroroso com você, um desastre. Por favor, troque a passagem; não vá de avião.”

Naquele tempo, viajar de avião era considerado um risco de vida.

“Mas, papai, já comprei a passagem”

“Não faz mal, eles podem trocar ou te dar o dinheiro de volta, mas atenda o meu pedido, não vá de avião.”

“Está bem, vou providenciar uma passagem de trem.”

Fui até a praça da Estação, consegui a passagem e desisti de ir de avião.

No trem acomodei-me no beliche de cima, com minhas malas aos meus pés: embaixo dormia uma senhora com uma criança de uns 5 anos.

O trem saía de Belo Horizonte, passava pelos subúrbios, as luzes da cidade iam diminuindo aos poucos, o embalo do trem conduzia a um sono tranquilo. Estávamos no último carro e as curvas faziam as malas deslizarem na cama em ritmo de percussão. Já estava dormindo o primeiro sono, quando senti uma trepidação diferente, o corpo sacudido de todos os lados, as malas caindo.

Barulho, choque, poeira, o teto balançava, rodava, vidros se espatifando, escuridão, fumaça. Depois do choque maior, um silêncio de morte. Será que morri?

Comecei a apalpar meus braços, pernas, para ver se estava viva. Escuridão total, disparo do coração e a busca angustiante da vida que poderia escapar.

Pensei comigo mesma – “estou viva, estou sentindo dor no braço e muito peso nas pernas”.

De repente o silêncio é rompido com o grito histérico de uma mulher. O grito era tão assustador que eu quase morri de susto. Mas pensei: “Se estou ouvindo é porque estou viva.”

A criança embaixo chorava, a mãe se agarrava a ela chorando no escuro, por cima das malas.

Em seguida, a voz do chefe do trem orientando os acidentados:

“Não se assustem, o trem capotou, estamos com as rodas para cima, mas graças a Deus, não rolamos no abismo.

“Deus ajudou, pensei, estamos salvos.”

Sair do trem foi uma cena dantesca, saímos pelas janelas, auxiliadas por um grupo de políticos que viajava no vagão da frente.

No escuro, pude escutar vozes conhecidas, o Dr. Franzen de Lima, que me socorreu, e o Dr. Maurício Bicalho. Fomos levadas para o vagão dos políticos e seguimos viagem aglomeradas, em cima de algumas malas. As outras ficaram no vagão acidentado, para serem procuradas mais tarde. O médico de bordo nos atendeu para os curativos. Felizmente ninguém morreu.

Ainda me foi possível chegar a tempo para a entrega de prêmios, com o braço engessado.

O sonho de papai se realizou, mas a interpretação que ele deu, não conferiu.

29 de janeiro de 2018

VIAGENS DE TREM



Fotos: internet

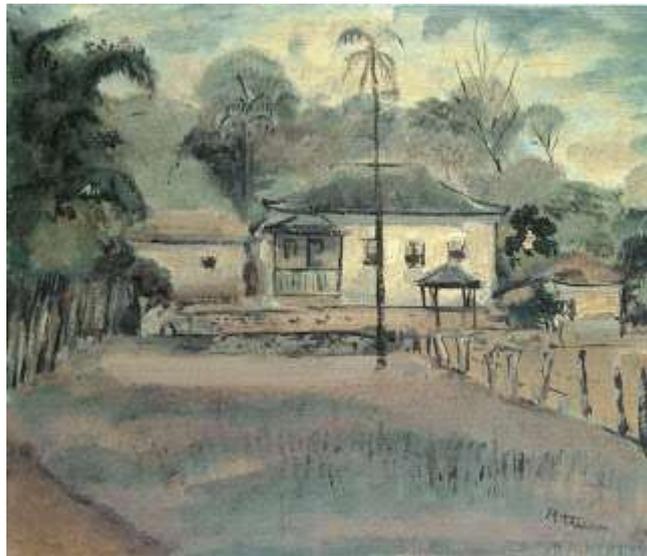
Antigamente parte
Do transporte
Era feito
Por trem de ferro.
Quem quisesse
Viajar
Para o Rio (ou para Entre Rios)
Teria de se arrumar
E entrar no trem.
Sacudindo pelas
Estradas
Lá ia o trem.
A paisagem
Passageira
Passava
Pelas vidraças.

Montanhas
Rios
Campinas
Casario.
E sempre um
Coqueiro na
Curva do caminho.
Eu via a
Escuridão do túnel
E a saída para a
Luz.
O chefe de trem
Vestido a rigor
Abria as portas
Das cabines
Para perguntar
Se tudo estava bem.
Passei anos a fio
Andando de trem
Nas minhas viagens.
No Brasil
Na América
Na Europa
Na Índia
E no Japão
O trem bala.
Os ingleses fizeram
Estradas de ferro
Pela Índia
E cortaram o país
De norte a sul.
Sempre a mesma
Visão sacolejante

De paisagens
Fugidias...
Sempre o mesmo
Apito nas curvas
Das estradas.
E o trem ia
Seguindo
Alegre
Prazeroso
E às vezes
Cansativo
Enfadonho.
Viajei de trem
Para receber um
Prêmio no Rio.
E o trem virou no caminho
Capotou.
Trem é assim.
Segue os trilhos
E economiza
Gasolina
Diesel
Energia.
Retomar o trem
Não é retrocesso
É acesso à nossa
Realidade.

28 de maio de 2018

MINHA PRIMEIRA VIAGEM À FAZENDA DA BARRINHA





*Fotos de arquivo

Barrinha, 8 de novembro de 1945

Queridos pais,

Espero que todos aí de casa estejam sem novidades. Chegamos bem, tendo feito ótima viagem, muito mais curta do que se esperava. Almoçamos em casa da madrinha de Laura, uma irmã do pai dela, que mora numa chácara, perto da cidade. Desde o começo senti logo a diferença das cidades grandes.

Não conheci propriamente João Ribeiro, mas seus arredores. Lugares lindos, cheios de riachos e bambuzais e casas antigas enormes. A chácara de D. Alzira é uma dessas casas antigas com salas em quantidade e maior número de quartos, para uma pessoa só morar. Fiquei encantada com a dona da casa. Recebeu-nos muito bem, com tanta simplicidade como se fossemos longamente conhecidas. Lá passamos o dia e viemos para a fazenda de tardinha. Andamos uma hora a cavalo, porque viemos bem devagar para não ficarmos cansadas.

Seu Artur foi buscar-nos na cidade, trazendo os cavalos. Eu, que estava um tanto preocupada porque ainda não o conhecia, com medo de desagradar, fiquei logo mais à vontade depois de conhecê-lo, porque ele também tem a mesma gentileza da D. Alzira. Escolheu o cavalo mais mansinho para mim e foi conversando comigo o tempo todo da viagem. Quando chegamos na fazenda, já estava muito mais animada.

Estou escrevendo agora, no quarto da Lourdes Andrés. Depois do almoço já demos uma volta enorme a pé, pelo pomar. Chupamos jabuticabas, daquelas enormes de 4 centímetros e meio de diâmetro (medidos por Laura), e depois de muito conversar, vim escrever. Imaginem se estivesse aí

em Belo Horizonte, estava justamente saindo da mesa do almoço.

Bem em frente da casa tem uma várzea enorme, cheia de capim verdinho, onde pastam os animais. Neste momento lá longe, pela janela eu estou apreciando as vacas e bezerros que, em enorme quantidade, passeiam no gramado, (isto é, capim).

A vista é uma beleza e pretendo logo que descansar um pouco mais, aproveitar para tirar umas pinturas daqui.

Acho que, pelo jeito, vou engordar como nunca. Como muito e até tomei leite cru, hoje de manhã.

Lourdes escreveu? Pretendo responder-lhe a cartinha em breve.

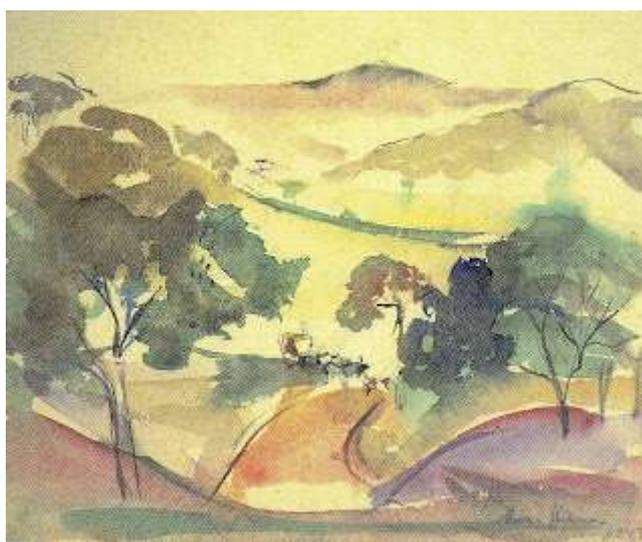
Abraços saudosos aos meninos, e para vocês dois, um maior.

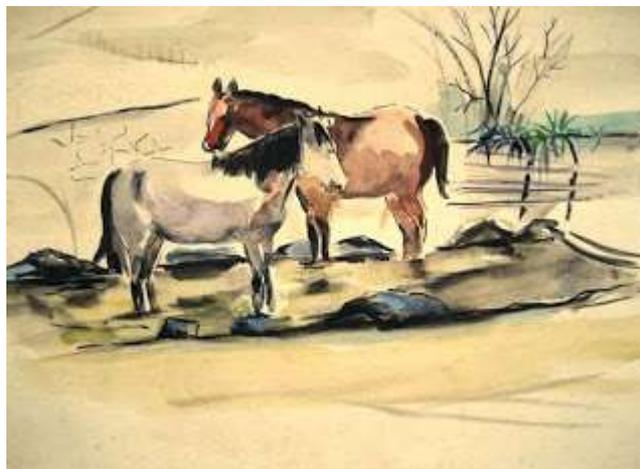
Da filha,

Helena (Carta endereçada aos meus pais, Euler e Nair em 1945)

16 de outubro de 2017

UMA CARTA PARA ALICE





Fotos: Arquivo Pessoal

Querida neta Alice,

Por volta de 1952 passei uma temporada na fazenda, em quarentena, motivada por uma doença de seu tio avô Roberto.

Toda a família Andrés se deslocou para minha casa em Belo Horizonte, onde ele estava hospedado. Fui aconselhada a me afastar com as crianças, meus três filhos maiores Marília, Mauricio e Ivana. Permaneci na roça por muitos meses, em companhia de seu bisavô Artur, que era uma pessoa muito educada.

As crianças aproveitaram todas as alegrias da fazenda, exatamente como as suas filhas estão aproveitando hoje. E eu aproveitei também para desenhar paisagens, aquarelas e realizei a série de "boizinhos".

Seu bisavô Artur me presenteou com um banquinho que me possibilitava fazer minhas aquarelas nas caminhadas pelos morros. Todas as cenas da vida rural, a casa da fazenda, os boizinhos, os carros

de bois, os cavalos no curral, os trabalhadores, os sacos de milho, o feijão espalhado no chão, as crianças brincando no quintal eram motivações para meus desenhos e pinturas. Tive a oportunidade de assistir, naquela ocasião, a um casamento na roça, que o noivo chegava a cavalo. A casa da noiva foi preparada com guirlandas de flores no portão e longas mesas, onde serviam doce de leite, arroz doce e pé de moleque. Galos e galinhas circulavam entre os convidados que dançavam ao som da sanfona e da gaita. Esse cenário se transformou num quadro intitulado *Casamento na Roça* que circulou pelos salões de arte de Belo Horizonte.

Quando íamos para a cidade ficávamos no casarão em frente à Igreja. Da minha janela eu desenhava cenas de rua, uma mudança com os móveis amarrados no cavalo, as mulheres conversando em frente à Igreja, as procissões, o sino da Igreja tocando. Dentro de casa eu desenhava a sala de jantar com os móveis antigos, um relógio em frente ao portão, o fogão de lenha e as cozinheiras fazendo doce de leite e goiabada no tacho.

Todas essas cenas foram produzidas durante aquele isolamento, forçado por circunstâncias da vida. Aprendi a superar as dificuldades com a ajuda da arte. Descobri, desde aquela época, a poética do cotidiano.

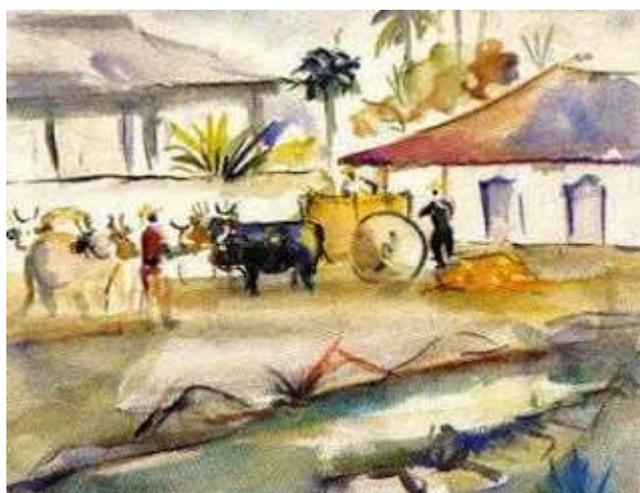
Hoje, os desenhos de linha contínua, iniciados naquela época, estão se transformando em esculturas gigantes instaladas no jardim de esculturas, no Retiro das Pedras.

Adorei saber que as minhas bisnetas estão curtindo a fazenda como os meus filhos e os meus netos curtiram.

Um abraço para você, Paulo, Cora e Cecilia,
da avó Helena

27 de julho de 2020

HISTÓRICO DA LUZIÂNIA





No ano 2000 escrevi este texto sobre o Histórico da fazenda Luiziânia:

“Por cima da mesa realizou-se o sorteio das terras da Barrinha. Vovó Malisa comandava e ia lendo os nomes dos agraciados. A casa, com curral e dependências saiu para Laura. Luiz ganhou os terrenos do Capão, lugar onde o vovô Artur plantara um bambuzal quando por ocasião de seu noivado. Foi uma grande lição de desapego para o Luiz que já estava acostumado a frequentar a casa antiga todos os fins de semana. Ali ele repousava do sufoco da cidade, esquecia os problemas da Escola de Medicina, e, deitado na rede passava os fins de semana.

A sorte decidiu por todos nós e no dia imediato decidimos a mudança, deixando para trás quadros e livros. Não sei por que, na pressa de sair, o Luiz levou consigo um castiçal de bronze com uma vela e uma colher de criança, lembranças da infância.

Luiz era uma pessoa afetiva, ligada ao passado, e para ele foi doloroso deixar a fazenda. Era necessário, naquele momento, criar uma nova sede no terreno que ganhamos no sorteio. Saímos a cavalo, Maurício e eu, percorrendo as terras e ficou decidido que a casa seria construída no lugar da antiga casa do Zé dos Santos. A vista era linda e havia possibilidade de água no local. Coube ao Maurício, como arquiteto, desenhar e construir uma casinha pequena, fogão de lenha na sala, varanda dando para a várzea, três quartos, sótão, garagem. Ali passávamos os fins de semana e o Luiz pode novamente descansar nas terras que lhe pertenciam, olhando as vaquinhas pastando na várzea. A última vez que ali estivemos juntos vimos um disco voador parado em cima da casa. Depois ele adoeceu e veio a falecer em agosto de 1977, três anos depois de construída a casa.

Em 1978 viajei para a Índia acompanhando Maurício, Pá e Joaquim. Em 1979 Euler celebrou seu casamento na roça na casa da Fazenda Luiziânia. Euler e Lara ali residiram por algum tempo e a eletricidade foi colocada na fazenda quando o Manoel nasceu. Esta foi a primeira fase da casa, construída com simplicidade, fogão à lenha e luz de lampião. Ali foram criados os três filhos de Euler e Lara, até o dia em que eles chamaram o Chiari para desenhar a nova casa que foi construída logo acima.

Nossa casa se transformou mais tarde com a reforma de 1991, fruto da herança de mamãe. As terras já tinham sido divididas entre os filhos e a casa, depois de pronta, com ateliê e dependência de empregados, área para carros, etc, tornou-se um ponto de encontro da família.

Decidi também passá-la para o nome dos filhos para que eles construíssem em torno se fosse o caso. O condomínio Luiziânia foi criado para que a família pudesse se reunir no lugar onde sempre frequentamos nos fins de semana. As notícias de que o mundo “ia se acabar” muito contribuíram para acelerar o processo de construção e reforma da casa. Fiquei imaginando como seriam os três dias de trevas anunciados pelos ETS e relatados com detalhes por uma freirinha, criada no Uruguai, que conversara com os habitantes de outras galáxias. Eles pediram para deixarmos a cidade e nos acamparmos na roça. Ali, Artur e Regina construíram uma casa com galpões para realizarem seus seminários de grupo Gurdjieff.

Lembrei-me de um vidente na Índia, que procuramos. Ele lia o futuro em folhas de bambu. O vidente ia procurar no arquivo, sentava-se em frente, não perguntava nada. “Vocês vão construir uma comunidade no próximo milênio, num terreno herdado de seu marido...”

Desde os anos 40, minha arte tem sido inspirada em paisagens da fazenda. A minha fase figurativa documenta o movimento de uma fazenda mineira com as idas e vindas dos carros de boi, as vacas sendo ordenhadas como antigamente.

Acho que o Luiz, lá do alto, deve estar contente com a nossa alegria.”

3 de outubro de 2016

FAMÍLIA DE ARTISTAS





Fotos: Arquivo Pessoal

Morávamos numa casa com um quintal muito grande. As crianças podiam se divertir sem precisar de ir para a rua. Luiz preferia que elas brincassem no fundo do quintal enquanto eu, da janela do meu ateliê acompanhava o movimento lá fora, crianças, galos, galinhas, cachorros.

Havia um muro enorme de 60 metros.

Eu preparava tintas nos baldes para eles grafitarem as paredes. Era um dia de festa quando pintavam – murais cheios de sugestões infantis.

Nos papéis coloridos desenhavam o que sentiam daquelas experiências, os passeios no parque Municipal de BH, que era também um pequeno zoológico, as viagens ao Rio para criar castelos na areia e a vida rural de uma fazenda mineira.

Esse contato com a natureza lhes permitia expandir o seu mundo e colocá-lo no papel, nas telas e nos muros. Viajávamos de trem para a fazenda, crianças de todas as idades, alguns de colo exigindo mamadeiras. Parávamos em Jeceaba e ali tomávamos a perua do Chico Marzano e íamos até Entre

Rios afrontando a poeira das estradas.

A casa de meus sogros abrigava todos, filhos e netos.

A fazenda ficava situada num lugar muito bonito, com o rio Brumado passando na várzea. Fazenda antiga, construção colonial. Éramos esperados com muita alegria. Ali as crianças se esbaldavam, andavam a cavalo, nadavam num riacho próximo, tinham mais espaço para as brincadeiras.

A família cresceu e tomou o caminho da arte.

Marília se tornou historiadora, fazendo palestras sobre Arte e História pelo mundo afora, com vários livros publicados. Atualmente é presidente do IMHA (Instituto Maria Helena Andrés).

Maurício se desenvolveu no cinema, tendo feito o roteiro do documentário recente sobre a minha trajetória. Tornou-se um ecologista reconhecido internacionalmente.

Ivana é artista plástica e estendeu seu campo criativo para o Teatro. Participa do grupo Voz e Poesia e como atriz interpretou Camille Claudel. É responsável pelas postagens de meus 2 blogs.

Eliana é professora de Yoga, tendo estudado na Índia. Desenvolveu trabalhos unindo Arte, Yoga e Ecologia. É responsável pela catalogação da minha obra.

Euler, fotógrafo e veterinário, cultiva hortas orgânicas em sua fazenda. Desenvolveu inúmeras ações culturais na cidade de Entre Rios de Minas durante sua gestão à frente do IMHA.

Artur, manifestou desde cedo a sua vocação para a música, e como flautista se apresentou inúmeras vezes nos palcos do mundo. Seu filho, Alexandre, é reconhecido internacionalmente como músico e compositor.

9 de Abril de 2018

MOÇA FANTASMA E VACA GRIPADA



Fotos: Maria Helena Andrés

Uma drogaria na Avenida Getúlio Vargas em BH, antiga Avenida Paraúna, tem uma vaca no

meio do jardim, uma vaca resfriada, com um cobertor de lã sobre o lombo e um termômetro na boca. As vacas desfilaram pelo mundo na Cow Parade e esta veio estacionar frente a essa farmácia para talvez se curar da gripe suína, ou da próxima gripe bovina. No Rio, uma delas resolveu ler os poemas de Drummond em Copacabana. Pessoas criativas existem pelo mundo a fora e aparecem quando têm oportunidade. Recentemente recebi um vídeo de um seguidor do meu blog, mostrando uma escola de arte onde crianças pintavam a vaquinha em arte coletiva. A vaca é um animal sereno, dá tranquilidade. Na Índia elas trafegam pelas ruas, misturam-se com o povo. Aqui as pessoas chegam, sentam-se em frente à vaca. Tudo respira paz. Dentro da farmácia, lá no fundo existe um café onde fico em silêncio, olhando o sol entrar pela vidraça. “Porque será que eu gosto tanto deste lugar? ” A resposta me veio de repente. Antigamente aqui existia uma casa cercada de jardins, coberta de uma era verde, estilo normando. A casa era grande, com uma escadaria de madeira, que fazia barulho quando a gente subia ou escorregava pelo corrimão. Minha imaginação de criança subia as escadas devagarinho, procurando desvendar o mistério de uma água furtada, onde deveriam estar guardados os brinquedos de Natal. Naquela casa moravam meus tios, que ofereciam generosamente a sua piscina a todas as crianças, sobrinhos e primos. Aprendi a nadar naquela piscina, meu tio comandava e estimulava a turma. Durante o carnaval, vestidas de fantasias de papel crepom, mergulhávamos na piscina azul, transparente, e ficávamos olhando os papéis coloridos desmanchando-se na água. Não sei quem limpava a piscina no dia seguinte, mas devia dar trabalho! Só me lembro de coisas boas da infância neste lugar privilegiado, que já foi residência familiar, loja de tapetes, depois sede de companhia aérea, agora farmácia. Meus tios mudaram-se para o Rio e a piscina foi desconstruída. Mas ficou famosa na história de BH, porque um jornal da época noticiou que a moça fantasma ali nadava de madrugada. Eu nunca vi fantasma nadar em piscina, mas assim mesmo morria de medo...

Carlos Drummond escreveu um poema sobre a moça fantasma, do qual transcrevo um pequeno trecho:

*“Eu sou a Moça-Fantasma
que espera na Rua do Chumbo
o carro da madrugada.*

*Eu sou branca e longa e fria,
a minha carne é um suspiro
na madrugada da serra.*

*Eu sou a Moça-Fantasma. O meu nome era Maria,
Maria-Que-Morreu-Antes.(...)*

*Agora estou consolada,
disse tudo que queria,
subirei àquela nuvem,
serei lâmina gelada,
cintilarei sobre os homens
meu reflexo na piscina da Avenida Paraúna”.*

Outras coisas aconteceram neste lugar privilegiado. Ali pintei um painel todo em tons de rosas e verdes, bem suaves, como a dança que ele representava. Minha prima Vera Lucia era dançarina e posou para mim como modelo. O painel ainda existe, está comigo no Retiro, como recordação de todas as vivências da infância e juventude.

12 de outubro de 2010

UMA VIAGEM À EUROPA, COMEMORANDO OS 80 ANOS DE NAIR



Fotos: internet

Em 1980 viajei para a Europa acompanhando a minha mãe, que fazia 80 anos. Achei nos meus guardados, este diário, escrito por ela, contando de forma muito espontânea a nossa viagem.

“Saímos do Galeão às 11 hs da noite de 7/7/80, viagem muito boa. Estamos agora parados no aeroporto de Dakar. Cheguei um pouco cansada, pois saímos às 11 da noite e chegamos às 8 hs da manhã do dia seguinte (embora exista uma diferença de 3 horas para mais, por causa do fuso horário). Chegamos em Genebra e no aeroporto estava à nossa espera um empregado da companhia de aviação. Foi muito atencioso, tomou conta da nossa bagagem e nos levou ao Hotel Éden.

Hoje, dia 9, está bastante frio, tomamos um carro por 2 horas e corremos parte da cidade. Helena conversa correntemente em francês e inglês, de maneira que estamos nos saindo muito bem. Entendo, porém, quando falam em espanhol e entendo também um pouco do francês. A cidade é

linda, com prédios parecendo verdadeiros castelos. É muito limpa, não se vê um pedaço de papel sequer jogado no chão. Hoje presenciei uma criança procurando um cesto de lixo para jogar um pauzinho de picolé. Ele já estava acostumado a não sujar a cidade. O que me admira também são os jardins, todos floridos, com flores que eu nunca havia visto. Arborização lindíssima, as árvores todas com verdes de diversos tons. Nunca tinha visto coisa mais bonita! Num lago (não sei ao certo o nome) havia diversas embarcações e repuxos de água que subiam altíssimos! Hoje me sinto um pouco cansada (coração), mas vou controlando com os meus remédios. Helena tem sido maravilhosa companheira. O dinheiro que corre aqui é o franco suíço, e a vida é caríssima. Helena comprou um casaco de chuva que estava na remarcação. Faltava o cinto, e o dono da loja devolveu 5 francos. Ônibus só paga se quiser. O nosso chofer disse que aqui não existe ladrão nem violência.

Estamos ainda em Genebra e hoje é dia 10, meu aniversário. Estou um pouco triste pois passei longe de meus outros filhos. Almoçamos num restaurante italiano, eu, Helena e Dr. Peter, um médico indiano muito simpático. Fomos depois para o hotel e ele tomou a minha pressão, achando um pouco alta. Acho que, com a emoção da viagem ela tem subido um pouco. Resultado: tive que ficar 2 dias de repouso comendo sem sal. Logo melhorei.

Dia 13 de julho viemos para Paris, onde ficaremos 15 dias. Paris, que tanto sonhava conhecer. É uma cidade muito antiga, todos os prédios velhos. Eles conservam como era no tempo dos reis e rainhas. A toda hora lembro da Maria Antonieta. Estou gostando muito, apesar da chuva que está caindo. No dia do meu aniversário, 8 décadas como disse Paulinho, meu neto. É uma longa vida que nem todos tem o privilégio de chegar. Recebi logo telefonemas de todos os filhos, o que muito me comoveu. No mesmo dia, uma carta da Maria Regina, com gosto de minha família. Da Suíça para Paris levamos 1 hora, uma viagem muito boa. Hospedamos no hotel de France, bonzinho, 3 estrelas, mesmo no centro da cidade.

Hoje é 14 de julho, estão em grande festa, festa nacional pela tomada da Bastilha. Estamos sentadas numa praça onde tem uma festa popular, coreto com música e dança para o povo. Muito interessante e todos muito alegres. Como é emocionante conhecer tantas coisas que já havia lido em romances...

Depoimento de Helena: “pessoas de todas as cores, gente de todas as idades, música, dança, a verdadeira Paris do povo parisiense está aqui nesta praça com um pequeno coreto no meio, mesinhas, café, creperia, janelas com flores, luzes nas ruas. Dá ideia de Ouro Preto, tudo antigo. Pela primeira vez um programa legal, 14 de julho em Paris. Marselhesa, os nobres caindo, o povo, a massa subindo, Revolução Francesa e o mundo depois de tudo continuando na mesma. Pobres e ricos, nobres e plebeus. Ontem em Genebra vimos o Papa João Paulo II na televisão pregando a revolução

sem mortes, sem guilhotinas, mas conscientizando a luta e a compreensão das diferenças no sentido das mudanças. O mundo ocidental quer as reformas da massa, o mundo oriental quer a reforma de cada um dentro de si – Krishnamurti prega outra revolução, a quebra do ego, do eu egoístico para a compreensão também da igualdade de todos – por dentro, não por fora. São dois polos opostos da mesma moeda – mudar, reformar.”

Continuação do diário de D. Nair: “Hoje, dia 16 saí com Helena para um encontro com o embaixador do Brasil, muito simpático. Agora, depois do almoço, fiquei um pouco no hotel descansando. Helena foi a uma editora para mostrar o livro da Índia. Já fizemos diversos programas, à noite o Lido. Fomos a diversos cinemas, todos muito pornográficos, até enjoa.

Hoje, dia 23, viemos ao Museu de Arte Moderna, muito interessante, muito bonito mesmo. Aqui almoçamos e, enquanto descanso, Helena corre o museu.

Hoje, dia 24, fomos a Chartres, uma cidade antiga onde tem uma bela catedral, toda com vitrais belíssimos. A igreja é antiga, mas é dessas catedrais que dá vontade de rezar, recolher. A cidade é linda, toda em estilo muito antigo, fomos de trem primeira classe e voltamos de segunda classe. Ótimo trem, duas horas de viagem. Aqui na França escurece mais tarde, às 9 da noite ainda está claro.” (Diário de Viagem de Nair de Salles Coelho)

1 de outubro de 2014.

AS PRIMAS



Fotos: arquivo Maria Helena

Quando vejo minhas primas do Rio de Janeiro se reunindo todos os meses num restaurante

em Copacabana, simplesmente para estarem juntas, compartilhem de uma afetividade familiar, fico pensando de onde surgiu esta ideia.

Há anos que elas se reúnem todas as primeiras segundas feiras de cada mês, almoçam e compartilham de uma energia coletiva que estreita cada vez mais as relações familiares. Estar junto sem os objetivos sociais de casamento, aniversário, enterro, formaturas, sair de casa para rever as personagens de uma longa história que começou na infância, tudo isso me parece uma ideia que deu certo, uma ideia genial. Parabéns por essa iniciativa.

Aqui de Belo Horizonte não posso compartilhar da companhia das primas. A distância cria empecilhos. Assim mesmo, há alguns anos, tomei um avião para estar junto com esse grupo familiar.

Daqui do alto das montanhas fico pensando: de onde veio esta ideia? De que ramo da família?

Os nossos antepassados também tinham o hábito de se reunirem. Havia sempre uma pessoa para encabeçar a turma, um polo central das reuniões.

No tempo de minha avó, as pessoas se reuniam em torno dela. Vovó tinha uma sabedoria para não sofrer a solidão. Chamava os filhos e parentes para jogar baralho, de forma esportiva. Eu era adolescente, gostava de desenhar figuras. Desenhei o perfil da minha avó enquanto ela jogava e, com este perfil, decidiram que eu deveria estudar artes no Rio, sob a orientação de Chambelland.

As reuniões familiares de antigamente eram criativas, tia Muciola liderava a turma de crianças com teatros, artes plásticas e preparava a turminha de primos para sair no carnaval. Sempre estávamos juntos de maneira divertida, recitando versos, fazendo paródias musicais para os mais velhos.

Aquelas reuniões costumavam até “dar casamento”. Numa delas a tia Maria Sílvia conquistou meu tio Dion quando cantou ao violão com muita graça uma canção sertaneja.

Aquela cena ficou como uma lembrança da minha adolescência. Hoje a tia Maria Sílvia é uma referência na família. Muitas vezes ela vem participar da festa das primas.

Estendendo um pouco mais para outro ramo da família, me lembro da casa do tio avô Joaquim, onde havia reuniões de intelectuais, muitas vezes com a presença de Tristão de Athayde. Quando, em 1953, eu fiz minha primeira exposição no Rio de Janeiro, Maria Letícia, filha de tio Joaquim, deu um jantar para me apresentar aos intelectuais e críticos do Rio. Ali estavam Antônio Bento e Flávio de Aquino, entre outros.

Na minha infância eu me lembro de outro tio avô, também intelectual e político. Efigênio de Salles, então governador do Amazonas, que chamávamos carinhosamente de tio Ziro, nos apresentava pessoas importantes como Santos Dumont. Eu era muito pequena, mas fiquei honrada

de conhecer o pai da aviação.

Vou recuando no tempo, lembrando devagar dos acontecimentos mais antigos da minha infância e sempre uma energia muito boa me chega, vinda dessas reuniões familiares.

Estar junto é importante, vivenciar acontecimentos, participar do mesmo almoço, tudo isto é uma prova de amor que não deve ser esquecida.

2 de outubro de 2010.

CASAMENTO DE CHICA E MARCELO



Fotos: arquivo pessoal

O Rio de Janeiro continua lindo...

Tudo em paz, apesar da guerra anunciada pelos jornais e emissoras. A bandeira do Brasil e do Rio foi hasteada no alto do complexo do Alemão, acando os traficantes. Conseguimos chegar normalmente do Galeão até o Leblon, com trânsito aberto, sem aglomerações. Viemos para o casamento de Francisca, filha do Pedro e Eugênia. Casa-se com Marcelo, seu noivo, com quem já vivia há 8 anos.

Com isto eles tiveram mais tempo para se conhecerem e construírem as bases de um casamento mais sólido.

O casamento foi celebrado com a maior originalidade, debaixo das árvores de uma casa de eventos em Botafogo. Parecia um quadro de Boticelli, com pétalas espalhadas pelo chão. Foi comovente o desfile de crianças com flores na cabeça e as palavras de amor que os noivos leram na hora da solenidade.

Nos alojés de uma casa antiga, datada de 1886, houve festa até altas horas da noite. Todo mundo dançou, inclusive eu.

No dia seguinte fui visitar meus bisnetos, filhos de Luiz e Nádia, cada um mais lindo do que o outro. Relembramos a festa, o buquê da noiva, amarrada no lustre de cristal e a filha do Evandro montada nos ombros do Mauro, tentando desembaraçar o buquê. Conseguiu, mas não ficou com ele, as moças reclamaram, pois ela era muito pequena para casar-se. Quem ganha o buquê é a primeira a casar.

8 de dezembro de 2010.

CASAMENTO DE JOAQUIM PEDRO E FERNANDA I



Fotos: Jared Windmuller, Sininho BHZ e Marília Andrés

“Estamos chegando daqui e dali
E de todo o lugar que se tem pra partir”

O casamento de Fernanda e Joaquim Pedro em Florianópolis ilustrou bem essa música de Edu Lobo. Realmente chegou gente de todos os cantos do mundo: de Minas, do Rio, de São Paulo, de Brasília, do interior de Santa Catarina, dos EUA, de Londres e até da Espanha e da Polônia.

O hotel à beira da praia ficou lotado com os convidados e o jovem casal conquistou a todos reunindo em Floripa as duas famílias. Foi o grande acontecimento do ano. Voamos sobre montanhas e mares.

Assisti a montagem dos arranjos ornamentais da festa, naquele hotel na Ponta das Canas, na costa norte e que ocupa uma situação privilegiada na ilha onde se situa Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina.

O mar, muito sereno, chegava pertinho de nós, levando e trazendo memórias e lembranças.

Eu via flores de cerejeira colocadas no teto entre dosséis brancos. Uma estátua de Buda meditava serenamente no meio da agitação. Por coincidência, naquele dia da primeira lua cheia de maio, quando ocorreu o casamento, comemorava-se no mundo todo o dia de Buda.

“Olha a lua lá no céu, iluminando o casamento”, exclamou Juliana, a netinha de Vanessa.

Quando começou a cerimônia, sentei-me bem na frente, ao lado da outra avó, de Florianópolis. A decoração de flores se estendia por todas as partes, como um cenário colorido, de frente para o mar. Foi escolhido o horário do pôr do sol e logo em seguida surgiu no céu a lua cheia. Ao longe se viam o continente e os barcos de pescadores e, mais perto, podia-se ouvir o som das ondas do mar batendo nas pedras atrás do altar. Flores e mais flores coroaram a festa e formaram guirlandas sobre o altar. Um tablado foi armado para as danças numa pista construída sobre a piscina. Ali houve música e dança até as 2h e 30 da manhã, comandadas pela disk-jockey Sininho BHZ, de Belo Horizonte. Foram armadas tendas brancas por todo o salão e numa delas uma massagista fazia massagem nos pés dos convidados. Experimentei e gostei muito dessa iniciativa.

Voltando a viagens do passado, relembro Pepedro na Índia há mais de 30 anos atrás, muito loirinho, correndo pelos corredores do hotel em Bangalore. Ficou amigo dos hóspedes e garçons, tirava fotos com eles. Muitos anos depois, numa das minhas viagens, um garçom se aproximou: “Onde está o seu neto? Tenho um retrato dele...” acontece que o menino cresceu, voltou para o Brasil, depois se formou em economia na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.

Hoje esse menino, que é o meu primeiro neto, está se casando em Florianópolis, lugar lindo.

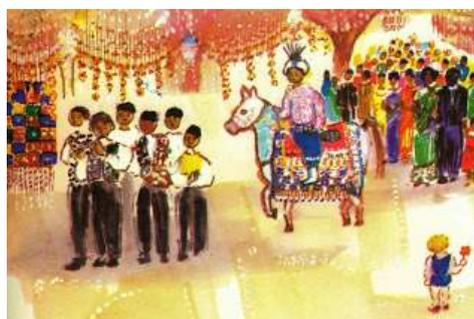
Relembro também os casamentos na Índia, que sempre eram celebrados nos hotéis, permitindo a todas as famílias participarem da festa no local onde se hospedavam. Havia gente chegando de todos os lados e as famílias se encontrando para a formação de uma nova família.

Casamentos na Índia são importantes, o noivo chega a cavalo, coberto de pedrarias. As festas se prolongam por três dias e três noites com muita música, dança e alegria.

No livro de Pepedro nos caminhos da Índia, desenhei o menino Pepedro assistindo a uma dessas cerimônias. Aparecida, mãe de Pepedro, descreveu o casamento indiano: “na frente, a banda de música; depois, um cavalo branco de capa bordada em brilhos com o noivo todo enfeitado. Atrás vinham os convidados, em roupas chiques, de gala, alegremente cantando, fazendo a festa na rua. Enquanto isso a noiva se aprontava.” Percebo as semelhanças e contrastes entre os dois países, separados por muitos mares. O casamento de Pepedro e Fernanda foi celebrado no hotel, numa cerimônia que nos lembrava os casamentos na Índia.

Festejemos Joaquim e Fernanda com a alegria que existe no coração de todo brasileiro, eles merecem.

CASAMENTO DE JOAQUIM PEDRO E FERNANDA II



Fotos: Jared Windmuller e arquivo Maria Helena

Os casamentos de hoje em dia incluem uma poética que antigamente não existia. Os noivos criam a sua própria linguagem. Foram inspiradoras as falas ocorridas no casamento de Joaquim Pedro e Fernanda à beira mar, no norte da ilha de Santa Catarina.

Assim falou Fernanda para Joaquim:

“Perante todas essas pessoas tão importantes em nossas vidas; perante Deus e está linda praia que me viu crescer, entrego a você todo meu amor, toda minha dedicação e amizade. Prometo, a cada dia, regar com carinho e cuidado essa linda plantinha que nasce hoje: a nossa família. Ao longo desses últimos sete anos juntos, soubemos nutrir muito bem nossa árvore do amor, que cresceu robusta e fincada em raízes bem fortes. Prometo ser uma esposa companheira, fiel, leal – sempre respeitando as nossas diferenças e a nossa individualidade. Prometo não esquecer o que somos e o que sonhamos ser. Amor da minha vida, estarei sempre com você na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Que os momentos felizes inundem nossas vidas e nos tragam muita sorte, prosperidade e paz. E que os momentos difíceis não nos deixem nunca perder a ternura e tornem ainda mais forte essa união. Te amo para sempre. Sou uma mulher de sorte. Sou a noiva mais feliz do mundo.”

E Joaquim Pedro disse para Fernanda:

“Ainda me lembro como se fosse ontem quando nos conhecemos em 2005 durante uma bifurcação de nossas vidas. Você, recém-chegada de Florianópolis e sedenta por abraçar o mundo. Eu, de volta às raízes do Brasil, depois de uma década no exterior. Ambos buscando novos horizontes pessoais e profissionais, cada um à sua maneira. Andamos de mãos dadas por um tempo, tomamos caminhos separados que em um momento o destino tratou de alinhar. Madrugamos para trabalhar

e curtimos férias prolongadas. Dividimos muitos sorrisos e por vezes sofremos juntos. Moramos juntos e separados. Alçamos voos em conjunto, mas quando a vida nos presenteou com oportunidades imperdíveis, aprendemos a voar solo sem perder a essência da nossa união. O nosso relacionamento sempre soube alimentar o amor em comunhão, respeitando nossos espaços. A nossa união, que amadureceu ao longo dos anos, cresceu cada vez mais forte – e nunca foi sinônimo de prisão. Essa cerimônia marca uma nova etapa de nossas vidas: a formalização de uma união que construímos durante cada dia dos últimos anos, junto com muitas das pessoas que estão aqui hoje celebrando conosco esse momento tão especial. Plantamos ao longo desses últimos sete anos a semente de um amor puro e cheio de cumplicidade, apreciador de nossas semelhanças, mas acima de tudo, respeitador de nossas diferenças. A verdade é que duas árvores de uma mesma floresta não crescem na sombra uma da outra. Ambas precisam de espaço e de luz para florescerem juntas no mesmo compasso. Que o nosso amor saiba encontrar o equilíbrio da comunhão e da individualidade. Que nossos passos caminhem lado a lado no mesmo ritmo, sempre com um norte em comum. E que por meio dessa união saibamos dividir a nossa luz e respeitar os nossos espaços. E acima de tudo que saibamos construir, cada um à sua maneira, uma vida inteira juntos. ”

Aparecida, mãe de Joaquim, leu falas da 1ª epístola de São Paulo aos coríntios:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como um bronze que soa ou um címbalo que retine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tivesse tão grande fé que transportasse montanhas, e não tivesse amor, eu nada seria. Ainda que eu distribuisse todos os meus bens aos pobres e entregasse meu corpo em sacrifício, se não tivesse amor, de nada me aproveitaria. O amor é paciente, é benfazejo, não é invejoso, não é arrogante e nem orgulhoso. Nada faz de inconveniente, não é interesseiro, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se satisfaz com a injustiça, se alegra com a verdade. O amor tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha.”

O belo pôr do sol e a lua cheia de 5 de maio de 2012, a lua de Buda, testemunharam, do cosmos, essa união.

28 de maio de 2012.

HOMENAGEM A ZAUHRY BARROSO SANTA ROSA



Homenagem
in memoriam
Zauhry Barroso Santa Rosa
14.5.1923 31.5.2012



Fotos: arquivo pessoal

Zauhry faleceu na madrugada do dia 31 de maio - uma morte sem traumas, em casa. Queria morrer assim, sem dar trabalho, silenciosamente, apenas parando de respirar. Deixou a densidade de nosso planeta, para voar mais alto em busca de luz. Recordamos sua vida, uma trajetória de guerreira, que foi abrindo caminho para outros passarem. Filha de um imigrante sírio que, quando chegou ao Brasil, trocou seu sobrenome de Chukair para Barroso e assim inaugurou uma nova família, ela foi a caçula de 14 irmãos, sendo cinco mulheres: Zaifa, Zilda, Zélia, Zaida e Zauhry. Adotou o sobrenome Santa Rosa do marido, Delfino, com quem teve seis filhos: Aparecida, Márcio, Lydia, Jason, Eleonora e Júnia, que lhe deram três netos: Joaquim Pedro, Alice e Tomás. Formou-se em História pela UFMG, no mesmo ano em que sua filha Aparecida se formou ali. Nunca parou de trabalhar, como executiva no Ministério do Trabalho em Belo Horizonte e em Brasília, e como dona de casa. O grande exemplo que nos deixa é este, transformando o próprio trabalho em forma de crescimento, exemplo seguido por seus filhos e filhas. Quando se viu aposentada, continuou estimulando outras colegas da terceira idade a não pararem. A vida é um caminho sempre aberto

para o aprendizado e Zauhry deu testemunho disto. Foi uma das primeiras alunas a ingressar na Universidade da terceira idade na Fumec e seguiu em frente, interessada em aprender cada vez mais, pelo próprio prazer de se atualizar. O conhecimento que não visa apenas receber um diploma no final de um período é o conhecimento que faz crescer cada vez mais a pessoa como ser humano.

Suas aptidões domésticas não ficaram abandonadas com todo esse currículo de cursos de extensão. Zauhry era ótima cozinheira e algumas vezes pude participar de almoços em sua casa, onde, cercada de filhos e netos, ela demonstrava suas aptidões na arte culinária. Reunir-se em torno da mesa para o conagraçamento familiar é um hábito que sempre exerceu.

Toda pessoa com sensibilidade tem poesia no fundo do coração, e, em casa, sozinha, Zauhry também era poeta. Recebi um poema de 2003, que transcrevo abaixo:

“A EMENDA E O SONETO

Para se chegar aos 80

Não há receita inteira.

É como colcha emendada

Costurada com linha caseira.

Ontem era um brilho no pano,

Depois um filó bem rendado,

Anteontem um cetim lustroso,

Que estava muito amassado.

Às vezes aparece um quadrado

Ou quem sabe um redondinho,

O formato não se escolhe

Ele chega e se junta, mansinho.

Há certo tempo difícil.

A gente para, olha a colcha

E pensa: será que vale juntar

Aquele pedaço sem cor

Desbotado pelo choro, vale pregar?

Mas é preciso ir adiante.

A vida segue e mais panos,

Agora estampados, com flores

Que nem lembram os desenganos.

*Há pedaços de camisolas
Das crianças bem pequenas,
Todos guardam uma saudade,
Mas são saudades, apenas.
Até que beirando os “oitenta”,
Os pedaços já esgarçados
Tem que ser juntados, de leve,
Senão, se perdem, coitados!
Os dedos, a linha e olhos
Anuviados, bem iguais
Olham o tamanho da colcha
E perguntam a Deus, tem mais?”*

12 de maio de 2012.

CASAMENTO DE TERESA E ALBERTO



Sentada num banco reservado à avó, fico esperando a entrada da noiva. Teresa é a minha neta mais velha, está se casando agora em Entre Rios de Minas, repetindo a cena de seus pais em 1979 e de seu irmão Roberto há poucos anos. Nada de marcha nupcial e cortejo pelo corredor da Igreja. A nave central é a própria paisagem que se descortina à nossa frente. Tudo fica dourado quando o poente se aproxima em seu silêncio protetor. E hoje, diante de um pequeno altar improvisado, um casamento está sendo realizado. A noiva vem subindo o morro, toda de branco, com um buquê de flores nas mãos, de braço com seu noivo, Alberto.

A simplicidade da cerimônia é emocionante, e é com lágrimas nos olhos que escutamos a flauta do Artur tocando a música “Bachianas” de Villa Lobos.

Teresa e Alberto casaram-se no civil em abril, em Toscana, na Itália, e hoje estão celebrando a benção religiosa da Igreja Católica, na fazenda Luiziânia, em Entre Rios.

A história de Teresa merece ser contada: Teresa deixou o Brasil há exatamente um ano, levando uma mochila às costas. Seguiu para a Itália como pesquisadora do nutricionismo italiano nas pequenas fazendas daquele país. Acompanhamos seu blog, cheio de peripécias e situações imprevistas. E foi numa dessas situações não programadas que ela conheceu Alberto, com quem está se casando. Uma festa em Siena, dentro de uma escola antroposófica marcou para sempre o destino deste jovem casal.

Alberto veio ao Brasil por ocasião do Natal e combinaram o casamento na Itália para abril.

Acompanhei todos os passos dessa história de amor programada pela vida.

Agora acompanho a festa na roça, igual ao meu quadro “Casamento na Roça” pintado na década de 1950. Este quadro já está ficando famoso, pois participou do 3º Festival de Inverno de Entre Rios, já foi impresso em camisetas, cartões e “banners”.

Casamento na roça é isto que está acontecendo no momento: bandeiras brancas amarradas no poste de bambu, fogueira junina, pratos típicos feitos em casa, 2 barris de chope, sucos variados.

Enquanto a fogueira crepita em frente à casa, os seresteiros tocam música dançante.

Aqui se reuniram filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, irmãos e a sociedade de Entre Rios, muito ligada à esta filha da terra, que irá morar em outra terra, falando outra língua.

Tudo aconteceu tão rápido, que a gente custa a crer, parece um conto de fadas! ...

Teresa se casou num castelo em Toscana (a prefeitura é um castelo) e agora se casa no religioso nesta tarde luminosa de sábado, abençoada pelos anjos protetores que reconduziram seu destino.

Aos noivos, todo o meu carinho e os votos de felicidades.

Na década de 50, eu costumava escrever versos. Um deles está transcrito abaixo:

NOIVA DA MADRUGADA

A noiva toda de branco

Vem subindo aquela escada

Vem subindo de mansinho

Toda de branco enfeitada

Os sinos tocam

Quem sobe?

É a noiva da madrugada

É a manhã despertando

Disfarçada em noiva branca.

9 de agosto de 2013.

CASAMENTO DE ALICE E PAULO



Fotos: arquivo pessoal

Alice e Paulo casaram-se no dia 6 de junho de 2015 no late Clube do Rio, situado junto à enseada de Botafogo, tendo como nave a beleza natural da cidade maravilhosa. Já noticiei neste blog a pré-estreia deste casamento que agora se torna uma realidade social, com a confirmação das duas famílias reunidas.

Alice e Paulo se casaram de forma diferente, mas autêntica, tendo as estrelas como testemunhas e a abóboda celeste como teto de igreja.

Dois jovens, dentro do mesmo barco iniciam a sua viagem pelo grande oceano da vida, cercados de familiares. O amor era o principal vínculo desta caminhada a dois. Ao final da cerimônia, recebi de Joaquim Pedro, irmão da noiva, uma página muito lúcida que foi lida durante a cerimônia.

Transcrevo suas palavras no texto abaixo:

“Alice e Paulo, queridos amigos e familiares,

Alice e eu viemos de uma família que sempre comungou de valores muito sólidos, mas que ao mesmo tempo sempre celebrou as singularidades de cada um em seus relacionamentos.

Nossos pais são exemplos de que o amor duradouro nasce de princípios comuns, mas floresce mesmo nas diferenças e no respeito com relação ao espaço de cada um.

Nossa mãe Aparecida é a primeira filha de seis irmãos que muito jovem teve responsabilidades de adulta. Uma filósofa e médica de formação, com temperamento e opiniões fortes, e espírito prático. Por coincidência nosso pai Maurício também vem de uma família grande de seis irmãos. Um fotógrafo-arquiteto-ecologista de temperamento zen, econômico nas palavras e espírito livre. Duas personalidades distintas que sempre se complementaram – seja em Belo Horizonte, em Bangalore, ou em Brasília.

Nossos avós também são exemplos de como é importante na vida a dois o respeito às individualidades de cada um.

Os pais de nossa mãe, Avô Delfino e Avó Zauhry, não podiam ser diferentes. A boemia de meu avô e sua paixão pelas amizades da noite sempre contrastaram com a praticidade e fé de minha avó, uma doce batalhadora e aglutinadora de pessoas. Mesmo separados, nossos avós nutriam um grande amor pela família, cada qual a sua maneira. Tanto Avô Delfino quanto Avó Zauhry estão em espírito conosco hoje abençoando essa união.

Também em espírito conosco hoje está nosso Avô Luiz Andrés, pai de nosso pai, um dedicado homem de família e médico-cirurgião que encontrou na artista renomada e nossa avó Maria Helena, presente aqui hoje, a sua cara metade. Se nosso avô Luiz era um professor-doutor apaixonado pela vida na fazenda, nossa avó Maria Helena é uma cidadã do mundo, apaixonada pelas artes e

espiritualidades. Essa união da ciência com a arte, de Entre Rios com a Índia, da disciplina com o espírito livre é mais um exemplo do casamento que celebra singularidades e que une opostos.

Nossos pais e avós – e muitos mais exemplos aqui presentes – mostram a importância do amor que encontra vida na interseção de duas personalidades distintas.

Quando me casei com Fernanda há dois anos, recebemos da Alice um lindo cartão em que ela falava sobre o amor e como ele deve ser cuidado como uma planta, que ao ser adubada e regada a cada dia, crescerá com raízes fortes e frutos saborosos.

Que o amor de vocês, Paulo e Alice, também seja regado e cuidado a cada dia, ciente de que duas árvores numa mesma floresta nunca crescem na sombra uma da outra. E que por meio da luz e espaço próprios, essas duas árvores se desenvolvem e crescem no mesmo compasso.

Que o amor de vocês, Alice a Paulo, saiba encontrar o equilíbrio da comunhão e da individualidade. Que seus passos caminhem lado a lado no mesmo ritmo sempre com um norte em comum. E que vocês saibam construir, cada qual a sua maneira, uma vida inteira juntos.

Muitas felicidades!

Joaquim Pedro”

18 de junho de 2015.

CONVERSA EM FRENTE AO FOGO



Fotos: internet

Na fazenda, enquanto o fogo crepita, com panelas cozinhando, vamos “conversando fiado” e aprendendo o que se passou outrora em terras de Minas. Vou escutando o que dizem as pessoas da região:

“Você sabe o que é “biblioburro”? É uma biblioteca no lombo do burro, cangalha cheia de livros, levando conhecimento para o povo do sertão. O carroceiro parava de cidade em cidade, de povoado em povoado, emprestando livros para crianças e velhos. ”

“Meu avô dava consultas montado em lombo de burro. Dava consultas levando remédios para o povo de Ouro Preto. No meio da praça atendia pobres e ricos, o povo fazia fila para ser atendido. ”

“Meu pai foi de Entre Rios até o Rio de carro de boi.”

“Um dos jovens da região, veio do Rio até Entre Rios a pé.”

“D. Pedro I veio até a região do Campo das Vertentes de carruagem, pela Estrada Real. Por aqui passou um rei, nos idos tempos do Império.”

“Você sabe como se chama o transporte comum no Rio de Janeiro, em pleno século XXI? Burrinho sem rabo! É um transporte muito usado atualmente nos bairros da zona sul do Rio. Lá vai o homem à frente, puxando a carroça, que carrega tudo. Fazem pequenos transportes, objetos domésticos, embrulhos de todos os tamanhos. As lojas contratam os transportadores, pois é muito mais prático do que carregar certas coisas no moto boy.”

As mudanças no lombo de burros, eu vi da minha janela, desenhei no meu caderno, depois passei para a tela. Havia trouxas e móveis, cadeiras, mesas, fogões, panelas, tudo amarrado com cordas para não cair. Hoje existem ponto de parada de caminhoneiros, antigamente eram carroceiros. Naquela época, Entre Rios era o ponto de partida para vários caminhos, para o sul, para o norte e para o nordeste. Tudo no lombo do burro ou da mula.

Esta conversa ao pé do fogo em Entre Rios, me lembrou a Índia de hoje, que preserva meios de transporte utilizando, não somente o lombo de burros e carros de boi, mas também elefantes, camelos e até seres humanos puxando outros em “riquixás”, que são bicicletas modificadas para carroças.

27 de julho de 2015.

ANIVERSÁRIO E VIAGENS



Fotos: Maurício Andrés

Estou sentada ao pé do fogo, desta vez na minha casa do Retiro das Pedras. Lá fora um vento frio vai reunindo as lembranças de uma festa que terminou ao cair da tarde. As cenas do presente, com papéis espalhados pelo chão, outros crepitando na lareira, trazem recordações diversas. A festa acabou...

Aqui nesta casa as vozes das crianças se misturavam com outras vozes adultas, de pais, tios, primos, uma árvore genealógica que remonta ao meu casamento com Luiz Andrés em 1947.

Construímos esta casa com muito esforço, pensando no futuro dos filhos, netos e bisnetos. Imaginávamos um local de paz, longe do barulho da cidade. Hoje em dia, conquistar a paz não é fácil; em qualquer lugar as notícias de crise no Brasil nos tiram o sossego. Algumas pessoas estão deixando o Brasil, como Antônio Eugênio, meu irmão caçula, que hoje esteve aqui comemorando o meu aniversário e se despedindo da família. Cansou do Brasil e comprou uma casa em Lisboa. Acho que ele vai se dar bem, fazendo o percurso contrário dos navegantes portugueses. Ao invés de se dirigir às Américas, ele se dirige à velha Europa.

Essa raiz europeia, todos nós temos. Fomos descendentes dos corajosos navegantes que se atiravam no mar em busca de algo novo, ainda não descoberto. Com a coragem e a força de um

chamado interno, eles chegaram até as Índias e a China.

Herdei desses meus antepassados a minha necessidade interna de descobrir o Oriente e suas riquezas espirituais; de sentir de perto o reflexo dessas filosofias na educação e na arte e mostrar as minhas reflexões através de livros, palestras, quadros.

Realizei também o roteiro inverso, em busca de uma integração Oriente- Ocidente. Agora, vejo Antônio Eugênio retornando às origens europeias de todos nós. Esta viagem de retorno é profundamente enriquecedora. Seus frutos serão colhidos num futuro próximo.

Parece que a família toda está se deslocando para o velho continente, buscando aprender na fonte.

No momento, vivo de recordações, pois as viagens exigem muito sacrifício; deixo isto para os mais novos.

O meu momento presente é a casa do Retiro das Pedras, o fogo crepitando na lareira, queimando desenhos mal resolvidos e escritos inacabados. Minha casa continua do mesmo tamanho, feita para abrigar uma família pequena. Hoje abrigou 70 pessoas, com netos, bisnetos, sobrinhos, irmãos, filhos. Não foi possível convidar amigos, a casa não comportava...

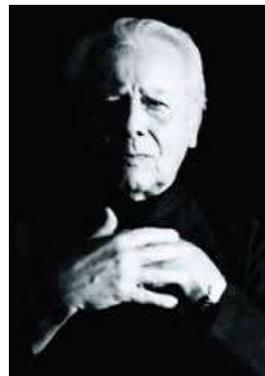
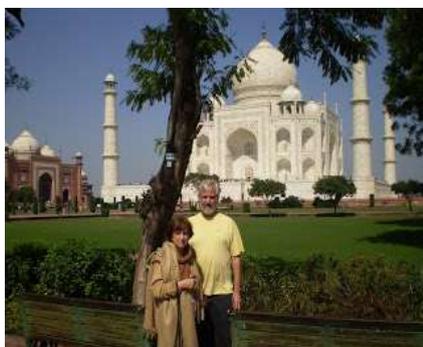
Tivemos de expandir a cozinha para fora da casa. Fizemos uma macarronada coletiva; cada convidado vestia um avental e ajudava a abrir a massa. Depois o Euler ia passando a massa numa máquina de madeira, bem artesanal, comprada na Itália para fazer macarrão. Esse trabalho coletivo, feito com a colaboração de todos, além de despertar o lúdico, ainda favorece a união da família.

Da minha parte, preferi descascar batatas para a salada, o que me fez recordar os almoços coletivos nos ashrams da Índia, o Grupo Gurdjieff e a Universidade Holística de Brasília. Nesses encontros, todo mundo trabalha, seja ele artista, filósofo, intelectual ou dona de casa.

Este exemplo nos mostra o futuro do século XXI. Ninguém parado, esperando ser servido... Todos trabalhando, para o bem comum.

11 de agosto de 2015.

PONTO DE MUTAÇÃO



Fotos: Maurício Andrés e internet

Há momentos em que a vida nos propõe mudanças. Esses momentos são preciosos, acontecem quase sempre quando nos vemos diante de uma encruzilhada, pressões externas vindas de diferentes situações. A mudança é necessária, é um apelo da vida. Assim aconteceu com meu irmão Antônio Eugênio, que foi para a Europa, de mudança, abandonando o passado. Em Portugal, eles voltaram às origens de Belo Horizonte, quando os bondes circulavam pela cidade e passaram a usá-los de forma prazerosa e lúdica. Reconquistaram desta forma a simplicidade voluntária, uma necessidade do século XXI.

“Liberte-se do passado”, nos disse um dia Krishnamurti. Ele também promoveu uma mudança completa em sua vida, quando se emancipou da Sociedade Teosófica.

A presença dos Andrés no Brasil veio da decisão de um jovem francês, Marie Joseph Louis Andrés que, movido por motivos políticos (a anexação da Alsácia–Lorena pela Prússia) seguiu ao chamado interno do ponto de mutação: largou a pátria, parentes, amigos, para iniciar uma nova vida em outras terras. Não queria ver seu país dominado por estrangeiros. Não sabia ainda para onde ir e inicialmente pensou em Portugal. Ainda não tinha decidido quando, chegando a Marselha, viu uma grande movimentação em torno de um personagem encasacado que descia de uma carruagem sob os sons de música vibrante executada por banda militar. Indagando, foi esclarecido que se tratava do embaixador do Brasil em missão oficial.

“Brasil? O grande País de “là-bas”? Este momento foi o seu ponto de mutação.

No dia 20 de janeiro de 1874, embarcou em Bordeaux no navio Erymathé. Tendo desembarcado em Recife, ali não permaneceu por muito tempo. Dois anos depois em Juiz de Fora MG, fundou o colégio Andrés que foi muito importante na formação de jovens. Ali, sua filha Malisa, mãe de Luiz Andrés, meu marido, lecionou por algum tempo, juntamente com suas irmãs.

Essas mudanças de um país para o outro, proporcionam um crescimento interno e a possibilidade de expandir e receber novos conhecimentos.

Curioso notar que tanto Louis Andrés, quanto meu irmão Antônio Eugênio nasceram no dia 04 de janeiro, com diferença de quase 100 anos.

Meu ponto de mutação aconteceu logo após a morte do meu marido. Desfiz a casa de Belo Horizonte, fui morar sozinha no retiro das Pedras. Mas o meu destino já estava traçado: teria de conhecer o Oriente, pesquisar e trazer um pouco da sua sabedoria para o meu país.

Aceitei o convite do meu filho Maurício para acompanhá-lo à Índia, aonde iria em bolsa de estudos. Quando fomos em 1977 para uma permanência de mais tempo na Índia, parece que uma energia maior nos conduziu. Não foi difícil seguir adiante. Apenas abandonar o medo, os condicionamentos, enfrentar tudo, todos, largar os apegos sentimentais e materiais e partir para o desconhecido. Quando temos a coragem de abandonar bens materiais, parentes e amigos, sentimos o mundo crescer em extensão diante de nós. Não estamos sós, aos poucos a vida nos mostra pessoas com igual sensibilidade, outros irmãos dentro deste pequeno planeta que é a Terra.

Realizar o ponto de mutação é encontrar na mudança um objetivo novo, que nunca seria realizado enquanto a pessoa permanecesse no passado.

Um exemplo disso foi a atitude de Pierre Weil, fundador da Cidade da Paz em Brasília. Pierre era meu vizinho no Retiro das Pedras, chegara a ser presidente do condomínio. Mas seu lugar

verdadeiro era Brasília, onde ele pode realizar um trabalho coletivo da maior importância. Pierre percebeu a dimensão de seu trabalho quando abraçou a mudança. Fechou o consultório em Belo Horizonte e partiu para o novo. Hoje a Cidade da Paz já é um fato, suas ideias se expandiram em dimensões maiores. Mas, para isto, foi preciso que ele assumisse o seu ponto de mutação, aceitasse o chamado interno de se libertar do passado e partir para outra realidade.

Na Universidade da Paz em Brasília, encontrei um dia com Fritjof Capra, pensador holístico radicado nos EUA, cujo livro “O Ponto de Mutação” eu acabara de ler. O “Ponto de Mutação” merece ser lido por todos.

23 de agosto de 2015.

ANIVERSÁRIO DE JOAQUIM PEDRO E LUIZA



Fotos: Maurício Andrés e de um indiano an nimo

Esta carta foi escrita para um livro que minha neta Alice organizou sobre seu irmão Joaquim Pedro, por ocasião dos 40 anos de aniversário dele e de um ano de sua filha Luiza.

“Joaquim Pedro,

A sua chegada a este planeta foi um sucesso na família. Você foi o primeiro neto e chegou a conhecer o seu av  Luiz, que o punha no colo com o maior carinho.

Quando a vida levou seu avô para outras dimensões embarcamos para a  ndia, onde seu pai trabalharia por um ano, na cidade de Bangalore, no sul.

Tive a oportunidade de viajar junto e conviver de perto com você. Passe vamos pelos parques e praças da cidade e eu pude ver o meu neto, loirinho, fazer amizades com outros meninos, como uma única família.

Aquela viagem trouxe para você um conhecimento do mundo muito importante e deixou

lembranças nas pessoas que tiveram a oportunidade de conhecê-lo.

Joaquim, você fez sucesso no Hotel Harsha, em Bangalore. Há alguns anos, encontrei um dos garçons do hotel que já trabalhava noutra lugar. “Onde está aquele menino loirinho que corria pelo restaurante? Temos um retrato dele em casa. Quero mostrar para vocês. ” Só sei que, por causa daquele loirinho, fomos convidadas para um jantar em casa do garçom.

Você também foi o personagem de um livro escrito por sua mãe e ilustrado por mim. O livro “Pepedro nos caminhos da Índia” circula por outros espaços, contando para as crianças brasileiras a história de um garoto que saiu do Brasil para viajar pela Índia com a família.

A Índia continua a ser inspiração para todos nós.

Recentemente, quando viajamos juntos para rever os lugares por onde passamos, você me ajudava a cantar mantras dentro da van que nos conduzia por estradas poeirentas, palácios de marajás, passeios em cima de elefantes. Você me acompanhou de perto e me ajudou a entrar no rio Ganges, para colocar meu barquinho com flores.

Quando regressamos ao Brasil, você prolongou a viagem por mais uns dias, para visitar Kenchankuppe, a cidade onde o seu pai fez um trabalho comparativo Brasil-Índia na década de 70. Visitou a escola da cidade e presenteou as crianças com uma biblioteca de livros infantis.

Hoje, sua filha Luiza continua a ser o sucesso na família, uma criança linda, cercada de carinho.

Assim é a vida: filhos, netos e bisnetos nos contam histórias e nos trazem alegria.

Um grande abraço,

Vó Helena”

8 de dezembro de 2015.

CARNAVAL



Fotos: Arquivo Pessoal e Internet

Enquanto estávamos digitando esta postagem, escutamos a seguinte mensagem, vinda do WhatsApp:

“Atenção, atenção, senhores e senhoras! Informamos ao povo brasileiro que nesta sexta-feira, dia 9 de fevereiro, a partir das 17:30 se encerra a crise no Brasil. Retornaremos com a crise na quarta-feira ao meio-dia. Obrigado pela atenção de todos”.

Quando eu era criança, a chegada do carnaval era uma festa imperdível. Com a ajuda da tia Muciola, preparávamos um roteiro de músicas da época e, sentadas na escada de frente da casa ensaiávamos dias seguidos para depois formarmos um pequeno grupo musical, onde a dança, a música e as artes plásticas contribuíam para dar colorido ao bloco.

Cada ano fazíamos um bloco diferente. Lembro-me de sair de casa vestida de húngara, outra vez de cigana ou de colombina. Saíamos às 4 da tarde, num carro conversível, sentados na capota, munidos de serpentina, confete e lança perfume.

Atravessávamos a Afonso Pena cantando, lançando metros de serpentina no carro da frente e no detrás.

O desfile tinha o nome de corso e na rua da Bahia, blocos caricatos dançavam.

Os 3 dias de festa eram bem festejados e terminavam num baile infantil no Automóvel Clube da cidade. Mais tarde o lança perfume foi proibido e caiu em desuso.

O carnaval de hoje recuperou a alegria do carnaval antigo. Em Belo Horizonte, Rio e várias cidades brasileiras, os blocos desfilam e dançam na rua. Crianças, jovens, adultos e idosos participam da festa. O importante é cantar, dançar, esquecer a crise brasileira e buscar a alegria própria do nosso povo. Brasileiro é um povo alegre, já nasce com esta alegria. É festivo, comunicativo, humorista.

Em 1980, Ivana, Penha Paes e eu, participamos do Salão do Carnaval com aproximadamente 30 bonecos de peneira representando um cortejo de personagens que ilustravam marchinhas carnavalescas: Mamãe eu quero, A-la-la-ô, Touradas em Madri, Lourinha, O teu cabelo não nega, Índio quer apito etc.

No ateliê da rua Santa Rita Durão, todos que apareciam trabalhavam em alguma coisa: costuravam, trançavam panos, modelavam caras em espumas, pintavam. Minha mãe Nair trabalhou intensamente e todos os dias estava no ateliê. A apresentação com banda em frente ao Palácio das Artes foi uma apoteose. A exposição ficou muitos dias na Grande Galeria do Palácio das Artes. A nossa lista de agradecimentos ocupou um grande espaço num pôster enorme com os nomes de todos que ajudaram. Minha mãe Nair, na época com 80 anos, se sentiu tão realizada que logo em seguida comprou um carro, e depois fez comigo a sua única viagem internacional, pela Europa.

Em 1987, em viagem à Índia, Ivana e eu participamos do carnaval em Chandigarh, cidade do Punjab, projetada por Le Corbusier e muito semelhante a Brasília. O texto abaixo se refere a um diário de viagens da Ivana:

“Hoje e amanhã é carnaval em Chandigarh. Fizeram coincidir com o Festival, à guisa de fechamento. Lembra o nosso carnaval em cidades do interior. Saem crianças vestidas de uniforme, grupos de dança, de música, carros alegóricos enfeitados de panos coloridos, 2 camelos, 1 elefante, todos

enfeitados com panos, flores, adereços. Ficamos numa “ala” de estrangeiros, junto com palestinos, nigerianos, indonésios e 1 americano. Levava um cartaz com a bandeira do Brasil. Na frente músicos tocavam tablas e uma caixa de um órgão portátil, além de flautas de bambu. O ritmo às vezes acelerava, o que dava para dar uns passos de samba. Deu saudades do carnaval brasileiro.”

10 de fevereiro de 2018

CARNAVAL EM BH, ONTEM E HOJE



Fotos: Cecília Perdezoli, Benedikt Weirz, Marília Andrés, Heloisa Gama, Maria Antonieta Moreira e Luciano Luppi

Estou sentada na minha sala, vendo os blocos passarem. Desfilam na TV, mostrando o carnaval de rua em várias cidades brasileiras, no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte.

O Brasil foi tomado de assalto pela necessidade coletiva de cantar, participar, transmitir em público a alegria natural do brasileiro. O carnaval é a forma de expressão popular que no momento está se mostrando de um modo diferente. As pessoas não ficam apenas assistindo os desfiles na TV, elas saem do seu conforto em casa, ocupam as ruas, participam, criam suas próprias músicas e fantasias, organizam blocos como antigamente. Sou do tempo do carnaval de rua, quando os foliões fantasiados ocupavam as ruas e praças de BH. Enquanto vejo os blocos atuais pela TV, vou me lembrando dos blocos de antigamente, quando eu era criança. Particpei de vários carnavais. Mamãe e tia Muciola escolhiam a fantasia e iam todos, tios, primos para o desfile do curso na Avenida Afonso Pena. Papai alugava uma limusine conversível, o motorista descia a capota e a criançada se alojava nos bancos e na própria capota, levando rolos de serpentina, frascos de lança perfume e sacos de confete. Já sabíamos de cor as músicas e saíamos cantando pela cidade, numa ocupação prazerosa do espaço público. O repertório era grande e as vozes infantis enchiam a cidade. Guardei deste recuo no tempo a sensação de alegria, para senti-la novamente nesses blocos que ocupam as ruas de Belo Horizonte. A alegria e a espontaneidade são emoções que se repetem ao longo do tempo, trazendo o passado para o presente.

O carnaval de hoje está enchendo de euforia a cidade, dizem até que está sendo o melhor carnaval que já aconteceu por aqui. Escuto o depoimento de minha filha Marília, que participou de um bloco intitulado “Todo mundo cabe no mundo”. É muito importante caber no mundo, sem distinção de raça, credo, idade ou sexo. Um mundo em que todos são iguais. O diretor do grupo, Marcelo Xavier, anda de cadeira de rodas, mas vive alegre, cria marchinhas, faz para a criançada bonequinhos de massa. É um poeta da vida. Marcelo Xavier é conhecido na cidade e todos os anos participa do carnaval e nesse ano ele criou o bloco carnavalesco levando a bandeira da inclusão social.

Ivana também entrou em blocos que passavam pela Savassi nos três dias de carnaval. Como companheiros, levou bonecos de espuma fabricados por ela mesma. Entrou nos blocos “Dado”, “Me bebe que sou cervejeiro” e “Magnatas do samba”. Todos queriam ser fotografados com os bonecos, que mexiam a boca e cantavam as marchinhas e canções carnavalescas atuais. Uma das bonecas, a “Preta Gil” beijou e foi beijada, e o “Zeca, de Entre Rios”, estampava a camiseta do 4º Festival de Inverno Entre Rios de Minas. Não fui ao carnaval, mas meu quadro de balõezinhos ali esteve participando no corpo do boneco Zeca. Alexandre também pintou a cara de azul, botou um turbante na cabeça e foi para o carnaval com os amigos e a namorada Luciana. Dançou e cantou celebrando Krishna no bloco “Pena de Pavão de Krishna”.

A família entrou na dança, ocupou espaços, mostrou reivindicações para a cidade. Roberto

e Fernanda, participando do bloco “Tico, tico, serra copo”, saíram com as filhas para a beira do rio, na praia do Onça, a 13 km do centro de BH, numa praia abandonada e ocupada como recanto aprazível da cidade. A proposta era a inclusão de espaços abandonados para o lazer da população.

Fiquei muito feliz de ver a minha família dando continuidade à alegria que eu também sentia quando criança, num carnaval de rua, onde todos, crianças, jovens, adultos participam espontaneamente do entusiasmo coletivo, colorindo as ruas da cidade.

11 de fevereiro de 2016.

SURPRESAS DE UM ANIVERSÁRIO



Fotos de Maurício Andrés

Um encontro do Oriente – Ocidente, através da arte, aconteceu em minha casa no Retiro das Pedras na manhã de 31 de julho.

Organizado por Luciano Luppi e Ivana Andrés, a programação teve início com uma homenagem ao

poeta indiano Paranjape Makarand que, em Brasília, lançou um livro com poemas sobre o Brasil, com ilustrações de minha autoria na capa e contracapa. Ivana leu um trecho do livro, que faz referência à artista Maria Helena Andrés num encontro com o poeta há alguns anos. Em seguida, Henrique Luppi interpretou outro poema, dessa vez com impressões gerais do poeta sobre o Brasil. Para ele, o Brasil pode ser considerado o coração do planeta, a Índia o espírito, e a Europa e os EUA a razão. Luciano Luppi interpretou outro poema de Makarand, “Porque somos um Rizoma”, além de um poema de Tagore.

Em seguida Alexandre Andrés cantou “A voz de todos nós”, em minha homenagem, um grande presente para o meu aniversário.

Finalmente aconteceu um recital de música indiana, realizado por Helder Araújo. Helder estudou na Índia com mestres da música na cidade de Benares, a cidade mais antiga da Índia, à beira do Ganges. Trouxe para nós uma apresentação devocional, tocando a cítara, instrumento tradicional da Índia. Escutávamos em silêncio os acordes daquela música e me foi possível relembrar a Índia e seus músicos sentados no chão em tapetes.

Estava absorta nas minhas lembranças, trazendo a música da Índia para o Brasil, escutava a música da Índia em solo brasileiro, quando espontaneamente, sem nenhum ensaio preliminar, o som de uma flauta começou a fazer duo com a cítara do Helder. Artur Andrés nos proporcionou uma grande surpresa. Foi grande a emoção que sentimos naquela apresentação, a fusão de duas culturas, de terras irmãs separadas por muitos mares.

A música é de todas as artes a que mais emociona e o encontro Oriente – Ocidente feito espontaneamente numa festa de celebração dos meus 94 anos foi realmente um presente vindo do alto.

Ali se encontraram a poesia, a literatura e a música indicando novos caminhos no processo de integração planetária.

Naquele ambiente impregnado de muitas lembranças, onde e, por muitos anos criei meus quadros, estavam acontecendo naquele momento novas versões da arte que aproximavam o mundo ocidental do mundo oriental.

À tarde, no meu ateliê situado no andar superior da casa, um grupo de crianças promoveu espontaneamente uma escolinha de arte. Meus bisnetos também participaram da festa e me deixaram um registro maravilhoso de desenhos infantis.

9 de agosto de 2016



Fotos de arquivo

Encontrei por acaso um caderno com rascunhos de cartas de minha mãe Nair e selecionei algumas para este blog.

“Lourdes, 10-8-67

Ontem não pude levar essa carta ao correio, de modo que ficou para hoje e assim, posso mandar mais alguma notícia.

Hoje tive uma grande satisfação, fiquei alegre mesmo, rindo à toa.

Antônio Eugênio fez o exame vestibular para Ciências Econômicas da Universidade Católica e passou com boa classificação. Já recebeu o trote, pintaram ele todo de preto, da cabeça aos pés, e os cabelos de vermelho, tendo antes cortado a parte de trás, como “caminho de rato”.

Chegou aqui numa figura cômica, mas radiante.

Agora, depois de ter transposto essa barreira, com a ajuda de Deus, daqui a 4 anos, teremos mais um economista. As aulas nessa Escola são à noite, de modo que poderá trabalhar pela manhã.

Recebi agora sua carta e fiquei muito satisfeita com suas notícias.

Era bom se viessem mesmo buscar os livros e o oratório, pois assim nós nos encontraríamos, pelo menos uns dois dias.

Fiquei muito penalizada com a trágica morte da irmã da Filó. Escrevi a ela e Eduardo, um cartãozinho dando pêsames.

Quero que faça por mim uma visita ao Rodrigo, mas espero que ele esteja bom.

Não tem nada que agradecer a hospedagem, pois a casa é de vocês e além disso, tenho sempre grande satisfação quando aqui estão.

Bem, muitas lembranças a todos.

Um grande abraço de sua mãe.

Nair”

10 de julho de 2017

70 ANOS DE CASADA





Fotos de Maurício Andrés e de arquivo

Ontem comemorei

Meus 95 anos

Com filhos

Netos

Bisnetos

Irmãos

Cunhados

Noras

Genros.

Quanta gente!

Muita gente

Que veio de

Um casamento.

Hoje

Completo

Setenta anos

De casada.

O Luiz já foi embora

Não está aqui para ver

Os seus netos

Bisnetos

Que encheram

A casa

Cantaram

Em português

Inglês

Italiano.

Os meninos de hoje

Aprendem depressa.

Me lembro de papai

Dizendo:

“O inglês é a língua

Do futuro.”

E todos nós aprendemos

Inglês.

O Luiz também

Mandou todos para

Cultura Inglesa.

Estou fugindo do assunto

Com esta história de língua.

Volto agora para o dia

Do meu casamento

Lá na Igreja de Santana.

Eu vestida de noiva

De braço dado com papai

O caminho até o altar

Parecia enorme.

Luiz vestido de noivo

Estava lindo!

Gente me abraçando

E me seguindo

Até o Castelinho

Onde eu morava

Na avenida Afonso Pena.

Comes e bebes

Doces e salgados.

Virei foco de atenção

Estava doida para acabar a festa.

Parentes vieram do Rio

Numa grande Cadillac
Ocuparam nossa casa
Trouxeram filhos e babás.
Eu já arrumara a mala
Para a lua de mel
Quando vi o Luiz
Carregando uma mala pesadíssima.
“O que é que você está levando
Nesta mala tão pesada?”
Perguntei admirada.
São livros de medicina
Para estudar...
“É assim?”
Não tive dúvidas.
Já que você vai estudar
Espere um pouco
Vou buscar outra maleta
Com tintas
E pincéis.
Assim começou nossa vida
De casados
Desde a lua de mel
Luiz estudando
E eu pintando
Ou desenhando.
Fomos passar um mês
No Rio de Janeiro.
Ali o Luiz participou
De um concurso
No IPASE.
Acabou perdendo...
Eu desenhei sem parar
Levava cadernos para

O Largo do Boticário
E ali desenhava.
Completei 2 cadernos
E pintei um quadro
Que mais tarde presenteei
Minha tia Lilita
Que me cedeu
O apartamento
Para passar a lua de mel.
Hoje este quadro está sumido
Gostaria de revê-lo.
Mas tenho a foto.
O quadro ganhou
Prêmio de menção honrosa
No Salão do Rio.
Com a morte da tia
Passou para suas netas
Que o transformaram
Em moeda...
Ele foi visto num antiquário
E nunca mais tive notícias.
Quem sabe eu coloco na internet?
A internet é um meio
De comunicação
Que aproxima povos
Culturas
Atravessa o tempo
No Eterno Agora.
Enfim a minha história
Já foi dita
Em 31 de julho de 1947
Eu me casei com o Luiz
Ele me ajudou

A crescer na arte.

Agora, cercada de filhos, netos e bisnetos

Estou soprando um bolo de velas.

Minha bisneta do Rio

Soprou as chamas da lareira

Como se fosse um imenso bolo.

Assim é a vida

Todos juntos, felizes, alegres

Criativos

Cada um na sua.

1 de Agosto de 2017

BISNETOS ARTISTAS





Fotos de arquivo

Meus filhos
Pintaram
Os muros
Do fundo
Do meu quintal.
Fizeram música
Teatro
Filmes
Fotografias
Palestras
Pesquisas históricas
E ecológicas.
Viajaram
Pelo mundo
Criaram hortas
Orgânicas.
Meus netos
Se expandiram
Pela América
Europa e Ásia
Levando o Brasil
Para longe.
De Veneza
A Tokyo
Sua arte
Demonstrou
Que os jovens
Estão criando
Em Minas Gerais.
Viajar é preciso
Para conhecer
O mundo.
Mas voltar

É necessário
Porque nossa
Terra é aqui.
Meus bisnetos
Usando pincéis
E tintas pintaram
Seus quadros novos
Sobre os meus antigos.
E as telas
Repintadas
Retrabalhadas
Renovadas
Estão dando
Um novo uso
Para aquilo
Que estava
Em desuso.
No momento
Eles revivem
Os passos
Da bisavó.
Vejo com muita
Alegria
Meus bisnetos
Pintando
Cantando
Dançando
Esculpindo
Desenhando
E também
Fazendo colagens.
A vida vai
Trazendo

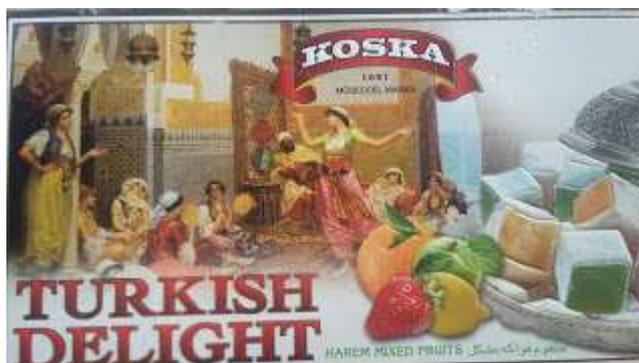
O novo a
Cada instante.
A busca
Da expressão
Continua
Pelo tempo
Transpondo
Gerações.
Esta geração
De artistas
Mirins
Está produzindo
Coisas lindas
Usando como
Referência
A bisavó.
Bisa significa
Bis
Dar continuidade.
E hoje vejo
Meus bisnetos
Mãozinhas sujas
De tinta.
Compenetrados
Atentos
Repetindo o que
Eu fazia
Quando era
Da idade deles.
A eterna roda
Da vida
Vai girando
E produzindo

Vai criando
E renovando
A monotonia
Do dia a dia.

7 de Novembro de 2017

INTERCÂMBIO FAMILIAR





Fotos: Ivana Andrés e Yenigul Dogan

Vivemos a época dos intercâmbios. Esta iniciativa, promovida pelas instituições, muitas vezes surge também espontaneamente, como uma necessidade interior.

Conhecer outros povos, outras raças, outras famílias, faz parte de um plano maior que visa a paz entre os países e a integração planetária.

É preciso conhecer pessoas nascidas em terras distantes e senti-las de perto como membros de uma só família.

Conheci Yenigul Dogan, há 4 anos, vinda de Istambul para se hospedar com Ivana. Por duas vezes ela passou o Natal conosco, aqui no Retiro das Pedras. Muito afetuosa com todos, ela me chama de mãe e ficou deslumbrada com a paisagem das montanhas. Esta é a quinta vez que ela vem a Belo Horizonte, sempre para rever amigos e fazer novas amizades.

Conheceu Ouro Preto, Sabará, a gruta de Maquiné e Inhotim. Desta vez foi à Serra da Piedade, onde viu os painéis em azulejo de minha autoria, executados em 1997.

Yenigul viaja há 30 anos, pelos mais diversos países. Tendo trabalhado na Turkish Airlines, tem direito a passagens gratuitas, desde que haja assentos disponíveis. Há 4 anos conheceu a Argentina. Desta vez ela seguirá para o Peru e Colômbia. Na próxima viagem à América do Sul ela pretende conhecer o Chile e ir até a Patagônia. Mais que lugares, são as pessoas que movem esta jovem turca através

de tantos países. Ela sempre vem a Belo Horizonte, pois encontrou na nossa família e na família do Luciano, uma outra família, que ela cultiva e vem visitar.

Transcrevo abaixo um trecho da viagem da Ivana à Istambul há 2 anos atrás.

“Em 1987 estive em Istambul com minha mãe e em 1995 com o Luciano. Visitando a Capadócia, eu e o Luciano fizemos uma grande amizade com uma moça turca chamada Yenigul. Nunca mais voltamos à Turquia apesar de ela ter vindo ao Brasil 4 vezes. Ela trabalhava na Turkish Airlines e aposentou há poucos meses. Yenigul sempre teve passagens aéreas gratuitas quando há lugares desocupados mesmo em outras companhias aéreas. Agora ficamos sabendo exatamente como ela viaja: depois de pesquisar horários e destinos da Turkish Airlines, com apenas uma mala de mão vai para o aeroporto, paga as taxas de embarque e fica esperando o voo encher de passageiros. Se há assentos vazios ela embarca. Em outras companhias aéreas parceiras da Turkish Airlines a Yenigul tem também este privilégio. É um exemplo de como conhecer seus poderes e exercitar sua liberdade.

Nas 2 primeiras vezes que estive no Brasil, levou amigas, e ficaram em minha casa. Ela fez uma amizade muito especial com Ida, mãe do Luciano. Ida, com seu afeto e simpatia conquistou Yenigul, que passou a chamá-la de mãe. A comunicação entre elas transborda em abraços, olhares, beijos e pouquíssimas palavras.

Quando voltamos a Istambul em 2015, conhecemos a família da Yenigul, ou melhor, a irmã mais nova que mora em Istambul. Dona de casa e mãe de um casal de filhos, esbanja simpatia e carisma. Mora num bairro mais simples onde toda a família, vinda do interior, passou a infância. A sobrinha, adorável e extremamente afetuosa, trabalha num hotel e faz faculdade de turismo. Apenas ela fala inglês. O irmão mais novo, com uma expressão matreira fala um pouco o inglês. Yenigul cantou uma canção turca e me pediram para também cantar. Decidi pela canção folclórica brasileira "cintura fina" do nosso Gonzagão. A música substituiu com grandes vantagens a questão da falta de comunicação e alegrou mais ainda aquela turma risonha. De repente, Daram, o menino com carinha matreira se levantou e disse bem alto para mim: "I love you". Que lindo!

Mais tarde depois de um almoço delicioso comentamos sobre o Henrique, filho do Luciano. Expliquei a todos que ele não era filho meu, mas fruto de outro casamento. Novamente aconteceu o inesperado para nós brasileiros: a sobrinha da Yenigul se levantou e disse bem alto: aqui, nós dois seremos os seus filhos... Muito emocionante, puro afeto.

O pai deles é chefe de cozinha num restaurante próximo, meia hora de caminhada. De mãos dadas com meus "filhos turcos" fomos andando até o restaurante. Lá estava o pai um senhor de grossos bigodes e um olhar bom. É fácil ver que esta é uma família feliz.

Esta foi a Istambul vista de dentro, do coração das pessoas, das amizades cultivadas.

Por fora há a Istambul cosmopolita, dividida entre a Europa e a Ásia. No centro os principais pontos turísticos: Grand Bazar, Mesquita Azul e palácio Topkapi. Perto uns dos outros, conservadíssimos desde os idos de 1600, sem um vitral quebrado, um arranhão nas colunas ou paredes.

A Mesquita Azul é considerada a mais perfeita das mesquitas otomanas.

O Palácio do Topkapi foi residência dos sultões até o século XIX. Nele está guardada a maior parte dos objetos de valor dos sultões muçulmanos incluindo as relíquias sagradas.

O Grand Bazar coberto com tetos em arcos azuis e brancos, foi construído em 1660. Pode ser considerado uma pequena cidade coberta por centenas de cúpulas. Com 4000 tendas em seu interior é cruzado por ruas e praças internas e tem 18 portas de acesso.” (Trecho de Diário de Viagem à Turquia e Jordânia, 2015)

2 de janeiro de 2018

OS "SEM CARRO"



Enquanto espero o ônibus, vou anotando num caderninho as vantagens dos “sem carro”. A espera é um treino de paciência, enquanto esperamos podemos observar melhor o que nos circunda. Não se paga estacionamento, nem faixa-azul, não se gasta gasolina nem se paga motorista. Fica-se livre das terríveis multas, e do sufoco do DETRAN com filas enormes e milhares de pessoas falando ao mesmo tempo. “A senhora pode passar na frente de todos, para pegar o papel.” Consegui pegar o papel, mas não fiquei livre daquela multidão falando ao mesmo tempo uma avalanche de vozes, um sufoco...gora, sentada num banco em frente ao colégio Coração de Jesus, posso observar de perto o tráfego. Existem os sem-terra, sem teto e “sem carro” – e esses últimos levam vantagens. Os “sem carro” podem respirar melhor e observar os que passam dentro de veículos andando sempre sentados pelas ruas da cidade. Estão sempre preocupados (inclusive em serem assaltados pelos meninos nos sinais de trânsito). Os “sem carro” observam as coisas em volta, conhecem pessoas diferentes, vivem o agora com maior intensidade. No momento, estou sentada num banco de espera de ônibus. Em minha frente, do outro lado da calçada, existe uma casa antiga, tombada pelo patrimônio e derrubada pelo tempo. Do outro lado da rua a casa também vê os carros passando apressados, cada um com seus problemas, enclausurados sobre quatro rodas. A casa tem uma varandinha onde os namorados se encontravam e lá dentro outras estórias aconteciam. Deve ter sido palco de muitos eventos, nascimentos, casamentos, enterros. Vou imaginando a história daquela casa em frente ao Colégio Coração de Jesus. Deve ter sido construída na década de 20 e lembra um pouco da casa da minha avó na rua Ceará, igualzinha a esta, de frente para a rua, tinha até uma jabuticabeira no quintal. A vida naquela época era mais calma, as crianças tinham tempo para brincar, hoje só pensam em videogames, televisão, computadores e celulares. Os adultos não perdem as novelas, as crianças e as empregadas também assistem. As redes sociais nos celulares estão presentes o tempo todo. A casa em frente ao ponto de ônibus me lembra os saraus de antigamente. As famílias se reuniam para ouvir um piano, ou assistir a um teatrinho de crianças. Tios e primos batiam palmas e a glória para a criança ficava em família. Já participei de vários eventos familiares, liderados por uma tia muito criativa. Fizemos circo, cinema, dança, aulas de criatividade incentivadas em casa, pelos próprios parentes. Todos os aniversários eram festejados com números de dança, música, artes plásticas, teatro. Fazíamos bonequinhas de papel crepom, casca de ovo com a carinha pintada, muitas vezes com a cara dos parentes. Minha tendência para as artes plásticas foi descoberta num desses saraus. Tinha quinze anos de idade, subi num banco e desenhei a caricatura de todos os tios. Resultado: mandaram-me para o Rio de Janeiro, estudar com o Chambelland –até

que surgiu Guignard em Belo Horizonte. E a coisa mudou. O academismo não era a minha linha, tive de desaprender para começar de novo, retomando o fio da criatividade despertada na infância. Guignard foi o mestre mágico dessa transformação. De repente me dou conta que estou sentada num banco público em frente ao Colégio Coração de Jesus. Vivenciar com atenção o inesperado, o não programado, torna-se uma das formas mais diretas de se aprender com a vida.

O ônibus chega e me sento no banco da frente, um direito adquirido pelos maiores de 65 anos. Continuo anotando:

O perfume chegou antes dela e sentou-se no meu lado. Viajamos em silêncio por alguns minutos. A mulher do perfume vestia-se de forma exótica. De repente me cutucou: “Oi, dona, você tem aí um real?” Olhei para ela: “Infelizmente não posso atendê-la, estou sem troco, escolhi esse ônibus porque vou de graça, nós duas estamos no mesmo barco! Viajar na frente do ônibus vermelho é só para os velhos, gestantes e deficientes. Os jovens vão atrás.” Outro silêncio e depois a voz de minha companheira de ônibus. “Que bom a gente ser velha, não se paga ônibus!” Há vantagens em ser da Terceira Idade. Agora posso acrescentar às vantagens dos “sem carro”, também as vantagens dos aposentados: não pagam ônibus, têm desconto no cinema, preferência nas filas. Existem aulas de arte para os velhos, serenatas, viagens, horas dançantes. Entrevistei no Rio um senhor de idade, que trabalhou como engenheiro na fábrica Bangu e não tem aposentadoria nem reclama do governo. Vive de uma pequena renda, os trocados de algumas apólices, “uns trocados”, como ele diz. Mora num apartamento de quarto e sala na Rua Domingos Ferreira, bem no coração do Leblon. Chegava da praia, tostado de sol, cabelos brancos, agarrado a uma prancha usada. Todos os dias obedece ao mesmo programa de furar ondas, nadar para além da arrebentação – boiar olhando as nuvens e o céu azul do Rio. Observa o brilho do sol sobre as ondas e se familiariza com os peixes em volta. Os peixes se aproximam, são seus amigos. Só come verduras e frutas, prato de verão. À noite um copo de leite e pão, é o bastante. Seu hobby é um trenzinho elétrico que vai armando todos os dias, com apitos, paradas, estações, luzes. O passado do trem vai se transformando num brinquedo para gente grande lembrar das antigas linhas de ferro brasileiras. Maria Fumaça chegando, partindo, apitando. À noite, toca piano na mesma rua onde Vinícius de Moraes morou – toca num pequeno bar onde se reúnem pessoas para cantar. Todos cantam.

Existe um aprendizado para todas as faixas etárias, que não depende de livros. Ele acontece a cada instante na vida de cada um de nós. É só nos colocarmos em atitude receptiva.

12 de março de 2018

UMA VIAGEM AO RIO



Fotos de arquivo

3 dias no Rio

3 festas de família

3 exposições.

Foram 3 dias de festa

De criança e

Gente grande.

Luiza com 4 anos

Joaquim com 43.

Foi na Barra da Tijuca

Passando por muitas matas

Muitos túneis

Muitas praias.

Paisagens passando
Como filmes
Na ida e na volta.
Lá dentro, na festa, as crianças
Corriam, subiam
Em pontes altíssimas
Entravam em túneis
Misteriosos
E desenhavam nos intervalos.
Alegria pura
Arte e esporte juntos!
Joaquim me deu a
Passagem.
“A Bisa tem de
Estar presente
Nas festas dos bisnetos”
Não poderia faltar!
Foi uma festa atrás da outra.
No domingo o irmãozinho menor,
O Gabriel
Foi batizado
Na Igreja de Santa Inês
Onde tio Dion
Inaugurou uma creche.
Tio Dion já morreu
Tia Maria Silvia também
Mas a obra continua
Porque Vik Muniz
Doou suas colagens de santos
Para serem vendidas
Em benefício da creche.
Antes do batizado
Fomos ver a exposição

Está linda!

Valeu a pena a viagem.

Obrigada, Joaquim!

11 de dezembro de 2018

TRANSFORMAÇÕES

Escuta a voz dos jovens...

Procuro aplicar esta frase em minha vida. Estou escutando a voz dos jovens, daqueles que vieram ao mundo muitas vezes para ensinar os mais velhos a enxergar o novo. As mudanças acontecem o tempo todo, elas passam por nós e não vemos nem percebemos que elas existem, porque estamos apegados ao passado.

Esta mudança começa dentro de casa e é um reflexo da mudança que está acontecendo dentro de nós mesmos, nos caminhos internos do passado. E assim, não sabemos como nos desvencilhar daquilo que é velho porque o passado fala mais alto.

Enfim, por que acumular coisas?

São papéis, cartões, jornais velhos, revistas, sapatos, bolsas, roupas, um montão de coisas usadas, e agora, no momento, relegadas ao abandono, mas que teimam em continuar entupindo as gavetas.

“Deixa eu pôr ordem nas suas coisas, vó?”

“Pode jogar fora o que quiser, vou achar ótimo!”

Já estava saturada de guardar coisas, mas não sabia como começar. Não quis dar palpite, deixei a neta arrumar sozinha, sem intervenções.

Viajei e a deixei organizando tudo.

Quando cheguei, ganhei de presente o meu quarto arrumadíssimo, as gavetas em ordem, tudo arrumado com bom gosto. Minha sala também se organizara e até o quarto da empregada recebeu vida nova.

Esta neta caprichosa percebe o momento exato em que pode acontecer uma transformação. Assim sendo, transformou o meu desenho bidimensional em tridimensional e deu impulso para a realização de novas esculturas.

Mudança, limpeza, o externo se reflete no interno...

É hora de mudar, de organizar o ambiente em que vivemos, para dar espaço ao novo, às terras do

amanhã que ainda não foram vividas.

“Liberte-se do passado”, nos disse um dia Krishnamurti, o grande arauto da Era de Aquários.

Para isto, é importante escutar os jovens, perceber em suas atitudes este apelo para o novo.

Tenho bisnetas que já nasceram vegetarianas, outra não consegue comer doces.

De onde vem esta atitude em pessoas tão jovens? O fato é que elas enxergam a necessidade de mudança com muito mais intensidade do que nós, amarrados ao passado...

Escutar o canto da vida é estar presente, percebendo as lições que nos chegam através daqueles que estão mais perto de nós, dos jovens e das crianças. Eles percebem as terras do futuro e estão nos chamando para receber o novo a cada instante.

21 de janeiro de 2019

DAHORTA, UM AMOR À TERRA



Todas as terças
Pela manhã
O interfone
Chama lá
Embaixo.
São as verduras
Chegando.
A caixa sobe
E o perfume
De verduras
Frescas
Invade o
Ambiente.
O apartamento
Recebe a
Frescura da
Roça.
Levar verduras
De casa em casa
É uma atividade
Generosa
E saudável.
DAHORTA
Remonta
Há muitos anos
De um trabalho
Incansável
Que exige
Sacrifício
E entusiasmo.
Levantar de

Madrugada
Faça frio
Chuva ou
Vento
Não é para
Qualquer um.
Transformar o
Leite fresco em
Yogurte e
Queijo
De madrugada
Quando todos
Dormem
É um trabalho
Prazeroso
E importante.
Requer entusiasmo
Tenacidade
E muita vontade
De trazer saúde
Para as pessoas.
Sou testemunha
Deste trabalho
Silencioso
De um casal
Que se dedicou
A cuidar da
Terra.
A terra agradece
A saúde agradece.
Iara e Euler
Demonstraram
Ser representantes

Do século XXI.
Cuidar da terra
E não
Explorar
A terra.
Cuidar com
Um carinho
Especial
Dos grãos ali
Depositados
Com amor
E atenção.
Nada de fertilizantes
Tóxicos.
A terra considerada
Como Mãe
É reverenciada
Neste trabalho
Discreto e
Incansável.
O século XXI
Será das pequenas
Iniciativas
E não dos agronegócios.
Ali na fazenda
Da Luiziana
Reina alegria
E paz.
Parabéns a
Estes guerreiros
Da família
Com o grande
Exemplo

Que estão dando

Para todos nós.

10 de junho de 2019

SARAUS, ONTEM E HOJE



Fotos: Internet

Os nossos antepassados pertenceram a um tempo em que não havia TV, Internet, redes sociais, celulares. As pessoas eram amigas, faziam reuniões, saraus.

Lembro-me das reuniões em casa de D. Ester de Lima. Ela promovia em sua casa, na Rua da Bahia, festas inesquecíveis com os melhores músicos da cidade de Belo Horizonte. O importante era estar presente, participar. Os Franzen de Lima se uniram aos Salles Coelho com o casamento de tio Gerson com tia Zezé, filha de D. Ester. Tia Zezé tocou piano a vida inteira, a música era sua vida.

Naquelas reuniões escutei poemas de Carmem de Melo e o canto de Maria Lúcia Godoy. Aqueles foram os saraus de antigamente em Belo Horizonte, dos quais participei como admiradora.

No Rio de Janeiro, naquela ocasião capital do Brasil, grupos de intelectuais se reuniam na casa de tio Joaquim, em Botafogo. As reuniões aconteciam naquela casa da Rua Mariana, com a presença

de Alceu Amoroso Lima, vizinho e amigo de tio Joaquim, de Augusto Frederico Schmidt, poeta cristão muito conhecido.

Tio Joaquim era grande jornalista, interagia com pessoas inteligentes e criativas, trocavam ideias, estimulavam novas criações. Seus dois filhos, Maria Letícia e Aloysio, sempre prestigiaram as artes no Rio.

Eu mesma devo agradecer a eles o incentivo que me foi dado e ao Dr. Alceu Amoroso Lima, que prefaciou meu primeiro livro “Vivência e Arte”.

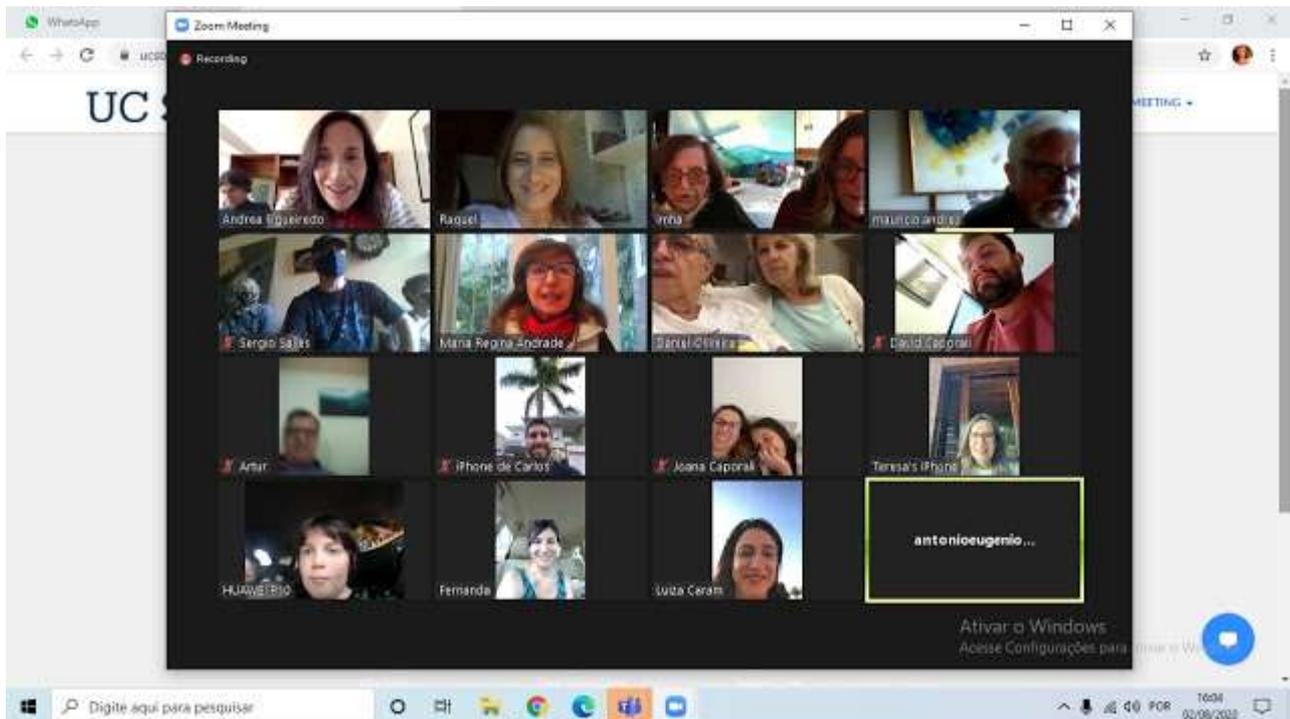
Mas, voltemos aos saraus. Eles nos deram o exemplo, e hoje, a partir de um retorno às origens, novas reuniões estão surgindo para estimular a convivência entre artistas e público.

Em Belo Horizonte, pessoas têm realizado em suas casas encontros com amigos e com artistas, ocasião em que a música e o canto são resgatados para integrar grupos e proporcionar momentos de alegria e descontração. São exemplos de organizadoras de saraus as psicólogas Graça Cunha e Do Carmo e a socióloga Diva Moreira.

Atualmente, durante a quarentena, estas reuniões estão sendo organizadas por grupos de artistas que interagem sobre um tema comum, a exemplo da reunião virtual de Lô Borges e outros músicos em torno “da janela do meu quarto de dormir”.

9 de junho de 2020

ANIVERSÁRIO NA QUARENTENA





Fotos De Arquivo

98 anos

Passados em quarentena.

Eu no Retiro das Pedras

E cada um no seu quadrado.

Me lembro

Que no ano passado

A festa foi no gramado.

Hoje, com a pandemia

O aniversário é à distância.

Cada um parte o seu bolo

E come o seu pedaço.

Gente de todos os cantos

Do Brasil e do exterior.

De São Paulo, do Rio, de Brasília, de Entre Rios

Dos EUA e até de Portugal.

Interessante ver como as pessoas estavam presentes

Apesar de ausentes.

Ausência física, presença virtual.

Caracteriza o novo normal.

Foi possível ver pessoas

Que há muito tempo eu não via.

Chegaram vídeos dos bisnetos.

De repente uma surpresa:

Aqui no Retiro das Pedras

Um bando de pequenos mascarados

Para ver a bisavó.

Todos ficaram felizes e

Ajudaram a bisa a soprar as velinhas.

E eu me lembrava do vídeo

Dos meus bisnetos

Pulando na piscina,

Espalhando água por todo lado e gritando:

“Bisa, bisa, viva a Bisa!”

17 de agosto de 2020

MEMÓRIAS DA QUARENTENA



TELEFONES

Há pessoas

Que teimam

Em ficar

Como era

Antigamente

Não têm celular

Nem usam

Computador

Só telefone.

Mas o telefone

Está ficando

Difícil...

As redes sociais

Invadiram o

Espaço.

18 de outubro de 2020

GRADES LIBERTADORAS



Desço as escadas

Segurando

As grades

Elas me ajudam

A descer.

Depois me ajudam

A subir.

Grades libertadoras

E auxiliadoras

Dos velhos que

Teimam em

Descer e subir

Escadas.

25 de outubro de 2020

PANELAS NA JANELA



Foto Ivana Andrés

Elas se enfileiram

Nas prateleiras

À espera de serem

Usadas.

Panelas novas brilhando

Panelas velhas

Entortadas

Coitadas

Não param

Nas trempes do fogão.

As panelas

Tocam

Música

Na cozinha

Fazem percussão

Nas janelas.

“Tem panela na janela

Na janela tem panela”

Escutei isto na Itália

Num ensaio de trovadores.

Eles ensaiam

Depois se vestem

Como os antigos

Trovadores, para

Se apresentarem

Em Roma, na

Piazza Navona.

2 de novembro de 2020

CAOS CRIATIVO





Fotos De Ivana Andrés

Desordem na
Sala.
Estou desenhando
Como antigamente.

14 de novembro de 2020

REDES SOCIAIS





Fotos: Arquivo Pessoal

Costumo receber nas redes sociais artigos maravilhosos, poemas de Mário de Andrade, pensamentos de Heráclito, Sri Aurobindo, Trigueirinho.

Todos eles existiram neste planeta e agora viajam para outras dimensões.

Gosto de ouvir as Cantigas de Santa Maria de Don Afonso X que, de acordo com pesquisas, é nosso ancestral.

Quanta coisa a gente recebe pela internet e elas nos elevam do plano denso, para outro superior, cheio de luz.

Posso escutar no YouTube a música de Alexandre Andrés, a flauta do Artur. E ver os dedos de Regina no teclado, acompanhando Artur na vida, inspirado no nosso momento atual.

Também na internet, Ivana e Luciano interpretam poemas e postam vídeos.

Os meus blogs, há mais de 10 anos viajam pelo mundo levando um pouco do Brasil para países distantes.

E quantos outros acontecimentos, como o aniversário de Gilberto Gil e as andanças de Caetano Veloso pelo mundo com seus filhos, tudo isso e inúmeros outros eventos e “lives”, podemos acompanhar pela internet. Não é preciso de muito esforço, apenas um “clic” no lugar certo, e podemos acompanhar a “live” da Orquestra 415 ou escutar a filarmônica de Belo Horizonte atuando ao vivo. Lembro-me da emoção ao assistir a “Marselhesa” cantada por uma artista afrodescendente, proclamando a união dos povos do mundo.

Tudo isto é lindo, produzido por pessoas escolhidas pelos guias espirituais que nos ajudam nesta travessia da vida.

Viver plenamente é estar aberto para o que nos circunda, saber separar o joio do trigo.

E olha, não estacione no joio. Ele pode nos conduzir à parte negativa que existe dentro de nós.

O que fazer?

Passar adiante, porque se está escuro, também existe a possibilidade de apreciar o canto da vida.

Nos programas culturais, as redes nos conduzem às pessoas mais distantes, podemos assistir aulas projetadas por João Diniz entrevistando Maurício em Brasília e Marília em Belo Horizonte e ter a oportunidade de aprender alguma coisa sobre os anos 60 em BH.

Daqui do Retiro das Pedras, sentada em frente à tela do computador, os personagens da família vão surgindo, conversamos, trocamos ideias. O aniversário de minha irmã Maria Regina foi comemorado on line, com pessoas de diversos países, irmãos e sobrinhos.

Gosto de enumerar os aspectos positivos da internet, tem muita gente que se recusa a aceitar as novas mídias.

Hoje, assisti uma live sobre a Covid 19, de Carlos Starling, médico e infectologista. Apreendi muito. Ele nos lembra que a vacina é um bem universal e deve ser compartilhada por cientistas de vários países.

Ontem, passei a tarde escutando a música de Keith Jarrett, “The Koel Concert”, que é considerado um divisor de águas na história do Jazz.

Uma das maiores influências que ele recebeu nesse período, segundo Artur Andrés, foi o contato que ele teve com a música de Gurdjieff de Hartman, compositor e mestre espiritualista russo.

Gurdjieff, com suas pesquisas no oriente, influenciou vários músicos, inclusive Artur Andrés que já publicou uma série de músicas do mestre russo.

Neste blog, não posso me estender em detalhes de cada obra, mas apenas aponto o quanto as

mídias podem nos ajudar nesta quarentena que estamos vivendo.

Depende de nós escolhermos o que nos faz bem.

14 de Novembro de 2020

MÚSICA NA QUARENTENA

Estou de quarentena.

Da minha janela

Eu vejo o sol

Se por.

Vejo os passarinhos.

Eu vejo Alexandre

Chegar com sua

Flauta e violão.

Vejo meu neto

À distância.

Estou de máscara

Mas a música

Vai conduzindo

Imagens, cores, sons

Para um espaço

Que não está preso

À janela do meu quarto.

A música de Alexandre

É a música das esferas.

22 de novembro de 2020

PÁSSAROS E SONHOS

Da minha janela
Eu posso ver o
Gramado em frente
Vejo pássaros cantando.
Tento me comunicar
Com eles.
Mas eles cantam
E voam.
Eu, da janela
Só posso vê-los
E senti-los como
Irmãos de uma
Só e grande energia
Criativa.

29 de novembro de 2020

NUVENS DOURADAS

Vejo o sol
Desaparecendo no horizonte
Em baixo, a terra escura.
O sol desaparece
E um bando de pássaros
Levanta voo.
Mas não são pássaros,
São nuvens coloridas,
Luminosas,

Nuvens douradas

Voando para o

Céu.

4 de Janeiro de 2021

DE FRENTE PARA AS MONTANHAS

Não saio mais de casa.

A minha casa

Se estende pelo vale

Do Paraopeba.

Lá embaixo,

Naquela montanha azul,

Está Brumadinho.

Escondida

No meio das nuvens.

Somos vizinhos,

Somos irmãos.

O céu é o mesmo.

E o mesmo manto verde,

Se estendendo

Como uma capa protetora.

Brumadinho sofreu,

E sofreremos juntos.

As montanhas vão perdendo

O contorno.

Recortadas,

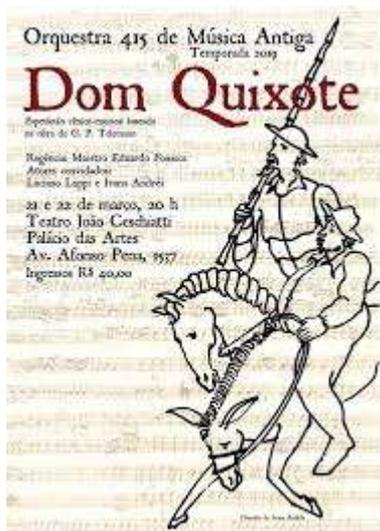
Mutiladas,

Transformadas
Pela ganância do ferro
Este minério bruto,
Encravado no chão.
O ferro segue
Para longe,
Carregado em caminhões.
Toma trens,
Toma navios,
E vai parar
Lá na Europa,
Onde vira Carro,
Computador,
Geladeira,
Celular,
Televisão.
Um pouco do ferro
Ficou aqui
Onde estou sentada.
Bem atrás de mim,
Olhando para Brumadinho
E as montanhas.
Virou escultura,
Mas é um desenho no espaço.
No vazio do desenho,
Eu entro de corpo inteiro.
Abraço minha escultura,

Que medita o tempo todo,
De frente para as montanhas.

11 de outubro de 2020

ANDRÉ SALLES COELHO





A vida é uma descoberta diária. Passo a passo ela nos mostra o novo, sem aviso prévio. Meu sobrinho André de Salles Coelho, além de músico, compositor e fotógrafo é diretor da Orquestra 415 de Música Antiga, criada em 2012 com o objetivo de oferecer ao público um espetáculo singular: a audição das obras dos compositores dos séculos XVII e XVIII com instrumentos de época (réplicas de originais tocados no período).

Isto permite ao ouvinte uma sonoridade semelhante às audições de séculos atrás, muitas vezes executadas dentro de igrejas ou em salões da corte. São verdadeiras joias do passado, pedras reluzentes de mentes criativas que muitas vezes ficaram esquecidas na distância do tempo.

André se dedica também à pesquisa de nossas origens africanas, aos ritmos do coco e do maracatu. Há anos ele dirige o grupo “Maracatu Lua Nova”, que participa de eventos folclóricos tradicionais, como reisados e congados, revitalizando a tradição da cultura afro em Minas Gerais.

André é também um pesquisador de árvores genealógicas.

Ele descobriu que o Dom Afonso X é antepassado de todos nós e que Ângela Vaz Leão é nossa parente por parte de meu pai Euler de Salles Coelho.

Ouvindo as “*Cantigas de Santa Maria*” me lembrei da *Orquestra 415*, tendo como tema *Dom Quixote*. Naquela apresentação havia também uma síntese das diversas artes: teatro de bonecos, música, poesia e artes plásticas. A arte medieval veio à tona neste século XXI como forma de reinventar a arte do nosso século.

CENTENÁRIO DE LOURDES FIGUEIREDO

Para minha irmã, Lourdes Figueiredo:

Lourdes foi a grande companheira que a vida me deu. Desde cedo fomos amigas inseparáveis, quase gêmeas.

Participávamos juntas de episódios da família, frequentávamos a mesma sala de aula no Grupo Barão do Rio Branco.

Estudamos juntas, nos formamos juntas.

Depois veio a adolescência, os “footings” na praça da Liberdade, as missas dançantes no Minas Tênis Cube.

Digo missa dançante porque assistíamos a missa das 11 e íamos em seguida dançar no Minas.

Frequentávamos também o Automóvel Cube e, desde criança não perdíamos o carnaval, vestidas com as fantasias que a mamãe costurava para as duas mocinhas.

Um dia, as duas mocinhas viram nascer uma terceira e nós nos revezávamos para cuidar daquela bonequinha com vida que era a Maria Regina.

Os quatro irmãos também participavam dos eventos da família.



Mas hoje vou falar um pouco mais desta irmã que fez 100 anos no dia 17 de maio.

Lourdes nasceu sob o signo de Touro e as qualidades de uma taurina eram suas principais características. Os taurinos são ligados à família e este foi um dos grandes predicados desta irmã tão querida por todos. Lourdes deixou saudades em todos que tiveram a felicidade de conhecê-la. Muito inteligente, era grande contadora de histórias e isto ela herdou dos Salles, em especial da vovó Ritinha e tio Joaquim.

Escrevia muito bem sobre lembranças da infância e foi grande colaboradora do meu blog. Muito amiga de todos, ela conseguiu uma integração familiar muito grande no circuito do Rio de Janeiro

onde morava.

Com isto fundou, junto com Maria Alice, filha do tio Joel e Maria Vitória, filha de tio Dion, o grupo das primas, que ficou conhecido e frequentado por todas.



Eu, que morava em Belo Horizonte, muitas vezes tomava o avião para participar desses almoços.

Lourdes casou-se em 1948 com o jornalista Wilson Figueiredo, atualmente homenageado pela Editora Gryphus.



Seus filhos são quase da mesma idade dos meus e eu os considero como filhos.

Agora, nesta comemoração de seu centenário, duas missas serão rezadas em sua memória.

Do outro lado da vida ela deve estar feliz de ver o sucesso do Wilson e as homenagens que os amigos estão lhe prestando como grande jornalista.

Presto aqui a minha homenagem também a ela, pelo seu centenário.

Parabéns aos Wilson e Lourdes, vocês merecem essas homenagens.



Fotos de arquivo

22 de maio de 2021

99 ANOS

Nesta época de pandemia o meu aniversário de 99 anos foi comemorado várias vezes. Filhos, netos e bisnetos vieram em dias alternados para evitar aglomerações. Foi uma época de muita festa.





A grande festa foi virtual, numa Live que reuniu pessoas de vários lugares ao mesmo tempo.



No meu aniversário fui presenteada com o memorial do meu marido, Luiz Andrés, meu grande companheiro de vida. Quando nos conhecemos eu estava começando a me firmar como artista plástica. Ele me deu o maior incentivo para continuar e exercer a minha profissão. Luiz morreu em 1977 com 56 anos de idade, mas a sua memória está viva. Ele incentivava todos os que o conheceram, tanto familiares quanto amigos a exercerem o que para cada um era o melhor. Luiz era metódico e disciplinado no trabalho. Memória é uma forma de situar a pessoa cronologicamente no tempo. Aquilo que foi feito pelos antepassados se reflete no presente. Foi o início da nossa live.

Em seguida eu tomei a palavra e comecei a analisar a minha trajetória artística. Cada um deu o seu depoimento: casos engraçados, poemas, agradecimentos, apresentações.

Na live um desfile de fotos. Carinhas amigas, parentes vindos das diversas regiões do planeta. Europa, EUA, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais. Temos a mesma raiz. Moramos em lugares diversos, mas estamos juntos através da tecnologia. Cada um no seu quadrado. Pensamos de forma semelhante e, se existe divergência, ela termina quando percebemos que somos todos Um.

Uma grande árvore onde os amigos são também irmãos. Unidade na multiplicidade. É a lei da

criação.



12 de junho de 2021

LUGAR SAGRADO DE ARTE

Este é um lugar sagrado de arte.

As estrelas brilham em seu entorno e, quando o dia amanhece os pássaros saudando o sol, cantam em conjunto com outros sons que partem de dentro do espaço acústico das macieiras.

Aos poucos a memória me traz lembranças da Índia.

Lá longe, mergulhado em suas histórias do mundo, um asceta vai contando a minha história.

Fomos procurá-lo por sua vidência. Ele consegue adivinhar coisas lendo em folhas de palmeira.



Quando cheguei, foi procurar a minha folha.

- “Está escrito aqui, me diz ele.”
- “Você vai ter um lugar sagrado de arte, um espaço herdado de seu marido.”
- “Este lugar vai irradiar por toda a vizinhança e ultrapassar os limites de uma região.”
- “Lugar sagrado de arte, templo de música, poesia, artes plásticas, ecologia”

Agora, estou olhando para o estúdio de Alexandre e o salão de música onde Regina compôs as músicas para cura e o Artur promovia as danças sagradas de Gurdjieff.

Este é o local da música um espaço abençoado, enxergado por um vidente na Índia.

Paro para escutar a música, ela realmente domina o espaço.

Não é necessário o uso da palavra e as discussões inúteis.

Falar pelos sons é a linguagem da música.

É a linguagem compreendida por vários povos, não tem idioma próprio.

Vou escutando a música, pensando no quanto ela poderá ajudar na reconstrução da sociedade.

As terras herdadas de meu marido são um celeiro de arte, abrigam a família em tempo de pandemia, atraem espaços para outras artes e também para as crianças.

Arte na educação, espaço de arte, contato com a terra.

Lá fora, o gado está descansando depois de um dia de trabalho.

O leite orgânico, sem agrotóxico, produz o queijo artesanal, queijo de Minas em pequeno porte, sem ambicionar grandes investimentos.

Queijo orgânico, horta orgânica, os antepassados vão gostar de ver suas terras produzindo frutas, flores, verduras e queijo e se comunicando com outras terras, via internet.

Lugar sagrado de arte é assim: “Unir a arte, a música e transformar tudo na grande e imensurável

arte de viver.

Pela manhã, contemplo da minha varanda a paisagem a minha frente, um bando de pássaros canta ao meu lado e o céu muito azul estende seu manto de paz sobre os campos à espera das primeiras chuvas.

Assim mesmo, as flores nascem na primavera.

Setembro chegou e com ele o colorido da primavera.

Preciso parar de escrever e pintar um quadro de flores.

Há muito tempo eu não uso tintas!



O ateliê rural já está pronto, reformado pela dedicação dos filhos que, mesmo estando longe, continuam ajudando.

Obrigada pelos benefícios.

Aqui, neste espaço, eu pintei quadros enormes que participaram de Bienais de São Paulo e exposições coletivas. Os quadros seguiam, enrolados em varas de bambu, para São Paulo.

Relembro aquelas obras que seguiram antes de minhas viagens para Índia.

Recomendei ao meu amigo Ianelli que cuidasse deles, colocasse moldura e os enviasse para a mostra no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Quando voltei da Índia fui ver a exposição que estava quase terminando.

O meu painel podia ser visto de longe, mandei um quadro enorme.

Ianelli comentava comigo.

– “Todos queriam este espaço, mas seu quadro coube direitinho nesta parede e lá ficou.”

Olho para o Ateliê reformado.

Marília e Cláudia estão trazendo os quadros para cima.

Fico observando o trabalho das duas, tão organizadas!

Eu me sinto parada, só observando e agradecendo a Deus de ter quem dê andamento à minha arte.

Aqui, nesta região, o Instituto Maria Helena Andrés (IMHA) foi criado e já leva seus frutos para outras regiões.

Marília está assumindo o IMHA com a competência de uma historiadora de Arte.

Meus filhos estão dando continuidade ao meu trabalho, organizando tudo com dedicação.

E a arte vai crescendo também intensamente neste Campo das Vertentes, com a participação dos filhos, cada um assumindo o seu papel.

Eliana fez a trajetória, Ivana conduziu o blog, Euler foi o primeiro presidente do IMHA.

Maurício organizou minha autobiografia e o e-book de minhas reflexões sobre arte.

Todos em torno de um ideal, produzir e divulgar, para os outros espaços, o poder transformador da arte.

O lugar sagrado de arte começou pequeno e hoje já está ficando grande, estendido aos netos e bisnetos.



Fotos: Arquivo e Internet

Vejo meus bisnetos pintando azulejos sob a direção de Isaura e, lá no Rio, outros bisnetos produzindo castelos na areia e pinturas nas paredes.

A arte vai mudar o pensamento desta nação muito sofrida.

Ela é a nossa mensagem da paz e da harmonia entre os seres humanos.

Que continuem assim é o que eu desejo.

Dar continuidade é seguir sempre a voz do coração e produzir sempre o que vem de dentro, porque

esta voz é a voz de Deus.

Lugar sagrado de arte é este, em que todas as artes podem se encontrar e criar uma sinfonia de vozes, cores, luzes, palavras.

Todas as preciosidades que recebemos gratuitamente durante a nossa caminhada nesta terra.

NOSSOS DESCENDENTES

No dia 3 de maio último, o meu marido, Luiz Andrés completaria 100 anos. Escrevi para ele a carta abaixo, que transcrevo aqui:

Luiz,

Você acreditava na arte como um caminho de desenvolvimento humano e incentivou nossos filhos nesse sentido. Quando você deixou este planeta, o Artur tinha 18 anos, entrava para a Escola de Música e você o incentivou dando-lhe um piano de presente. Ele se tornou um grande flautista e compositor de nível internacional.



Maurício dedicou-se a uma pesquisa na Índia, um estudo comparativo entre aquele país e o Brasil. Tornou-se um grande ambientalista, referência para os mais jovens.



Marília é hoje conhecida como historiadora, curadora, crítica de arte e dirige o IMHA, Instituto que

leva o meu nome.



Ivana dedicou-se a uma diversidade de caminhos na arte: desenhista, atriz e cantora. É reconhecida como poeta, integrando um grupo de poetas latino-americanos.

Eliana é professora de ioga, tendo me acompanhado em várias viagens para a Índia. É a guardiã do meu arquivo e tem participado de vários trabalhos junto comigo.



Euler é um artista da terra, durante muito tempo dedicou-se ao cultivo de verduras orgânicas e hoje trabalha na fabricação de deliciosos queijos especiais.

Os sonhos não acabam, mas se prolongam na memória do tempo.

O tempo se encarrega de realizar nossos sonhos e projetá-los para o futuro. Nós somos o passado, nossos filhos, netos e bisnetos são o futuro.

Hoje, na comemoração dos seus 100 anos, vou falar também dos nossos netos e bisnetos.

Luiz, aqui estão eles, prolongando nossos sonhos e dando-lhes vida longa.

Nossos netos foram meus incentivadores. A energia deles prolongou aquilo que plantamos como semente. Aos poucos vou percebendo esse prolongamento.

Joaquim, nosso primeiro neto, é um atleta de natação e foi por meio da natação que conseguiu bolsa de estudos para estudar em Harvard. Eu assisti à sua formatura. Foi uma festa diferente das nossas. Ao ar livre, nos imensos gramados da universidade, com banda de música e mesinhas onde

serviam coca cola e sanduíche dentro de uma caixinha de papelão. Hoje Joaquim tem sua própria empresa, no Rio de Janeiro, com muito sucesso.



Luiz, nosso neto, é um economista, professor, pesquisador e trabalha no IBGE, no Rio de Janeiro. Com grande conhecimento de informática, ele digitou o meu livro *Encontro com os mestres no Oriente*.

Teresa é nutricionista e trabalha com crianças numa escola antroposófica. Ela me presenteou com um fogão de papelão que servia para cozinhar feijão com a energia solar. Coloquei-o no porta-malas do meu carro, virado para o sol da manhã. Deixei algumas horas e o feijão cozinhou mesmo!



Roberto é arquiteto, urbanista, professor da UFMG, foi o idealizador do IMHA e, junto com Teresa, criou o Ponto de Cultura em Entre Rios de Minas. Dali surgiram artistas, músicos e professores.



Alexandre, prolongando a flauta do Artur, faz sua música ecoar pelo Retiro e pelas veredas do Campo das Vertentes. Hoje é músico, compositor e produtor musical. Construiu um estúdio para produção de cds nos terrenos da Fazenda das Macieiras. Às vezes, nesta pandemia, ele vem tocar para mim. Senta-se no banquinho do gramado e homenageia a avó, que está de quarentena.



As esculturas também não surgiram do nada, mas de Elena, uma arquiteta criativa que estava estudando o 3D em aulas de arquitetura. Eu observava aquela magia de transformar o bidimensional em tridimensional e dos meus desenhos surgiu a ideia das esculturas.



Manuel é um designer de propaganda e produziu vários vídeos interessantes para diferentes empresas. Hoje ele é diretor de uma agência de publicidade.

Davi fez intercâmbio na Tailândia, onde teve acesso aos costumes orientais. Formado em administração e relações internacionais, falando fluentemente o inglês, com muito poder de comunicação, dedicou-se à venda de aviões de pequeno porte...



Francisca é diretora do JACA, um grupo de intercâmbio cultural e residência artística, que atua no Brasil e no exterior. Hoje ela está na fazenda, incentivando os filhos a terem uma vida alternativa.

Alice trabalha na educação e hoje ela está cuidando de nossa casa na fazenda. Ela está estimulando as crianças à criação de um painel coletivo numa das paredes externa da nossa casa em Luiziana.



Joana foi a única que seguiu o seu caminho. Hoje é uma profissional de saúde e presta relevantes serviços na área. Nessa época de pandemia ela está sempre disponível para ajudar a todos da família.

Os netos são mais inventivos do que nós.

Agora, vou falar um pouco sobre os outros netos, que também vieram trazer alegria à nossa família.

São eles:

José, filho de Manuel e Cristina, que sempre está presente nos eventos da família. José viajou pelo mundo, conhecendo outros povos e ampliando novos conhecimentos à sua formação. Já esteve na Alemanha e está agora em Torgau, na Saxônia. O intercâmbio cultural é uma extensão da arte de viver, tornando os jovens cidadãos do mundo.

Também incluo o Henrique, filho de Luciano e Ivana, muito amigo nosso. Ele se aprofundou na leitura do Tarô, e pratica essa forma de conhecimento e arte, não só presencialmente, mas também através da internet.



Agora irei falar dos nossos bisnetos.

Assisti a uma aula on-line proferida por meu bisneto Otto, de apenas 10 anos de idade, uma aula sobre biomas e ecossistemas, como um prolongamento das pesquisas do Maurício.



Tudo vai surgindo como um sonho. A própria vida se encarrega desta transformação e, no sorriso dos netos e bisnetos, assistimos à alegria que a criatividade proporciona aos seus criadores.

Observar o movimento da vida é a tarefa que agora recebi como uma dádiva vinda do cosmos. Não somos donos de nada, apenas observamos e criamos!

Dentro dessas lembranças vejo Sofia e Rafaela, filhas de Joana e Carlos, cantando ao microfone num aniversário de criança. Vejo também um vídeo de Clarice, a primeira bisneta carioca, dançando dança indiana.



Em outro vídeo, Lorenzo, bisneto paulista, dança ao som dos Beatles e marca o compasso com as mãos.

Essas lembranças me passam como um filme. Agora, assisto à criançada pintando quadros, tanto na fazenda quanto no Rio e no Retiro das Pedras.

Vejo Cora e Cecília, sujas de tinta, na fazenda em Entre Rios de Minas e Luiza e Gabriel no alto das montanhas do Rio, criando grandes quadros.

Luiza quer ser artista e, desde cedo, armava um cavalete na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, para ali pintar ao ar livre.



Pedro, Olívia, Rosa Maria, Antônia, Gabriel e Vitor me presentearam com um lindo calendário de pássaros do Brasil. Uma joia que muito me emocionou. Este calendário de pássaros está agora em frente à minha mesa de jantar.

Num vídeo da Rede Globo, feito pelo Manuel, contracenaram Euler e Olivia, na fazenda da Barrinha, mostrando o valor do produtor rural em Minas! Até na Globo chegaram os nossos bisnetos artistas!



Rosa Maria canta muito bem. Logo depois de um concerto que Alexandre deu em nosso jardim, Rosa Maria surpreendeu a todos quando começou a cantar e a tocar flauta. Sua voz, muito afinada, conseguiu chamar os passarinhos. Eles escutaram com alegria o seu canto e a sua flauta



Lembro-me do Pedrinho, muito afetivo, correndo para me abraçar. Olhei o menino de perto e o achei muito parecido com você, Luiz.



As lembranças vão chegando, todos se alegram quando eu lhes dou material de pintura e a Antônia não gosta de papel pequeno. Ela é muralista dos grandes espaços.

Gabriel, filho da Chica e do Ricardo, já está grande, gosta de acompanhar o pai na represa, é contemplativo e concentrado no trabalho, enquanto Vitor, muito ativo, se aventura na conquista do desconhecido.

Nossos bisnetos, em breve, irão participar de um grande painel coletivo a ser realizado na nossa casa da fazenda Luiziânia, onde criei meu ateliê rural.

Há três meses nasceu Joaquim, o nosso bisneto mais jovem, filho da Chica e do Ricardo. Vamos ver qual das artes ele vai escolher...



Aos poucos, o espaço vai sendo preenchido com espontaneidade e arte.

Criar livremente é a proposta das crianças que, com grande entusiasmo, vão produzindo outras formas e outras cores...

Assim a vida vai se desenvolvendo ao longo do tempo.

Fotos de arquivo

13 de novembro de 2021

FILAS DO DIA A DIA



Estou sentada

Diante do pôr do sol

No Retiro das Pedras

Lembrando o dia de hoje

Também sentada em

Filas do dia a dia.

No INSS estive sentada

Numa fila de idosos.

Lá, todos são velhos

E esperam.

Eliana e Marília

Me acompanham
Nesta peregrinação.
Estou aqui
Para mostrar
Que ainda estou viva.
Todos os velhos
Estão com os filhos.
Lá fora
Há gente que passa
E pelo vidro,
Mal encoberto
Por uma cortina
De material plástico,
Posso ver
O movimento da rua.
A cortina divide,
Em pequenos retângulos,
As cenas desta
Rua Tupinambás,
Onde está localizado o INSS.
Já contei,
Quantos retângulos
Tem esta cortina:
São 20.
Em cada retângulo,
Passam pessoas
Que ainda estão na ativa!

Eu estou aqui parada
Porque estou desativada...
Lá dentro
A maior burocracia,
Meus documentos
Correm de mão em mão.
Há grande diferença
Entre a agitação da rua
E a inação de nós outros.
Aqui dentro uma senhora
Exausta, dormiu
Sobre o próprio andador.



Estou me divertindo
Com o que vejo
Através da vidraça.
Hoje estou aproveitando
A descida para BH,
Para cuidar também da saúde.
Resolvi tomar
a terceira dose

Da vacina de Covid 19.
Fui ao posto de saúde,
Na rua Cristina.
Uma fila enorme.
Mas consegui
Passar na frente de todos...
Que bom ser velha!
A vacina
Não doeu nada,
Eu estou ótima,
Agradecendo a Deus
A graça
De ter filhas ajudando,
E a fila priorizando os idosos.
O mais difícil não foi a vacina,
Mas a ladeira da rua Cristina.





Fotos de Arquivo